



Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes
Mestrado Acadêmico em Humanidades, Culturas e Artes

Mozart Cruz de Carvalho

Stefan Zweig: Chegar sem direção

Duque de Caxias

2018

Mozart Cruz de Carvalho

Stefan Zweig: Chegar sem direção

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes, da Universidade UNIGRANRIO. Área de concentração: Humanidades, Culturas e Artes, sob orientação do Professor Doutor Joaquim Humberto Coelho de Oliveira

Duque de Caxias

2018

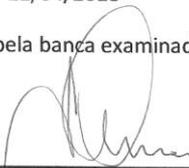
Mozart Cruz de Carvalho

Stefan Zweig: chegar sem direção.

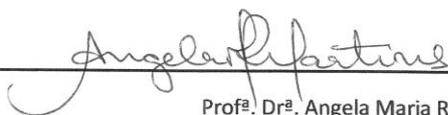
Exemplar apresentado para avaliação pela banca examinadora em

11/04/2018

Aprovado pela banca examinadora:



Prof. Dr. Joaquim Humberto Coelho de Oliveira
Orientador
UNIGRANRIO



Prof.ª Dr.ª Angela Maria Roberti Martins
Examinador Interno
UNIGRANRIO



Prof. Dr. Jose Carlos Sebe Bom Meihy
Examinador Interno
UNIGRANRIO



Prof. Dr. Alexandre José Pinto Cadilhe de Assis Jácome
Examinador Externo
UFJF

Duque de Caxias

2018

Para

MADALENA, minha mãe

AGRADECIMENTOS

Quero expressar os meus agradecimentos a todos que, pela ajuda e pelo interesse, contribuíram para a realização desta pesquisa.

Aos Professores Doutores José Carlos Sebe Bom Meihy e Joaquim Humberto expresso minha eterna gratidão pela dedicação e paciência, que destinaram à orientação, e pelas críticas e valiosas sugestões, que contribuíram para nortear a pesquisa, no sentido de rigor e profundidade. Ao Professor Doutor Sebe, como é conhecido entre os discentes, também agradeço pelos cursos de História Oral do ano curricular do curso de Mestrado, pela oportunidade de descobertas fascinantes na referida área. Ainda ao professor Sebe, que se tornou um amigo, ao longo das orientações, desde o início desta pesquisa de descobertas e incertezas, dúvidas e êxito. Sempre serei muito grato.

Um agradecimento especial à CAPES/MEC, à Universidade UNIGRANRIO, à Coordenação de Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes, pela oportunidade de receber a bolsa de estudo.

Expresso, ainda, meu reconhecimento a todos os professores que contribuíram para minha formação no decorrer do curso de Mestrado.

Dirijo uma palavra de agradecimento à minha mãe, Maria Madalena Cruz de Carvalho e aos tios Crispim de Queiroz Cruz (in memoriam), Guilhermina de Queiroz Cruz e Sandra de Queiroz Cruz.

Ao meu companheiro, Sérgio Gerônimo Alves Delgado e à amiga Adriana Bandeira, pelo apoio carinhoso de muito me ouvir e incentivar a prosseguir. Aos amigos Edoardo Paccelli e Sonia Maria Coquillard Ayres, por me auxiliarem nas traduções.

“Estar em todos os lugares é não estar em lugar algum. O vento nunca é favorável a quem não tem um porto de chegada previsto”.

Michel Seigneur de Montaigne.

RESUMO

Na elaboração da presente dissertação pretendeu-se retratar aspectos da vida do escritor Stefan Zweig, levando-se em conta sua trajetória como escritor reputado e o termo trágico de sua vivência intelectual e pessoal. Tramitando entre Europa e América, tendo padecido a vida sob o Nazismo e seus efeitos, como judeu, Zweig teve sua vivência marcada por opções que, no seu caso, nem sempre foram coerentes com as expectativas. Autor profícuo, entre os diversos gêneros que exercitou, sem dúvida, as aventuras biográficas se distinguem. Como critério documental, valeu-se do perfilamento de algumas biografias para articular propostas explicativas do “não lugar” de Zweig que afinal, depois de tantas buscas optou por um suicídio dramático no Brasil.

Palavras-chave: Stefan Zweig, Não lugar, Biografia

ABSTRACT

Elaborating the current dissertation, I have intended to retrace some of the life aspects from the writer Stefan Zweig, considering his trajectory as a reputable writer and the tragic term of his intellectual and personal experience. Wandering around Europe and America, going through sufferings of life under Nazism and its effects, as a Jew, Zweig had his life experience marked by options, which, in his case, were not always consistent with expectations. Productive author, among all his various genres, his biographical adventures are undoubtedly distinguished. As a documentary criterion, it stood out for the profiling of some biographies to articulate explanatory proposals of the "non place" from Zweig, and after so many researches he chose a dramatic suicide in Brazil.

Keywords: Stefan Zweig, Non place, Biography

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 POR QUE NÃO, STEFAN ZWEIG?.....	13
2.1 O mundo inquieto.....	24
2.2 A paz malversada.....	35
3 A FORÇOSA ERRÂNCIA: AS ENTRELINHAS DO NÃO LUGAR.....	41
3.1 A busca do lugar ideal: utopia e o não lugar.....	52
4 IMAGENS CONTROVERSAS.....	55
4.1 Duas mulheres e um escritor.....	56
4.2 Biografias: Recursos autobiográficos de Stefan Zweig.....	61
4.2.1. Maria Antonieta: o sangue aguando as terras da Europa.....	67
4.2.2. Mary Stuart: uma reflexão sobre a história.....	70
4.2.3. Joseph Fouché: aquele que convém a todos e a ninguém.....	72
5 O NÃO ENCONTRO.....	75
5.1 Diários de Stefan Zweig: ensaios para um suicídio.....	78

5.2 A pena capital e a última obrigação de Stefan Zweig.....	84
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	101

1 INTRODUÇÃO

As aulas de História Oral ministradas pelo Professor Doutor José Carlos Sebe Bom Meihy, em março de 2015, com a discussão sobre o artigo “Memória, Esquecimento, Silêncio” de Michel Pollak, foram a motivação inicial desta pesquisa.

O artigo tratou das memórias “proibidas”, clandestinas – um “fosso que separa de fato a sociedade civil e a ideologia oficial de um partido e de um Estado que pretende a dominação hegemônica”. As conversas que se seguiram e os exemplos dados foram dos sobreviventes dos campos de concentração, que após a libertação retornaram aos seus locais de origem, como a Áustria e a Alemanha. As questões levantadas na aula abordaram o silêncio das vítimas, cuja finalidade foi poupar seus descendentes das lembranças e feridas de um país.

Por ocasião da Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, conheci a senhora Margarete Christine Kaiser, residente em Petrópolis, que escreveu o livro “Um passado, uma memória – lembranças do tempo de guerra” sobre suas memórias. Li esse livro em algumas horas. Obviamente, remeti-me às aulas do Professor Sebe e, em particular, a sua fala ao tratar das memórias que expuseram a tentativa dos indivíduos de controlarem as feridas, as tensões e as incongruências entre a realidade e suas lembranças.

As observações das referidas aulas e a leitura do livro da senhora Margarete encorajaram-me a escrever para o professor Sebe, informando-lhe o meu interesse em fazer o mestrado na linha de pesquisa em que ele atua. No dia 17 de setembro 2015, recebi sua resposta: “Tenha meu total apoio. Certamente, pessoas que passaram por traumas de alcance coletivos têm o que contar. Mas é preciso saber entrevistar estas pessoas. Vamos em frente. Sugiro que veja o site do Arquivo Judaico de São Paulo e busque ler as entrevistas deles. Stefan Zweig lhe será boa porta. Vamos, sim, nos falando.”

Nossas conversas, então, foram se aprofundando sobre o escritor Stefan Zweig, somadas às leituras recomendadas e às observações feitas pelo

professor, o que o levou a postular a hipótese do não lugar, o significado humanístico do escritor, judeu que teve que encarar dilemas comuns aos intelectuais de seu tempo.

Dentro de tal perspectiva, este estudo investiga por que Stefan Zweig abordou, como homem, escritor e cidadão do mundo, a complexa questão de quem vivenciou os anos atribulados no período das duas Grandes Guerras Mundiais. Seus livros iluminaram discussões acerca do papel importante do escritor no início do século XX. O principal foco do trabalho foi a questão do não lugar e a discussão sobre os conceitos de alteridade e de empatia. A pesquisa desvelou os dilemas sofridos pelo autor e o plano da dissertação apresenta as dificuldades existenciais, a busca e o não lugar vivido por Stefan Zweig até sua morte.

A sequência de leituras levou à busca de novos recortes teóricos e, assim, chegou-se ao conceito de refletir sobre o não lugar Marc Auge, Desde então, tornou-se viável, objetivando analisar as biografias escritas por Stefan Zweig, valendo-se de personagens histórico como Joseph Fouché, Maria Antonieta, Mary Stuart, Montaigne e mesmo da "Autobiografia: o mundo de ontem".

O trabalho seguiu uma organização ordenada.

“Por que não Stefan Zweig?”: apresentou o autor analisado, em sua trajetória de vida, e a fundamentação teórica conceitual do não lugar de Marc Augé (2012).

“A forçosa errância: as entrelinhas do não lugar”: onde se discute a saída de Stefan Zweig da Áustria, país de origem, iniciando uma sofrida aventura em busca por um lugar.

“Imagens controversas”: trata das biografias que nortearam o trabalho e os personagens históricos franceses, que Stefan Zweig selecionou, com a finalidade de promover discussões sobre o momento belicoso que a sociedade europeia vivia.

“O não encontro”: tem como objetivo apresentar o desânimo e cansaço do escritor diante da vida. Stefan Zweig não encontrou mais razão para se manter

vivo e esboçou os primeiros pensamentos sombrios que o levarão ao suicídio. A sua busca não teve resultado. Não existe “encontro”.

Stefan Zweig percebeu que havia atravessado fronteiras e que tudo havia se transformado em poeira. Ele se encastelou e como o filósofo francês, Montaigne, tentou preservar a sua integridade interior contra o mundo exterior. Esse isolamento e abandono levaram Zweig a optar por desistir de sua vida – ir ao encontro do lugar: a morte.

2 Por que não Stefan Zweig?

“Três vezes eles me derrubaram a casa e a existência, desligaram-me no vácuo, no já bem conhecido não sei para onde ir” Stefan Zweig

Escrever sobre Stefan Zweig é um desafio. Escritor variado – poeta, ensaísta, biógrafo, romancista – implica assumir riscos. Este trabalho visa a enfrentar obstáculos que perfazem um arco complexo em localizações. “Homem/cidadão do mundo”, essa questão se coloca na trajetória de um autor que viveu os anos difíceis de 1881 a 1942, tendo vivido na Europa e América e viajado pelo Oriente Médio.

A soma dessas andanças colocou, como hipótese de trabalho, o significado humanístico de um cidadão judeu que teve que enfrentar dilemas comuns aos intelectuais do seu tempo. Fala-se de um pacifista? Stefan Zweig foi neutro politicamente? Isolou-se depois da interferência nazista? Ou foi corajoso para assumir posições autônomas?

E, ainda, por que Stefan Zweig pretendeu abordar alguns traços biográficos de determinadas personalidades da História? Biografias que são capazes de iluminar a discussão sobre a figura e o papel de um escritor que, apesar de conhecido, não tem merecido destaque no Brasil.

Zweig também contou parte de sua história, no livro autobiográfico “O mundo que eu vi”. Nada esteve mais longe dele do que o desejo de sublinhar sua vida como “um palestrante que faz uma apresentação com dispositivos”. Como afirmou, “o tempo fornece as imagens, eu me encarrego das palavras, e nem será tanto a minha trajetória que pretendo contar” (ZWEIG: 2014, p.13).

Personalidade marcante, aos 28 de novembro de 1881, em Viena, nasceu o segundo filho do casal Moritz e Ida Zweig. O pai judeu, da cidade de *Prossnitz*, na Morávia, hoje *Prostějov*, região de *Olomouc*, antiga República Tcheco-eslováquia e foi um bem-sucedido fabricante têxtil. A mãe, Ida Zweig, também judia, de Ancona, sul da Itália, pertencia à família Brettauer proprietária de estabelecimento bancário, uma “espécie de nobreza que algumas famílias

judaicas a si próprias atribuíam” (ZWEIG: 1956, p.19), como relatou o próprio escritor.

Stefan Zweig desde muito jovem, se preparou para sua carreira literária, pois sabia que seu irmão mais velho, Alfred, que desejava ser médico, fora reprimido pelo pai e treinado, cuidadosamente, para ocupar os negócios promissores da família. Senhor Moritz intencionava o mesmo destino para Zweig. Lembrando-se das angústias de sua infância, ele escreveu este poema, que abre o livro “Segredo Ardente”:

Ó infância, estreita prisão!
 Quantas vezes chorei por trás de suas grades
 Vendo passar, todo coberto de azul e ouro,
 O pássaro desconhecido de meus sonhos!

Ó noite de impaciência...” (BONA: 1999, p.28)

Stefan Zweig se sentiu, pois, livre para seguir naquilo que, idealmente, representava o espírito judeu, a verdadeira aspiração, o ideal que está imanente na ascensão para um nível espiritual superior, para um nível de civilização mais elevada: o intelectual. Coursou, por cinco anos, a escola elementar pública e a seguir ingressou no Maximilian Gymnasium, hoje Wasagymnasium. A instituição estava entre as escolas vienenses nas quais existia uma intensa participação da comunidade judia. Como em toda família abastada, Zweig teve, também, auxílio, em sua formação, de preceptores e de professores particulares de francês, de italiano, de inglês e de música, que lhe proporcionaram, desde cedo, desenvolver o discernimento, para o que contribuíram leituras de autores como Nietzsche, Strindberg, Baudelaire, Rilke, Walt Whitman e Valéry.

Os judeus, na Áustria, haviam conquistado uma posição de segurança e igualdade com as outras etnias e grupos religiosos no império. O século XIX, na Áustria, “tornou-se acolhedor com o fim das perseguições e discriminações” (MAGALHÃES: 1998, p.102). Ao final desse século, os judeus começaram a se organizar em grupos políticos. Existia o partido Sionista, o Socialista e o Nacionalista. O grupo sionista foi baseado nas ideias de Theodor Herzl, que defendeu a saída dos guetos e a redução da importância religiosa. Herzl defendia o assimilacionismo do judeu, que foi uma corrente de pensamento cultural presente dentro do judaísmo e floresceu durante aquele período. Esse

movimento buscava integrar os judeus na sociedade gentia (não-judia) e acreditava que a religião não deveria ser uma barreira para o ajustamento e integração sociocultural dos grupos diferentes. Esse processo poderia levar à solução contra o antissemitismo, mas foi fortemente rejeitado pelos círculos burgueses judaicos.

[...] na Áustria imperial, com conforto e sem preocupações, e os judeus já não se sentiam mais oprimidos. Raramente, percebiam ódio ou um clima de adversidade rude, mas seus pais costumavam contar-lhes como sua juventude fora mais dura, difícil e hostil. De forma geral, prevalecia então nos círculos burgueses da Europa central a opinião de que a segregação dos judeus e o antissemitismo eram fenômenos em extinção. [...] a brochura de Theodor Herzl só podia gerar indignação nos círculos judaicos burgueses, que amavam a democracia e creditavam em seu triunfo definitivo na Terra como se fosse uma religião mais do que acreditavam em sua própria religião. (ZWEIG: 2013, p.237)

O ginásio, do qual não gostava, pois pouco tempo lhe sobrava para atividades esportivas e “passeios a pé e, sobretudo, para a alegria e os divertimentos” (ZWEIG:1956, p.35), frequentava pelo período de cinco a seis horas por dia. Em suas horas extras, dedicou-se aos estudos das línguas clássicas como o grego e o latim. Nas madrugadas, Stefan Zweig lia os autores consagrados, atividade que só lhe trouxera prazer.

Zweig narrou, de forma crítica, em "Autobiografia: o mundo de ontem", os anos iniciais de sua vida acadêmica. Para ele, a escola, daquele tempo, era “um lugar onde devíamos assimilar em porções exatamente medidas o que não deveria ser sabido” (PRATER: 1991, p.25). Isso não lhe trazia felicidade, uma vez que os métodos de aquisição de conhecimento nas escolas lhe eram atos ineficientes para a trajetória acadêmica: aprender apenas por aprender. Ele censurava a aridez das instituições de ensino. A arquitetura do prédio lhe parecia sufocante com corredores frios e mal caiados, com salas de aula de pé direito baixa, com janelas fechadas e com pouca luminosidade. Um ambiente repressivo e desolador. Considerava, também, as atividades escolares “monótonas, estúpidas e sem cordialidade” (ZWEIG: 1956, p.36). Sobre isso, aliás, registrou:

A escola era para nós um lugar de coação, tédio, um lugar onde tínhamos que ingerir a “ciência do que não vale a pena ser sabido”, exatamente dividida em porções, matérias escolásticas ou tornadas

escolásticas, que sentíamos não poderem ter relação alguma com o interesse real e o nosso interesse individual.

Foi, contudo, nos bancos escolares que Zweig aprendeu algumas das virtudes mais eficazes para sua vida pública: a moderação e o comedimento.

Começou a escrever muito jovem, aos dezessete anos de idade, em 1898, para uma revista berlinense chamada *Deutsche Dichtung*, na qual se correspondia com o diretor, um importante escritor austríaco, o senhor Karl-Emil Franzos. Seguiram-se outras publicações no *Die Gesellschaft*, dirigido por Ludwing Jacobowski¹ e no *Zukunft*, de Maximilian Harden. Essas ligações literárias lhe imprimiram maior segurança para exercitar seu espírito crítico, escrevendo novelas, que só se arriscou a publicar ao ingressar na universidade.

Nos dois últimos anos no *Maximilian Gymnasium*, Zweig colocara seus poemas em vários jornais e revistas, como: *Berliner Morgenpost*, *Prager Tageblatt*, *Magazin für Literatur*, *Südwestdeutsche Rundschau*, *Badische Landeszeitung* e outros que concordaram em publicá-lo. Ele sentia em seu espírito a manifestação das palavras de Goethe: “Que na arte, como na vida, nada esteja jamais terminado, mas que haja o infinito em movimento”.

No último ano de escola, Stefan Zweig organizou uma seleção de poemas, como declarou:

Eu já publiquei de cento e cinquenta a duzentos poemas, escrevi o dobro, e reuni agora em um volume, *Silberne Saiten* (Cordas de prata), cinquenta poemas designados pela mais rigorosa seleção. O senhor poderá avaliar a minha intransigência contratando que muito poucos já foram publicados no “*Deutsche Dichtung*”, ele escreve a Franzos em novembro... “Acredito, no entanto que se trata de um bom trabalho, e por isso entrei em contato com um dos melhores editores para que seja publicado. (PRATER: 1991, p.32)

Em 1901, *Silberne Saiten* (Cordas Prateadas), sua antologia, foi enviada com cuidado à editora Schuster & Loeffler, na época a mais expressiva para a lírica alemã, e foi aceita. Esse constituiu o seu primeiro livro publicado com a

¹ Ludwing Jacobowski: filho de um comerciante judeu. Foi um grande defensor dos direitos dos judeus no Verein zur Abwehr des anti-semitismus e publicou “*Der Juden Anteil in Verbrechen* (1892) e *Der christlicher Staat und seine Zukunft* (1894). Seus escritos refletem tentativas para encontrar a síntese entre o judaísmo, a cultura alemã e sua tragédia pessoal.

página de rosto ilustrada por Hugo Steiner² e uma dedicatória aos seus pais. Rainer Maria Rilke³, o poeta e dramaturgo austríaco, dizia que o livro de Stefan Zweig, “Silbene Saiten”, era seu livro de cabeceira, depois da Bíblia. Seguem dois fragmentos de seus poemas no livro da antologia:

*Treten möcht' ich durch die offene Pforte
Und im Dämmer einer Liebste Worte
Flüstern, bis Gewährung ihre Wangen rötet,*

*Dort, wo hinter goldumglänzten Gittern,
Rote Rosen vor Erwartung zittern
vor dem Herbst, der sie in seinen Armen tötet...⁴*

e

*Die Tage stiegen längst die goldenen Leiter
Des Sommers nieder, Spätglanz wärmt das Land.
Die Schatten wachsen früh und fallen breiter
Von Allen Bäumen in des Abends Hand.⁵*

Terminara o século, quando Zweig concluíra o ginásio. Seus pais tiveram a intenção de colocá-lo para trabalhar na fábrica junto ao seu irmão. Após “um confronto físico que resultou num dedo quebrado de Moritz” (DINES: 2012, p.121), seus genitores resolveram enviá-lo para a universidade. Um novo horizonte se abriu e nada lhe desencorajou a paixão pelas letras. Como disse

² Hugo Steiner nasceu em 12/12/1880, em Praga e morreu em 10/09/1945. Ilustrador, cenógrafo e professor. Em 1905 converteu-se do judaísmo ao catolicismo e 1907 assumiu a cidadania alemã. Hugo Steiner tornou-se conhecido através de suas ilustrações para os poemas de Lenau, contos de fadas de Andersen e Os Elixires do Diabo, de Hoffmann. Em 1915, ele ilustrou o romance de Gustav Meyrink, *The Golem*. Após a tomada do poder pelos nacional-socialistas em 1933, ele perdeu o cargo de professor e voltou para Praga. Steiner fundou, com apoio do governo tcheco, um centro de treinamento para jovens talentos chamado de Oficina Pragensis. Após a invasão alemã, emigrou para a Suécia em 1939 e finalmente para os Estados Unidos em 1941. Em 1942 ele se estabeleceu em Nova York, lecionou na universidade e foi membro do Instituto Americano de Artes Gráficas.

³ Rainer Maria Rilke nasceu em 4/12/1875, em Praga, Império Austro-Húngaro e morreu em 29/12/1926, em Valmont, Suíça. Poeta de língua alemã. Em 1894 fez sua primeira publicação, uma coleção de versos de amor, intitulados *Vida e canções (Leben und Lieder)*. O século XX trouxe para a poesia de Rilke um afastamento do lirismo e dos simbolistas franceses com os quais ele se identificara. Em 1905, publicou *O Livro das Horas* de grande repercussão à época. Em 1902 foi para Paris, onde trabalhou como secretário do escultor Auguste Rodin entre 1905 a 1906. Rodin exerceu grande influência sobre o poema de Rilke. Quando estourou a Primeira Guerra Mundial, em 1914, Rilke morava em Munique e lá permaneceu durante todo o conflito. Após o conflito na Europa, Rilke mudou-se para a Suíça, a última de suas pátrias de eleição, onde viveu seus últimos anos.

⁴ Gostaria de atravessar a porta aberta/E, no crepúsculo das palavras mais queridas,/Sussurrar, até enrubescer suas bochechas./Aí, onde atrás de brilhantes grades douradas,/Rosas vermelhas tremem na espera/do outono, que as mata nos seus braços. (Tradução de Edoardo Pacelli)

⁵ “Os dias sobem ao longo da escada dourada/O sol, baixo, com tardio esplendor aquece a terra. As sombras crescem cedo e caem mais largas/De todas as árvores, na mão da tarde.” (Tradução de Edoardo Pacelli)

Prater⁶, Zweig se inscreveu “em filosofia e escolheu a história e as línguas românicas como disciplinas complementares, mas estudava pouco e não era visto com frequência nas aulas”. Trabalhou muito para consolidar seus interesses literários: poesia, contos e crítica, pois, em 1901, foi convidado diretamente por Theodor Herzl, a colaborar no caderno cultural do prestigioso jornal vienense *Neue Freie Presse*. Esse jornal era a aspiração de muitos escritores e o desejo de iniciantes. Nele apareceram, por exemplo, assinaturas de escritores como: Anatole France, Gerhardt Hauptmann, George Bernard Shaw, Hugo Von Hofmannsthal. O escritor conseguiu, rapidamente, um lugar preponderante na esfera literária e cultural de Viena valendo-se de um comentário de Herzl: “Viena não estava sendo ameaçada por uma decadência da arte, já que havia ao lado de Hofmannsthal uma multidão de jovens talentos, tendo Zweig à frente” (PRATER: 1991, p.35).

Leitor contumaz, escreveu sempre e, principalmente, se correspondeu com amigos literatos. A procura inquietante pelo gênero literário, que pudesse melhor expressar seus anseios, demandou cuidado e aguçado senso estético para analisar os aspectos da vida. Stefan Zweig foi amigo e intérprete de figuras de seu tempo como: Rainer Maria Rilke, Verhaeren, Thomas Mann, Romain Rolland, Joseph Rothe, James Joyce, Rodin, Sigmund Freud, Mahler, Toscanini, Moissi, Kainz, Hertz, Berta Von Suttner e outros que compunham o melhor cenário da intelectualidade mundial. Conservou a discrição como uma forte aliada e inquietava-se com a posição de poeta lírico, então decidiu impor-se como prosador, escrevendo novelas. Ser um homem de letras, para Zweig, era uma busca. Era exprimir o essencial por meio das palavras. Escrever, para ele, não era apenas se tornar capaz de exprimir a originalidade, mas ser alguém que desempenhava um papel social, que tomava posição relativa ao seu tempo e que correspondia às expectativas do público leitor.

O jovem austríaco viveu as transformações da fascinante Viena do final do século XIX e início do movimentado século XX. A cidade, sob domínio dos Habsburgo, era capital do Império Austríaco e, depois, do Império Austro-Húngaro. Berço de Schubert e Strauss, residência de compositores como

⁶ PRATER, Arthur Donald. Diplomata britânico de carreira, com postos na Alemanha, Suíça e na Áustria, onde seguiu os passos de Stefan Zweig publicando sua biografia nos anos 1960. Escreveu, também, uma biografia de Rainer Maria Rilke (1986) e Thomas Mann (1995).

Mozart e Beethoven, Viena caracterizava-se como um dos maiores centros culturais da Europa.

Seus estudos em Literatura e Filosofia prosseguiram. Zweig, no terceiro ano universitário, já determinara a direção que tomaria diante da vida: Engajou-se na arte literária e devotou-se “ao novo espírito europeu que reconheceu em Verhaeren” (PRATE: 1991, p.39), uma vez que a personalidade literária do poeta belga lhe inspirou o espírito do universalismo, pois a obra ultrapassava os interesses locais de seu país e passava a interessar o mundo todo ou parte possível dele. Tomou a decisão de engajar-se na profissão de escritor e, a pedido de seus pais, ingressou no doutorado, concluído em 7 de abril de 1904, defendendo a tese, aprovada com louvor, sobre a filosofia de Hippolyte Taine⁷. Assim comentou sobre a aprovação, em seu livro, “Autobiografia: o mundo de ontem”:

Foi a primeira vez que passei em um exame com louvor, e, espero, também a última. Agora estava extremamente livre, e todos os anos até o dia de hoje foram dedicados com exclusividade a luta – em nossos dias cada vez mais dura – de também me manter interiormente livre. (ZWEIG: 2014, p.122)

Zweig tinha a intuição de que “a liberdade para ele viria de outro lugar, de um universo paralelo onde, contrariamente àquele onde vivia, ninguém sofria constrangimentos” (BONA: 1999, p.41). Ele acreditava que o mundo dos poetas e dos escritores, bem como o mundo dos livros e dos teatros, revelava liberdade e leveza. Tudo iluminava a vida com entusiasmo febril e espontâneo, “que se assemelha a um primeiro amor” (BONA: 1999, p.41).

Encerradas suas obrigações acadêmicas, Stefan Zweig dedicou-se ao que mais gostava de fazer: ler e escrever. Zweig, constantemente, redigia poemas, críticas literárias, novelas e ensaios. A realidade seria sempre mais encantadora e bela, se vista pelos olhos do artista. Para Stefan Zweig, a função do escritor era transformadora e devia manter-se em eterna busca. Não se vê “o mundo olhando apenas para o próprio umbigo. Por isso ele lê História, por isso estuda filosofia – não para se instruir ou se deixar convencer, mas para ver

⁷ Hippolyte Adolphe Taine: nasceu em 21 de abril de 1828, Vouziers, França e faleceu em 5 de março de 1893. Crítico e historiador francês, membro da Academia francesa. Foi um dos expoentes do Positivismo do século XIX. O Método de Taine consistia em fazer história e compreender o homem à luz de três fatores determinantes: meio ambiente, raça e momento histórico. Estas teorias foram aplicadas ao movimento artístico realista.

como outros homens fizeram para pôr seu Eu em meio a outros” (ZWEIG: 2015, p.66).

“No verão de 1905 ou 1906”, relatou Zweig, em “O mundo que eu vi”, sobre a peça “Tersites”, da qual fora um crítico rigoroso, que o valor daquela obra estava na forma, um drama, revelando a disposição do seu espírito, o qual, definitivamente, nunca tomaria o partido dos “heróis”, mas sim do indivíduo que era vencido, como ele próprio dizia:

Em minhas novelas tomo sempre o partido de quem sucumbe ao destino, nas biografias dou preferência à figura do que tem razão, não o espaço real do êxito, mas sim apenas no sentido moral, a Erasmo e não a Lutero, a Maria Stuart e não a Izabel, a Castilho e não a Calvino. Por isso também então não apresentei como a figura heroica Aquiles, mas sim o mais obscuro dos seus antagonistas, Tersites, a pessoas que sofre em vez da que por sua força e certeza do triunfo causa sofrimento aos outros. (ZWEIG: 1956, p.156)

Stefan Zweig ficou muito impressionado com o escritor, filósofo influente e proeminente político judeu Walther Rathenau, autor dos aforismos publicados pela revista Zukunft, de Maximilian Harden. Esses aforismos introduziam ideias e avaliações críticas, as quais não permitiam dúvidas sobre os objetos e/ou assuntos tratados. Implicando dizer que o significado de uma palavra não está relacionado com o objeto que ela representa em um mundo baseado em fatos, nem com as entidades mentais que a pronuncia ou na leitura da palavra representada. O que realmente interessava na hora de se estabelecer era o significado da palavra no momento em que o falante consegue dizê-la e em que o ouvinte consegue compreendê-la nas falas. Aforismos são textos concisos e taxativos, que apresentam um discurso quase sempre doutrinador, conciliando literatura e filosofia. O filósofo Wittgenstein⁸ nos afirma que “a linguagem é um labirinto de caminhos. Você vem de um lado, e se sente por dentro; você vem de outro lado para o mesmo lugar, e já não se sente mais por

⁸ Wittgenstein, Ludwig. (1889-1951) filósofo austríaco que contribuiu com colocações inovadoras para a filosofia moderna, nos campos da lógica, da filosofia da linguagem e da mente. A filosofia de Wittgenstein foi dividida em dois períodos: o primeiro, denominado Wittgenstein I, é o período anterior a 1929, que corresponde ao “Tratado Lógico-Filosófico”, e a enorme influência que exerceu sobre o Círculo de Viena, que era formado por um grupo de filósofos que se juntou informalmente na Universidade de Viena de 1922 a 1936 com a coordenação de Moritz Schlick. A proposta era reconceitualizar o Empirismo a partir das novas descobertas científicas e demonstrar as falsidades da Metafísica. O segundo, denominado Wittgenstein II, é o período posterior a 1930 e correspondente às “Investigações Filosóficas”, que exerceram grande influência sobre a filosofia analítica em geral, e sobre as escolas de Cambridge e de Oxford.

dentro” (WITTGENSTEIN: 1994, p.114). Dessa forma, os aforismos cumprem a função de verbalizar pensamentos, sentimentos e são apropriados para traduzir em palavras uma realidade presenciada.

Foi Rathenau que o aconselhou a iniciar sua peregrinação para além dos portões da Europa: “O senhor não poderá compreender a Inglaterra enquanto só conhecer a sua ilha, nem o nosso continente se não tiver saído dele ao menos uma vez” (PRATER: 1991, p.56).

Zweig “com a curiosidade como bagagem, [...] é um viajante em tempo integral. Mesmo ancorado em casa” (DINES: 2012, p.89). Ele foi um homem que buscou lugares. Provocado pelo demônio da curiosidade. Guiado pelo desejo de ver, aprender e encontrar. “Nunca satisfeito com o que lhe é familiar, carrega consigo a sede das descobertas” (BONA: 1999, p.68). As palavras de Rathenau soaram-lhe como uma sinfonia de liberdade, lançando o jovem escritor, definitivamente, ao mundo:

O senhor é um homem livre, use a sua liberdade. A literatura é uma atividade maravilhosa pelo fato de que a presa não exerce nenhuma função nela. O que é um ano mais cedo, ou um ano mais tarde, para um livro? Por que não vai um dia à Índia e à América? (PRATER: 1991, p. 56)

Essa recomendação rendeu a Zweig visitas ao Ceilão⁹, Madras¹⁰, Agra¹¹, Gwalior¹², Calcutá, Benares¹³, Himalaia, Rangum¹⁴, o rio Irrawaddy (Birmânia) e a Indochina¹⁵. Zweig ultrapassava as fronteiras da Europa em busca de conhecimento e lugares. Nada seria igual a partir do alargamento do mundo. Seu regresso à Europa, em abril de 1909, revelou que a viagem havia sido uma fonte de experiências enriquecedoras, mas que gostaria de encontrar, em Paris, admiráveis amigos, principalmente o romancista Jules Romain, o poeta

⁹ Atual Sri Lanka

¹⁰ Atual Chennai. É a capital e a maior cidade do estado de Tamil Nadu, localizado no extremo sul da Índia.

¹¹ Agra é uma cidade do estado de Uttar Pradesh, na Índia. Situa-se nas margens do rio Yamuna. O famoso Taj Mahal é o principal tesouro artístico da cidade.

¹² Gwalior é uma cidade do estado de Madhya Pradesh, na Índia. Localiza-se no centro do país. Foi capital de um principado semi-independente até 1947.

¹³ Varanasi, comumente conhecida como Benares e, localmente, como Kashi. É uma das cidades mais antigas do mundo. Pertence ao estado de Uttar Pradesh, na Índia. Localizada às margens do Rio Ganges.

¹⁴ Rangum é a maior cidade de Myanmar (antiga capital). Conhecida como "cidade sem inimigos".

¹⁵ Atuais Vietnã, Laos, Camboja e Tailândia

Rilke e o poeta Verhaeren, pelo qual nutria uma profunda admiração, como descrevera para a escritora sueca Ellen Karolina Sofia Key¹⁶, em 1905:

Durante a minha estada de um ano em Paris, ele me integrou completamente à sua vida como um amigo e, posso dizer com orgulho, como um homem, a despeito da nossa diferença de idade. O senso de amizade é o dom mais precioso de Verhaeren, ele tem uma maneira modesta e bela de conquistar as pessoas. (PRATER:1991, p.57)

Zweig continuou envolvido em trabalhos literários intensos. Pensou em escrever um livro sobre Verhaeren, mas, como nem todos os seus amigos partilhavam dessa idéia, escreveu, então, um ensaio biográfico sobre o poeta que tanto admirava, dedicando-se a outros trabalhos pessoais e viagens. Durante sua juventude, não tinha necessidade de trabalhar. Vivia de renda, mas depois se somaram os bons retornos financeiros, advindos de seus contínuos sucessos literários, não só na Alemanha, na Áustria, mas também no mundo, o que lhe garantia uma vida confortável.

A biografia foi uma de suas marcas. Estabeleceu seu interesse em personagens reais para contar suas histórias e explicar os fatos da contemporaneidade. É um “convite à viagem artificial no passado, fortemente ligada aos fatos, a maior parte das biografias era acrítica e lançava suas raízes no terreno das paixões coletivas” (DEL PRIORE: 2009, p.8). Existia um fascínio, por parte de Stefan Zweig, de descortinar segredos e os episódios históricos de personagens vencidos. Nele, vivia um desejo de atravessar o tempo, o espaço e caminhos. Uma viagem rumo ao histórico com a finalidade de dar sentido à existência. Inquieto, Zweig apresentou personalidades do domínio do Estado, nas biografias das rainhas Maria Antonieta e Mary Stuart, ou mesmo retratou a psicopatia do poder mostrando um personagem traidor, desleal e frio, como Joseph Fouché.

O escritor selecionava, para biografar, somente as personagens que estavam na encruzilhada dos acontecimentos. Aquelas que demonstravam serem indivíduos reveladores do pacifismo e testemunhas de uma época, como Erasmo de Rotterdam, Fernão Magalhães e ele mesmo, com a “Autobiografia:

¹⁶ Escritora feminista. Tornou-se conhecida do público em geral com o panfleto “*Sobre a Liberdade de Expressão e Publicação*” (1889).

o mundo de ontem”. Zweig se preocupou em tornar as narrativas da vida dos biografados mais palpáveis, deixando-as mais tangíveis à significação humana do que histórica. Ele é capaz de se encantar pelas sombras e se justifica, quando declara que “tudo o que é confuso anseia clareza e tudo que é escuro, pela luz” (ZWEIG: 1960, p.5).

Visitou, em 1911, os Estados Unidos, onde em Nova York sentiu a plena sensação de liberdade. Para Zweig, era odioso o sentir-se prisioneiro, novamente buscava o lugar. Nesse país, ninguém questionara sua nacionalidade, sua religião e/ou origem (PRATER: 1999, p.62). Seguiu visita para o Canadá, ao canal do Panamá, às Antilhas, à América, sobretudo à América Espanhola (PRATER: 1999, p.62). Conheceu Cuba, Jamaica e Porto Rico. Mais uma vez, Stefan Zweig foi à busca de um lugar.

O jovem Zweig colocou em prática um velho princípio, como ele mesmo nos relatou em “Autobiografia: o mundo de ontem”: viver e deixar viver. Os anos seguiram livres e cheios de esperança. Em 1912, conheceu a sua primeira mulher, Friderike Maria Von Winternitz, com quem se casaria oito anos depois. E, ao seu lado, amparado pela força e auxílio dessa mulher, Stefan Zweig continuou sua busca. Prosseguiu em sua saga literária. Os ventos de mudança trouxeram o primeiro dilema biográfico: escrever sobre Dostoievski ou Balzac. Como admirador do escritor Honoré de Balzac, fundador do Realismo e notável por fazer observações de cunho psicológico, Zweig escreveu “Balzacs Codice von Eleganten Leben” (Tratado de vida Elegante de Balzac) e “Karl Loewe, der Dichter” (O poeta Karl Loewe), ambos artigos publicados em 1912, no “Literarische Echo” de Berlim. Na “Newe Freie Presse”, publicou um artigo sobre Jacob Wassermann¹⁷. Em 1913, finalmente, dedicou horas ao estudo de Dostoievski, escrevendo um ensaio biográfico sobre o autor russo. Zweig “vive o presente através da atmosfera espiritual do passado” (DINES: 2012, p. 143), um passado em que o mundo vivia a ilusão de que a expansão territorial aumentaria suas riquezas e garantiria a prosperidade das nações.

¹⁷ Jakob Wassermann. Nasceu em Fürth, 10/03/1873 e faleceu em Altaussee, 01/01/1934. Foi um escritor e romancista alemão. Por ser de origem judaica sofreu muito pelo antissemitismo dos alemães. Com o nazismo, provou o amargor do exílio, sendo igualmente destituído de sua cadeira na Academia Prussiana de Letras.

2.1 O mundo inquieto

“Não havia dúvida: eu estava viajando rumo à guerra.” Stefan Zweig

A Europa vivia transformações que abalavam o Império Austro-Húngaro. A Sérvia dobrou de tamanho físico e em número populacional após as Guerras dos Bálcãs¹⁸, mobilizando “seu exército, levando a Áustria-Hungria a ordenar uma mobilização parcial de suas tropas, mas quando a Alemanha declarou apoio a Áustria-Hungria, a Rússia recuou” (SONDHAUS: 2015, p.32). A Sérvia não cumpriu seu compromisso de não aniquilar o Império Austro-Húngaro, acirrando ainda mais as disputas entre eles.

O mundo vivia uma atmosfera fria e tensa. Em 1908 a Áustria anexou a Bósnia-Herzegovina impedindo que a Sérvia mantivesse sua política de organizar a “Grande Sérvia”, que reuniria as regiões balcânicas de povos eslavos. As pretensões austríacas fizeram crescer os movimentos nacionalistas na região. Entre as muitas sociedades secretas surgidas, “a Mão Negra, como ficou conhecido o grupo terrorista, conseguiu eliminar seu principal alvo” (SONDHAUS: 2015, p.56), Francisco Ferdinando, herdeiro do Império Austro-Húngaro, que visitava à Bósnia no final de junho de 1914. Ao desfilar em locais públicos sem um esquema especial de segurança, o arquiduque foi alvo fácil de um atentado, sendo assassinado, por “um bósnio chamado Gavrilo Princip, de dezenove anos” (SONDHAUS: 2015, p.56). As consequências desse ato foram muito além de alterações de fronteiras; revolucionou relações de poder dentro de sociedades e para além do âmbito militar, político e diplomático: “Naquela manhã de domingo, em Sarajevo, a Sérvia dava início a Primeira Guerra Mundial” (SONDHAUS: 2015, p.77).

Em “Autobiografia: o mundo de ontem”, Zweig narrou os acontecimentos de um verão em Baden, 1914. Contou, por exemplo, que “lia atento e fascinado” sobre Tolstoi e Dostoiévski quando a banda parou de repente: “Levantei-me e vi que os músicos abandonavam o pavilhão” (ZWEIG: 2014,

¹⁸ Guerra dos Bálcãs (1912-1913): duas guerras curtas, que ocorreram na região sudeste europeu dos Bálcãs, entre Sérvia, Montenegro, Grécia, Romênia, Turquia e Bulgária pela posse dos territórios europeus remanescentes do Império Otomano.

p.197). Isso lhe pareceu estranho, mas logo a notícia preencheu o local como se lê no registro:

[...] informando que sua Alteza Imperial Francisco Ferdinando, o sucessor do trono, e sua esposa, que estavam na Bósnia a fim de assistir às manobras militares, haviam sido vítimas de um atentado político. (ibdem)

Os jornais publicavam, rotineiramente, obituários e expressavam a indignação pelo atentado. Zweig percebeu um cenário de total desestabilização na Europa e se desesperou ante a incapacidade de mudanças: “durante a guerra as palavras são impotentes. Lutamos nela ou nos calamos” (PRATER: 1991, p.90). Resolveu se envolver na proposta de Romain Rolland de fundar, na Suíça, uma associação internacional, composta por intelectuais influentes, como: Gerhart Hauptmann, Herman Bahr, Frederik van Eeden, Ellen Key, Gorki, Benedetto Croce, Verhaeren, Spitelier, Sienkiewicz e Shaw ou Wells. O propósito era combater o ódio entre as nações europeias com uma eficaz campanha contra a guerra, mas não funcionou. Zweig deixou registrada a frustração em seu diário:

Samedi 26. Réfléchi um peu sur moi-même. Je suis à présent si étrangement exclu, vraiment jê n'ai aucun droit d'être Du cote des Allemands, parce que je ne suis pás allemand à cent por cent. Plus jê me sonde, moins je me sens capable d'une adhésion frenche et, sans détour, y compris à l'hériïsme, car Il a quelque chose de servile. L'idolâtrie impériale, p. ex., m'est insupportable, de même que la flatterie envers lês princês, l'absence de sens démocratique qui se fait jour si terriblement, quel contraste avec La France et l'Angleterre! Jê ne peux parler de cela qu'avec de très rares personnes, tous sont obnubiés, abrutis par l'atmosphère beliqueuse – peu-être est-ce eux qui ont raison. Moi, ces événements ne me procurent qu'une douleur source à laquelle aucune joie ne se mêle. (ZWEIG: 1986, p. 126)

A Primeira Guerra Mundial (1914 – 1919) tornara Stefan Zweig um humanista de valor, um pacifista, um homem com o desejo claro de que a Europa deveria garantir a paz e a boa convivência entre os povos, e, afinadas com seu pensamento, estavam as palavras do aclamado escritor alemão, Goethe, que dizia “o homem se mantém acima das nações e sente as alegrias e as tristezas de um povo vizinho como se tratasse de sua pátria.” Fraquejara ao confessar, que só lhe restara a atitude de “ficar calado enquanto os outros delirassem e bradassem. Não foi fácil. Pois, nem viver no exílio – que conheci o suficiente – é tão ruim quanto viver sozinho na pátria” (ZWEIG: 2014, p.214).

Em “Autobiografia: o mundo de ontem”, ele declarou que não havia sucumbido de imediato ao chamado da Guerra, por ser um humanista e que, “para odiar de um dia para o outro um mundo ao qual era tão ligado quanto à minha pátria” (PRATER: 1991, p.87), era algo que lhe seria muito doloroso. A Primeira Guerra, portanto, lhe causou um impacto irremediável: “a invasão da Bélgica pelos alemães em 1914 incendiou a poesia do mestre (Emile Verhaeren), empurrou-o para o patriotismo, enquanto o pupilo (Zweig) se inclinava para a direção contrária, para o pacifismo de Romain Rolland” (ZWEIG: 2013, p.75). Seu mestre se tornara o poeta inimigo. De um momento para o outro “o destino obrigou-me a estar longe [...], a língua se tornou fronteira entre povos; a pátria, uma prisão; a solidariedade, um crime” (ZWEIG: 2013, p.76). Zweig sofreu com a insanidade do conflito, do qual não conseguia compreender as razões.

Naquele momento conturbado e com auxílio de Friderike, ele concluiu a obra biográfica sobre Dostoievski, autor que, sob o seu olhar sabe “colocar junto ao mundo real outro mundo, como segunda realidade.” (ZWEIG: 1960, p.1). Essa percepção despertou, em Zweig, uma busca pelo seu “eu”, uma busca por um mundo que pudesse mudar uma realidade cruel. Ele sabia que “cada vida é um exemplo, um convite a compreender para melhor amar” (BONA: 1999, p.100). O escritor Dostoievski iluminou-lhe a vida. Zweig tentaria aplicar para si a ideia de que é necessário “amar mais a vida que o sentido da vida”, mas não conseguiu, uma vez que a Primeira Grande Guerra explodiu e derrubou o seu “castelo de sonhos” (ZWEIG: 2014, p.23): “Acreditava-se tão pouco em retrocessos bárbaros, como guerras entre povos da Europa, quanto em bruxas ou fantasmas” (ZWEIG: 2016, p.22). Em “O mundo da segurança”, Zweig demonstrou sua profunda decepção, uma vez que o mundo das trevas dostoievskiano espelhava a Europa.

Quando entregou-se, finalmente, ao chamado da Guerra, prestou serviços nos Arquivos de Guerra, do exército Austríaco, ao lado de Albert Ehrenstein, Hermann Bahr, Franz Werfel e o poeta Rainer Maria Rilke, onde produziram folhetos e periódicos sobre a guerra, organizaram documentos e, em suma, maquiaram os episódios cruéis de enfrentamento com o inimigo. Diante do ódio que tomara a Europa, Zweig precisou encontrar um lugar de paz, entretanto “submete-se ao Estado de Guerra” (DINES: 2012, p.153).

Em 1917, Zweig escreveu o texto “Jeremias”, poema dramático de uma peça teatral que foi encenada em um país neutro, a Suíça. Trata-se de uma obra pacifista, que era assinalada pela fala do personagem bíblico Jeremias, os dramas de guerra e seus desdobramentos. A eterna tragédia da humanidade. Zweig previu os caminhos que a Europa traçava, por não se mobilizar para colocar fim aos conflitos e não enfrentar a empáfia dos vencedores. Dessa maneira esclareceu em o mundo de ontem:

Como símbolo, escolhi a figura de Jeremias, aquele que advertiu em vão. Minha intenção, no entanto, não era escrever uma peça “pacifista”, dizendo em versos a verdade banal de que a paz é melhor do que a guerra, mas mostrar que quem é desprezado como fraco e temeroso na hora do entusiasmo, na hora da derrota geralmente é o único que não apenas a suporta como também a supera. [...] Sempre me seduziu mostrar o endurecimento interior que toda forma de poder gera nas pessoas, o enrijecimento anímico que a vitória produz em povos inteiros, para contrapor a isso o poder da derrota que resolve dolorosamente a alma. Em meio à guerra, enquanto os outros ainda procuravam demonstrar uns aos outros a vitória infalível, triunfando antes da hora, eu já me lançava no mais profundo precipício da catástrofe e buscava a subida.

Ao escolher um tema bíblico, no entanto, eu tocara inconscientemente em algo que até então dormia em mim sem ser aproveitado: a comunhão com o destino judaico, fundada enigmáticamente no sangue ou na tradição. Não era esse meu povo que sempre fora vencido por todos os povos, sempre e sempre, tendo apesar disso sobrevivido a todos graças a uma força misteriosa – precisamente a força de transformar a derrota através da vontade interior e superá-la [...]. (ZWEIG: 2014, p. 228/229)

“Jeremias” é uma obra na qual Stefan Zweig apresentou os protagonistas frente à realidade implacável de um conflito sangrento, a partir da perspectiva da força moral deles como vencidos, convertendo a batalha perdida em um símbolo dos ideais humanos. O autor comprometeu-se, com seu espírito livre, semelhante ao do personagem Jeremias, a conduzir a Europa a um estado de paz e de inteligência por meio de uma vitória espiritual.

O Caldeu: Não se pode vencer o invisível. Pode-se matar homens, mas não o Deus que neles vive. Pode-se dominar um povo, nunca o seu espírito. (a trombeta ressoava pela terceira vez. O sol se ergue sobre Jerusalém e brilha sobre o êxodo do povo que parte da cidade para a infinidade dos tempos). (ZWEIG: 1960, p.588)

Zweig continuou a expressar suas ideias de paz e de fraternidade. Afinal, como ele mesmo se expressara em “O mundo de Ontem”, ele era “um escritor,

tinha a palavra e, com ela, o dever de expressar” suas “convicções tanto quanto possível em uma época de censura”.

No final do ano 1917, escreveu “O Coração da Europa”, republicado em 1918. Em 21 de junho de 1918, fizera uma crítica sobre “Die Waffen Nieder!”¹⁹, na qual retomou a temática, o discurso pacifista: “nem vitória nem derrota, somos inimigos da vitória e amigos da renúncia. A Europa precisava ser aliviada de seus tormentos, não importaria a que preço” (PRATER: 1991, p. 115).

O Império Austro-húngaro e a aliada Alemanha saíram derrotados²⁰. Bismarck foi deposto e a ideia de “identidade nacional era concebida de forma aleatória, dependendo da conjectura e das conveniências políticas de seus adeptos” (MAGALHÃES: 1998, p.104). O conceito de unidade, naquele momento, estaria ligado a noção de raça e de identificação linguística, no caso, a língua alemã, ajustando a noção de superioridade étnica, o que foi validado somente para arianos puros e não para qualquer tipo de branco.

O mundo caminhava para a paz. Zweig apresentou-se otimista, mas sabia do alto preço que o povo austríaco deveria se submeter. Ele expressou, em uma carta para Rolland, em 21 de janeiro de 1918, de que desejava “ajudar pelas palavras a suportar a derrota...” (PRATER: 1991, p.119) e que o seu objetivo seria “um dia tornar-me não um grande crítico, uma celebridade literária, mas uma autoridade moral” (PRATER: 1991, p.119).

Zweig deixou a Suíça e regressou à Áustria. Ele sabia que o país que amava e que tivera que deixar não era mais o mesmo. Em seu retorno, quando, precisou mudar dos trens suíços, bem cuidados, para os vagões austríacos, sem janelas, sentiu cheiro de iodofórmio, substância muito usada como antisséptico nos hospitais, mas também utilizada nos trens devido aos transportes de inúmeros doentes, feridos e mutilados pela guerra. Os condutores que orientavam os passageiros para os respectivos lugares

¹⁹ Abaixo as Armas, 1889. Berta von Suttner. Escritora austríaca, prêmio Nobel da Paz em 1915.

²⁰ A saída da Rússia e, sobretudo, a entrada dos Estados Unidos na guerra mudariam substancialmente os rumos do conflito. Fortalecidos, os países da Tríplice Entente: Império Britânico, Império Russo e França conseguiriam romper o imobilismo da guerra. Em 1918 o Império Austro-Húngaro e a Alemanha estavam derrotados. No dia 11 de novembro, representantes da Alemanha assinavam o acordo de paz, dentro de um vagão de trem em Compiègne, França. Pelo acordo, os alemães aceitavam as condições de rendição estabelecidas pelos países vitoriosos.

“vagueavam magros, esfomeados e esfarrapados; em seus uniformes largos demais para os ombros caídos” (ZWEIG: 2014, p.256). Assim Zweig descreveu em “Autobiografia: o mundo de ontem”

Foi, também, nessa viagem que Zweig tornou-se testemunha da queda da dinastia dos Habsburgo. Na troca de carros, na Estação de Trem de Feldkirch, o Imperador Carlos I e a Imperatriz Zita, trajada de negro, deixavam a Áustria como enxotados, como se nota:

A gloriosa dinastia dos Habsburgo, que ao longo dos séculos passou as insígnias e a coroa do império de mão em mão, extinguiu-se, nesse minuto. Todos ao meu redor sentiam a história, a história universal, ao ver essa imagem trágica. (Zweig: 2014, p.256)

Durante o período da Primeira Grande Guerra, Stefan Zweig comprou um “castelinho” em um lugar afastado de Viena, devido ao desejo de manter-se distante dos divergentes posicionamentos e atitudes beligerantes que seus amigos tomaram sobre a Guerra. A cidade escolhida fora Salzburg. Um lugar que lhe “pareceu ideal, não apenas pela sua paisagem, mas também pela sua situação geográfica” (ZWEIG: 2014, p.258), relatou Zweig. Mudou-se para a mansão Kapuzinerberg, em Salzburg, em 1919, onde poderia trabalhar e teria como companheiras a sua Frederike, suas enteadas e uma paisagem de colinas e montanhas cobertas por uma floresta, última ondulação das montanhas dos Alpes.

O que foi relevante é que Salzburg mostrou-se um lugar de acesso e mobilidade bastante eficaz. Um lugar provisório devido ao processo de estranhamento, (afinal a Áustria já não era mais a mesma), e de expatriação urbana, pois como disse:

por estar localizada numa extremidade da Áustria, a duas horas e meia de trem de Munique, cinco horas de Viena, dez horas de Zurique ou Veneza, e vinte horas de Paris; ou seja, um lugar bastante central da Europa. (ZWEIG: 2014, p.258)

A paz chegou, finalmente, e com ela o Tratado de Versalhes, em 28 de junho de 1919, entrando em vigor dez dias antes de completar sete meses, em 10 de janeiro de 1920. O tratado responsabilizou a Alemanha pelo conflito e estabeleceu muitas e exigências políticas, militares e econômicas que

deveriam ser cumpridas pelos germânicos, com devoluções de territórios e indenizações de guerra.

Na Áustria, o caos crescia a cada semana que passava. O povo viveu sob escombros e, dia a dia, a desvalorização da moeda (coroa), inflacionada pelos altos preços das mercadorias. A inflação disparou por todos os cantos da cidade e aldeias. Assim Zweig descreveu:

Tenho a impressão de que um economista que soubesse descrever plasticamente todas essas fases, a inflação primeiro na Áustria, e depois na Alemanha, poderia superar em suspense qualquer romance, pois o caos assumia formas cada vez mais fantásticas. Em pouco tempo, ninguém mais sabia quanto custava alguma coisa. Os preços variavam à vontade [...]. Em pouco tempo, o aluguel de um apartamento de tamanho médio na Áustria custava por ano menos do que o preço de um almoço [...] (ZWEIG: 2014, p. 262)

Na Alemanha, revigorou o sentimento de revolta na população contra as imposições do Tratado de Versalhes. O período entre guerras, de 1919 a 1939 foi marcado por uma crise moral e econômica que alimentou a filosofia Fascista e Nazista. Zweig asseverou “que época bárbara, anárquica, irreal foi a daqueles anos em que, com a crescente perda de valor da moeda, todos os outros valores começaram a decair na Áustria e na Alemanha!” Dava-se início a “uma época de êxtase, entusiasmado e de fraudes ousadas, uma mistura única de impaciência e fanatismo” (ZWEIG: 2014, p.270). Uma atmosfera carregada de tensão pairava por sobre a Áustria e a Alemanha.

Zweig sabia que a situação na Europa era desastrosa. O ódio pelo povo alemão ou por aqueles que escrevessem em alemão era crescente. Ele aceitava a ideia de passar o resto da vida preso a sua pátria, mas passado os anos 1919, 1920 e 1921, resolveu viajar, não para muito longe e a Itália foi o destino mais próximo. Zweig registrou em sua “Autobiografia: o mundo de ontem” que sabia que os austríacos eram “inimigos figadais” (ZWEIG: 2014, p.273) dos italianos, mas ele não se intimidou. A primeira cidade a recebê-lo foi Verona, depois Milão, Florença e Veneza, onde presenciou a greve geral e a atuação dos “Camisas Negras”, grupo paramilitar fascista de Mussolini, que cantava a Giovanezza na praça São Marcos. Ele percebeu que a Europa ainda não havia se livrado da guerra: “fico, às vezes tomado de horror diante da

loucura furiosa do fascismo internacional, diante do triunfo brutal da violência” (PRATER: 1991, p. 145), como escreveu em o mundo de ontem:

As impressões visuais sempre têm algo de convincente. Pela primeira vez, eu me dera conta de que esse fascínio lendário, quase desconhecido para mim, era algo real, muito bem dirigido, que fanatizara e atraía jovens decididos e audazes. Desde então, já não podia mais concordar com os meus velhos amigos de Florença e Roma, que davam de ombros com desprezo e desqualificavam esses jovens como um “bando de aluguel”, ironizando o seu “Fra Diavolo”. Por curiosidade, comprei alguns números do Popolo d’Italia e percebi no estilo incisivo, plástico, latinamente breve de Mussolini a mesma decisão que notara na marcha daqueles jovens na praça São Marcos. Claro, eu não podia prever a dimensão que essa luta iria assumir apenas um ano mais tarde. Mas soube desde esse momento que ali e por toda parte estava para acontecer uma luta e que a nossa paz ainda não era a paz. (ZWEIG: 2014, p.276)

Na Alemanha, a população estava mergulhada na indignação causada pelo Tratado de Paz de Versalhes. Eram anos apocalípticos, “pois o povo alemão, um povo da ordem, não sabia o que fazer com a sua liberdade e já ansiava, impaciente, por aqueles que haveriam de tirá-la dele de novo” (ZWEIG: 2014, p.282).

As décadas de 1920 e 1930 foram de intensa produção literária. Para Zweig, o ato de escrever torna humilde quem tem o senso da perfeição e do acabamento. Ele foi reconhecido por seu público, pois amava o seu trabalho e, por isso, amava a vida. Era consciente do seu tempo e do futuro, os quais ele pressentiu serem hostis, lhe trariam tormentos, talvez, irreparáveis.

Stefan Zweig já havia se tornado um escritor famoso. “Sua atividade intelectual incansável estendia-se a diferentes domínios” (PRATER: 1991, p.147). Ele exerceu uma forte influência no mundo das letras e dos espaços editoriais na Alemanha, na Áustria, em toda Europa, declarando que “na minha vida pessoal, o mais notável é que, naqueles anos, chegou um hóspede à minha casa que ali se instalou confortavelmente, um hóspede que eu jamais esperara: o sucesso” (ZWEIG: 2014, p.283). Seus livros foram proibidos na Alemanha, por ordem de Adolf Hitler, de modo que “quem ainda possuísse um exemplar deveria mantê-lo, cuidadosamente, escondido” (Zweig: 2014, p.283).

Revelou, com amargor: “como disse Grillparzer²¹, como escritor sou hoje alguém “que segue vivo atrás do próprio cadáver”; tudo ou quase tudo, que eu construí internacionalmente em quarenta anos foi destruído por essa mão impiedosa” (ZWEIG: 2014, p.284). Mesmo assim o seu sucesso foi inabalável. Publicou a trilogia “Três mestres”, o primeiro volume da série “Construtores do Mundo”, depois as novelas “Amok: novelas de uma paixão” e “Cartas de uma desconhecida”, que ganharam logo o vulto popular. Histórias de cunho apaixonado que resultam em uma compaixão pelas fraquezas humana, todas com aceitação imediata da crítica, na Alemanha. Inclusive, Zweig presenteou, a Sigmund Freud, um exemplar de “Amok”, resultante de suas viagens à Índia, Ceilão e Indonésia (1908/1909) e a ele dedicou o trabalho seguinte, “A luta contra o demônio”, com ensaios sobre Hölderlin, Kleist e Friedrich Nietzsche. Zweig tinha um grande apreço e gratidão pelo homem que havia trazido à luz a psicanálise. Para Zweig, Freud era mais um mestre.

O final dos anos 1920 foi dos mais fecundos da vida de Stefan Zweig. Escreveu “Mendel dos Livros”, folhetim publicado pelo “Newe Freie Presse”, em que narra a história emocionante de um homem velho, judeu, que dedicava sua vida a escrita e “que é ele próprio um monumento bibliofilia” (BONA: 1991, p.215).

Zweig renunciou a alegoria das relações crescentes de afirmação dos estados ultratotalitários e militares, como Itália e Alemanha, que baseavam-se na ideia de restauração social e econômica pós-guerra. A obra, “Mendel dos livros”, é uma delação que proporciona a reflexão e a problematização sobre a irracionalidade das atitudes humanas. O desequilíbrio de uma sociedade conturbada, que tentava justificar a destruição de um mundo, aparentemente equilibrado, que existia na Europa da anteguerra, e na pretenciosa busca de responsáveis, que poderiam explicar o estado de depressão que a Alemanha sofria, a posteriori. Com a “Anschluss”²², legitimou-se a irracionalidade da nação alemã e do Império Nazista a executar a brutalidade contra os judeus. Diante deste quadro, a Europa acolheu o terror de doutrinas ditatoriais: a

²¹ Franz Grillparzer: nasceu em Viena, 15 de janeiro de 1791 e faleceu em 21 de janeiro de 1872. Foi um dramaturgo austríaco. Sua obra se enquadra no estilo Biedermeier. tornou-se o escritor mais popular em seu país, sendo comparado com Goethe e Schiller, e eleito poeta nacional da Áustria.

²² Anschluss, termo que se refere à anexação político-militar da Áustria por parte da Alemanha em 1938.

nazista e a facista, que, prontamente, se estabeleceram. Tudo passou a ser justificado:

[...] os dois oficiais puseram-se a olhar fixamente para Jakob Mendel, que, devido à insegurança que se apoderava dele, começava já a suar ligeiramente. [...] e Jakob Mendel foi entregue à prisão militar a fim de ser conduzido na leva seguinte a um campo de concentração (ZWEIG: 2014, p.72)

Escrevera, também, “Joseph Fouché, retrato de um homem político”, para o “seu deleite”, como dissera em sua autobiografia. Uma obra, que, apesar de ser uma biografia sobre um ser execrável da Revolução de 1789, propiciava, metaforicamente, reflexões e análises sobre grupos que se perpetuavam no poder e seus discursos manipuladores:

[...], pois quem sempre vê o mundo do alto de uma nuvem, do alto da torre de marfim e do poder, só conhece o sorriso dos submissos e sua perigosa solicitude: quem tem o poder sempre nas mãos esquece o seu verdadeiro valor (ZWEIG: 2015, p.81).

Stefan Zweig já havia tratado do tema “Revolução Francesa” com a biografia de Maria Antonieta. A Revolução de 1789 foi cenário para a tragédia, cujo papel principal era o da mulher, rainha de França, que, na bibliografia escrita por Zweig, recuperou sua dignidade e respeito diante da História.

A biografia de Joseph Fouché é instigante. Propiciou a Zweig uma imersão nos corredores sinuosos dessa Revolução. A personagem estrategista de Fouché permitiu-lhe “ênfatizar sua aversão ao engajamento político de intelectuais e alertar para os perigos do facciosismo – sem perceber que iniciava um grotesco mural sobre a gloriosa revolução popular” (DINES: 2015, p. 218).

Em uma carta para Rolland, ele revelou que, trabalhando na biografia de Fouché, ficara surpreendido com as descobertas: “Trata-se de um livro contra a política sem fé e sem ideias, portanto a política da Europa de hoje...” (PRATER: 1991, p.180). Ele viu momentos dramáticos na vida do protagonista, principalmente, “quando ele pende para o terror (que não faz parte de sua natureza), quando sua inclinação idealista e humanitária se choca contra a realidade” (PRATER: 1991, p.180).

O livro “Joseph Fouché, retrato de um homem político”, para Zweig, provinha de uma ambição profunda. Relatou, em uma carta, para seu amigo e escritor Emil Ludwig, que seu desejo era de, assim, delinear:

o retrato do puro político, que serve a todas as opiniões, aceita todos os cargos, come em todas as manjedouras, nunca tem uma ideia pessoal e sobrevive, graças a essa flexibilidade, aos maiores homens do seu tempo. Isto deve ser uma referencia e um aviso para os homens políticos de hoje e de todos os tempos e dar uma visão, sob uma forma artística, do perigo que o político astuto, *capaz*, representa para a Europa e para todas as nações. (PRATER: 1991, p. 180)

Sua aflição provinha de uma percepção, quase que sobrenatural, de que a Europa viria a conhecer mais tarde. Em 1931, Stefan Zweig publicou “A cura pelo espírito”. Essa obra, dedicada ao seu amigo Albert Einstein, “representou uma verdadeira reviravolta, uma vez que se tratava de um tema não literário de forma objetiva” (PRATER: 1991, p.192), mas que estava próximo da anterior, “Os Construtores do Mundo”. O autor escreveu sobre as obscuras entranhas do espírito humano. Foi uma nova maneira de Zweig abordar temas sobre a ciência: “uma excursão audaciosa às regiões misteriosas da medicina da alma” (PRATER: 1991, p.190). Freud, ao ler o livro, escreveu-lhe uma critica favorável:

O Mesmer parece-me o mais harmonioso, o mais justo e o mais brilhante. Penso como o senhor que o essencial de sua descoberta, ou seja, a sugestão, ainda não foi explorado até hoje e que isso dá lugar a alguma coisa de novo. Quanto a Mary Baker-Eddy, a intensidade que ressalta dele me incomoda um pouco... O senhor não insiste bastante sobre o aspecto insensato e sacrílego desse caso nem sobre o pano de fundo aflitivo que oferece à sociedade americana... (faço questão) de exprimir minha satisfação de que o senhor tenha captado no meu “caso” o que havia de mais importante. Que a obra concluída volte a ser considerada não é tanto, com efeito, uma questão de inteligência, mas de caráter. (PRATER: 1991 p.193)

Zweig iniciava uma jornada ao mundo da alma. A efemeridade do tempo, comprometendo-se com o transitório, aliado, fatalmente, à solidão, conduziram-lhe à depressão. Ele havia fracassado na ideia de exorcizar os seus demônios, escrevendo sobre temas de psicanálise. Em carta para seu amigo Fleischer, ele expõe que:

A falta de consciência do meu eu me priva da firmeza necessária para me defender só me resta a fuga e, até agora, o peso da vida familiar nunca permitiu, em doze anos, que me afastasse por mais três semanas seguidas... o que você chama de sucesso me pesa

como uma fardo... Tenho a impressão de ser um caçador vegetariano que não encontra nenhum prazer na caça que abate. (PRATE: 1991, p.193)

Stefan Zweig tomou consciência de suas fraquezas e a incapacidade de solucioná-las. Os problemas financeiros de amigos na Alemanha decorrente da crise do pós-guerra, junto às preocupações das suas atividades literárias que estavam estéreis, o levou cada vez mais à fuga. A Europa deprimia-se e Stefan Zweig, também.

2.2 A paz malversada

“Lembrar para evitar repetições. Lembrar para aproximar. Lembrar a Guerra para Promover a Paz.” Alberto Dines

A democracia austríaca estava ameaçada. Uma onda de pessimismo econômico assolou a Europa depois da crise de 1929, nos Estados Unidos. Neste sentido, Stefan Zweig participou da sombra pessimista do mundo. Ele restringiu seus gastos. Para ele “a guerra vingou-se dos que a desejaram... o universo está em ruínas” (BONA: 1999, p.143) O desemprego e a miséria tornaram-se aliados do povo austríaco. Ninguém foi poupado. Zweig presenciou, em Salzburg, milícias armadas: uma de camisa negra, botas e capacetes e outra de camisas vermelhas, a liga republicana, esta desfilando nas ruas e arregimentando operários e intelectuais socialistas. Ocorriam conflitos cruéis e sangrentos entre as duas organizações. Os movimentos extremos ascenderam vertiginosamente. Na Alemanha, o nacional-socialismo, sob comando do austríaco, nascido em Linz, Adolfo Hitler tomou de assalto a nação:

[...] com suas juventudes armadas desfilando e cantando seu amor à pátria, utiliza o vocabulário e os argumentos da esquerda e sabe jogar habilmente, como seu próprio nome indica, não somente com as ideias do nacionalismo, mas também com as do socialismo, essas duas chaves da época, cuja aliança define a atração do movimento hitlerista. (BONA:1999, p. 233)

Existia uma intenção ideológica de expansão do espaço territorial, definidos por interesse dentro do continente europeu. O conceito de Pangermanismo, que se desenvolveu primeiro na Áustria, a partir de 1860, caracterizando-se pela sua franca oposição ao governo, frente às posturas liberais. Esse ideal defendido pelo povo de língua e cultura alemã tinha como proposta a formação de um bloco de países de origem germânica. O movimento fascinava as classes médias, por sua xenofobia e por alimentar o sentimento de ameaça, causando temor por sua avidez pelo poder político. Seus idealizadores elegeram Bismark como líder. Eles catalisaram o descontentamento da pequena burguesia, assustada com as ideias e ideais dos movimentos sionistas²³ e eslavistas²⁴, também emergentes.

Essas lideranças foram responsáveis pelo anúncio de uma “nova cultura política em que o poder e a responsabilidade se integravam de forma diversa da cultura do liberalismo racional” (SCHORSEKE: 1988, p.127). O aristocrata de direita, Schönerer, foi uma personagem marcante por sistematizar as ideias ligadas ao mito ariano e ao antissemitismo. Tal visão permitiu a pregação e propagação “xenófoba e antijudaica dos austríacos. Gorg von Schönerer e Karl Leuger ainda não eram visíveis no ideário do futuro chanceler e fundador do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores da Alemanha, empenhado apenas em conquistar um lugar no meio artístico” (DINES: 2012, p.109), mas teriam posições que inspirariam, sobremaneira, seu discípulo mais conhecido, Adolf Hitler.

Começaram a aparecer, na Áustria, sob influência da Alemanha, os primeiros nazistas e com eles a bandeira do antissemitismo. Zweig, não ouviu o nome de Adolfo Hitler em nenhum momento, porém, em uma carta para Friderike expressou em palavras o que presenciou nas ruas de Viena:

A raiva expressa pela suástica e que tomava conta da classe média, para a qual tudo – socialismo, religiosidade, cultura – se transformara

²³ O sionismo surgiu no final do século XIX na Europa Central e Oriental como um movimento de revitalização nacional e logo foi associado, pela maioria dos seus líderes, à colonização da Palestina. Segundo o pensamento sionista, a Palestina fora ocupada por *estranhos*. Desde a criação do Estado de Israel, o movimento sionista continua a defender o estado judeu, denunciando as ameaças à sua permanência e à sua segurança.

²⁴ O movimento pan-eslavista tinha a política estimulada pela Rússia que defendia a união de todos os povos de origem eslava da Europa oriental, aproveitando-se da fragmentação do Império Otomano, incluindo os que estão sob domínio do Império Austro-Húngaro.

em caricatura. Cola-se nesses seres, que só seriam suportáveis por sua modéstia, a etiqueta estúpida da raça dos senhores, ou dos pseudo-senhores. Apesar de tudo, é até interessante ver isso de perto. (BONA: 1999, p.234)

Zweig não se permitiu enganar, pois logo percebeu que sombras se desenhavam sobre a nação que amava. Como relatou em sua obra biográfica, alguém se queixara de que Munique voltara a ficar tumultuosa, pois havia “um agitador violento chamado Hitler que organizava encontros com pancadaria e instigava a população de maneira mais vulgar contra a República e contra os judeus” (ZWEIG: 2014, p.318). Zweig, também, teve a oportunidade de presenciar a atuação do terror. Assim como na Itália, por ocasião da greve geral, em Veneza, na Praça São Marcos, a mesma cena de violência, em uma cidadezinha fronteiriça entre a Áustria e a Alemanha, onde aconteceu um encontro do partido “Social-democrata”, como ele próprio escreveu:

Era o mesmo método copiado dos fascistas, apenas treinado com maior precisão militar e preparado sistematicamente nos mínimos detalhes, bem de acordo com o espírito alemão. Obedecendo a um apito, os homens da SA saltaram com rapidez dos caminhões, bateram com seus cassetetes em qualquer um que encontrassem pela frente e, antes que a polícia pudesse intervir ou os operários reagir, já haviam saltado de novo nos carros, saindo em alta velocidade. (ZWEIG: 2014, p.319/320)

Em 1933, Hitler, o homem que defendia ideais nacionalistas associados ao militarismo, “tornou-se chanceler, a grande multidão e até os que o empurraram para esse posto consideravam-no apenas um ocupante provisório do cargo” (ZWEIG: 2014, p.322). O que não foi verdade. O domínio nacional-socialista não fora um mero episódio. Ainda em 1933 e 1934, Stefan Zweig conheceu a perseguição: Hitler exterminava “qualquer liberdade de palavra e qualquer livro independente na Alemanha” (ZWEIG: 2014, p.324).

Na madrugada do dia 27 para 28 de fevereiro de 1933, após Adolf Hitler ter sido nomeado chanceler, o prédio do parlamento alemão, Reichstag, pegou fogo sob circunstâncias enigmáticas. O fogo destruiu totalmente a sala do plenário e a cúpula. Esse incêndio foi usado pelos nacional-socialistas como pretexto para iniciar a perseguição aos comunistas. Na mesma ocasião, “Segredos ardentes”, novela de Stefan Zweig, estava passando nos cinemas da Alemanha. Imediatamente, as sessões foram proibidas por Hitler. Os

anúncios foram removidos dos jornais e os cartazes foram retirados da cidade. Kippenberg, seu editor, por essa ocasião, julgava improvável que os livros de Zweig pudessem sofrer alguma censura e que em um curto espaço de tempo seriam proibidos na Alemanha, uma vez que o autor “nunca escreveu uma única palavra contra a Alemanha e nunca se envolveu com política” (PRATER: 1991, p.226).

Ao governo comandado por Hitler atribuiu-se a missão de sanear a sociedade alemã. Deu-se o boicote aos judeus e, em 10 de maio de 1933, foi decretada a incineração de livros, em praça pública de Berlim e difamações contra autores de origem judia. A insegurança e o pessimismo tomaram conta de Zweig. Declarou, em carta, para seu amigo e artista plástico Frans Masereel:

O que mais acontece escurece qualquer descrição, qualquer tipo de direito. A liberdade está abolida na Alemanha e vai demorar bem pouco tempo até temos na Áustria o mesmo destino. (ZWEIG apud. MÜLLER, 1988, p.96)

Os seus livros tiveram excelentes vendas e um grande público de leitores. Foi necessário um decreto de lei “para proteger o povo alemão” dos escritores “malditos”. Foi declarado crime a impressão, a venda, a distribuição e a comercialização dos livros de autores comunistas e judeus, como disse:

Para mim, foi mais uma honra do que uma vergonha compartilhar esse destino de total aniquilação de existência literária com eminentes contemporâneos como Thomas Mann, Heinrich Mann, Werfel, Freud e Einstein e muitos outros, cujas obras considero bem mais importantes do que a minha; sou tão avesso a qualquer gesto de mártir que não gosto de mencionar essa inclusão no infortúnio geral Mas de modo curioso coube precisamente a mim pôr os nacional-socialistas e até Adolf Hitler em pessoa em uma situação especialmente constrangedora. (ZWEIG: 2014, p. 325/326)

Na Alemanha, os nazistas apontavam Stefan Zweig como “espírito liberal” e o acusavam, por ser de “raça estrangeira”, pelo fracasso e pauperização do povo germânico. Submetido às teorias racistas do século XIX: a supremacia das raças, ele, judeu, foi execrado pela força ultranacionalista. Hitler promoveu o apagamento do escritor em terras germânicas. Assim, Stefan Zweig declarava:

O meu trabalho literário foi incinerado na língua em que o escrevi, no mesmo país onde meus livros ganharam como amigos milhões de leitores. Assim, não pertenceo a lugar algum, em toda parte sou estrangeiro ou, na melhor das hipóteses, hóspede; a própria pátria que o meu coração elegeu para si, a Europa, perdeu-se para mim, desde que se autodilacera pela segunda vez numa guerra fratricida. (ZWEIG: 2014, p. 14)



Deutschland Nazi-Bücherverbrennung 1933 – Picture Alliance/AP photo

A Áustria, por influência da Alemanha, tornou-se sufocante e opressora. Era o não lugar, o lugar que não permitia constituir relações e incapaz de estabelecer qualquer identidade. Stefan valeu-se do conjunto de incômodos e lançou-se à procura. A Inglaterra concedeu-lhe a cidadania britânica, onde tentaria se estabelecer na próspera capital da Revolução Industrial, mas a Segunda Grande Guerra desabrochava germinando o preconceito, o racismo, a intolerância por todos os cantos da Europa. Essas foram as marcas de um tempo que influenciaram a mente de um Zweig que colocava o seu ofício a serviço da arte da palavra. Novos horizontes surgiram. Sua peregrinação deu início ao incessante buscar.

Stefan Zweig explorou quase todos os gêneros literários e se a versatilidade impressionava, a qualidade e quantidade do material produzido também. Escreveu poemas, novelas, peças teatrais, ensaios, artigos, romances, biografias e proferiu conferências. O autor assistiu às duas Grandes Guerras, participando da Primeira com serviços burocráticos, mas sempre

envolvido com as questões pacifistas defendidas por ele e pelo seu amigo Romam Roland. Foi testemunha do surgimento de governos totalitários na Alemanha, na Itália e na Espanha. O reflexo dessas guerras não passou despercebido em seus trabalhos literários. Dedicou-se ao trato diplomático em seus posicionamentos, porém sempre procurou a neutralidade. Suas crises depressivas aumentaram no decorrer do tempo e seus escritos ganharam o vigor sombrio, diante do universo beligerante, que mergulhava a Europa. Sua arma foi a palavra. Zweig foi o peregrino. Buscava, incansavelmente, o lugar onde seus posicionamentos e opiniões de paz e harmonia pudessem repousar com segurança.

3 Forçosa errância: os entre caminhos do não lugar

“já não pertenço a lugar algum, em toda parte sou estrangeiro e, na melhor das hipóteses, hóspede” Stefan Zweig

Stefan Zweig nos anos de 1940, já escritor definido, se empenhava à busca de explicações sobre o mundo que começava a se desgarrar, convertendo-se em um campo de batalha. Foi um intelectual que acreditou no poder criativo e colocou, em prática, a sua própria visão de mundo em sua produção artística. A humanidade, para ele, estava a serviço da sociedade com o intuito de construir a paz. O autor vislumbrou a possibilidade de uma sociedade tolerante, justa e tranquila. Os anos que antecederam a Segunda Grande Guerra (1939 – 1945) fizeram com que a Europa, em particular, a Áustria, mergulhasse em um profundo ceticismo irrigado pela violência. Stefan Zweig nutriu um amor pelo ideal humanitário e o exerceu como profissão de fé. Desta forma, declarou no prefácio de “Autobiografia: o mundo de ontem”:

Cada um de nós, mesmo o menor e o mais insignificante, foi resolvido no seu íntimo pelos abalos sísmicos quase ininterruptos da nossa terra europeia; e eu, entre inúmeros tantos, não consigo me atribuir outra primazia senão a de que, como austríaco, como judeu, como escritor, como humanista e pacifista, sempre estive justamente nos lugares onde esses abalos foram mais violentos. (ZWEIG: 2014 p.13)

O andamento de sua vida impôs a experiência do exílio. Primeiro, um exílio interior, quando, durante a Primeira Grande Guerra Mundial, tivera que se afastar de seus antigos amigos, por divergirem de sua opinião em relação à guerra. Assim, decidiu comprar um pequeno castelo de caça, do século XVII, em Salzburg, pois não desejou mais viver no meio de tanta gente e em uma cidade grande como Viena. Salzburg era um lugar de excelente situação geográfica, de fácil acesso, na extremidade leste da Áustria. Segundo, porque Zweig foi incapaz de aceitar a falência moral da Europa, a vitória do fanatismo e do nacionalismo sobre suas crenças, sobre os valores de civilidade. Zweig pressentiu que a Áustria iniciara a trajetória do esfacelamento:

Três vezes eles me derribaram a casa e a existência, desligaram-me de todo o passado e com veemência dramática arremessaram-me no vácuo, no já bem conhecido “não sei para onde ir”. Não me queixo, porém, disso; precisamente o indivíduo sem pátria, em um novo

sentido se torna livre, e só quem já não está preso a coisa alguma, não necessita mais respeitar coisa alguma. (ZWEIG: 1956, p.5)

Em janeiro de 1933, com a chegada de Hitler ao poder na Alemanha, iniciou-se, rapidamente, a instauração de um regime totalitário. O discurso antissemita do nazismo repercutia como verdade nos ouvidos do povo alemão. Na escalada desse processo, que culminou no genocídio de milhões de judeus, as primeiras ações do nazismo, no entanto, foram justamente contra os intelectuais. O mundo político debilitava a lógica dos direitos e a liberdade dos indivíduos, segundo valores humanísticos. Foram efetuadas buscas em domicílios, detenções arbitrárias, confiscos e expulsões de propriedades, deportações e todas as formas imagináveis de insultos tornavam-se triviais. O próprio Stefan Zweig declarou: “raros são os meus amigos europeus que não passaram por algo semelhante” (ZWEIG: 2014, p.343). “O mundo de ontem” rememorou a sua partida compulsória de Salzburg e, conseqüentemente, da Áustria:

[...] por meio de uma visita domiciliar na minha casa, que não recuariam diante de ninguém com tais medidas de segurança. Eu, no entanto, por trás desse episódio em si sem importância, percebi que quão séria se tornara a situação na Áustria, como era potente a pressão da Alemanha. A partir daquela visita policial, me desgostei da minha casa, e algo me dizia que tais episódios seriam apenas em tímido prelúdio de intervenções de alcance muito mais amplo. (ZWEIG: 2014, p. 344)

O escritor reagiu como se fora, pessoalmente, ultrajado pelos militares. Arrumou as malas e dirigiu-se para Hauptbahnhof, a estação de trens em Salzburg, e partiu para Inglaterra. Prater ressalta, em seu livro “Stefan Zweig Biografia”, que “Londres não lhe evitou um sentimento de insegurança e de impaciência em relação à Friderike e a tudo que amava, que havia ficado em Salzburg” (PRATER: 1991, p.237). Hauptbahnhof tornara-se a porta de saída de um mundo que o oprimia. A estação de Salzburg era um não lugar. O espaço público de instantânea circulação, que o ajudou a ter acesso aos deslocamentos rápidos.

Por não lugar entendemos, através do conceito proposto pelo antropólogo francês, Marc Augé, que designa o espaço de passagem incapaz de construir identidade. Isto é, o não lugar é qualquer espaço que sirva apenas como

transição e com o qual não se cria qualquer tipo de relação. Dessa forma, este define como sendo espaços de anonimatos, descaracterizados e impessoais, não lhes são atribuídos quaisquer tipo de características pessoais justamente porque não imprime significado ou história. É o espaço que cria a solidão

Todo o processo de não lugar se realiza na construção dos espaços, na experiência pessoal e na vivência do indivíduo. O lugar e o não lugar são “polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente” (AUGÉ: 2012, p.74). É uma experiência solitária de relação com o mundo. É no anonimato do não lugar que o indivíduo possibilita a experimentação da comunhão dos destinos do homem.

O “não lugar” poupou-lhe enfrentamentos da nova realidade que se configurou na Europa com a presença de Adolfo Hitler. Zweig saboreou a relativa impressão de liberdade, apesar de a Áustria acompanhá-lo interiormente. Ele não foi um banido ou proscrito. Ele ainda exercia os plenos direitos de cidadão:

Ainda não começara aquela terrível condição de apátrida, uma condição que não pode ser explicada a ninguém que nunca a sentiu no próprio corpo, essa sensação que dilacera os nervos, de cambalear de olhos abertos e vigilantes no vácuo e saber que poderá ser repellido em qualquer parte para onde tiver ido. (ZWEIG: 2014, p.345)

A estação de Salzburg foi a via expressa, onde, por meio de um trem, deu-se a mobilidade para Stefan Zweig viver as fronteiras de sua vida:

Passei por Salzburg, a cidade onde ficava a casa em que eu trabalhava por vinte anos, sem sequer saltar na estação. Poderia ter visto pela janela do vagão a minha casa na colina com as lembranças dos anos vividos ali. Mas não olhei para ela. Para quê? Jamais voltaria a morar nela. E no momento em que o trem transpôs a fronteira, eu sabia, como o patriarca Ló da Bíblia, que tudo atrás de mim era pó e cinza, era o passado convertido em sal amargo. (ZWEIG: 2014, p. 358)

A Inglaterra lhe foi um lugar aparentemente tranquilizador, no momento em que o continente europeu vivia uma agitação febril. Nas seis semanas que permaneceu em Londres, sempre acabrunhado pelos seus pressentimentos, Stefan Zweig sabia que as forças alemãs não tinham uma postura moderada como as forças francesas e inglesas. Conseqüentemente, ele era arrebatado

pela agonia de que a Alemanha transformaria o sentimento de superioridade em uma religião de Estado e levaria a Áustria com ela.

Stefan regressou à Áustria em 4 dezembro de 1933, mas com o propósito de voltar à Inglaterra para, então, escrever a biografia de Mary Stuart. O sentimento de impotência e fracasso, associado ao destino funesto da Áustria, tomou conta de Stefan Zweig. Uma grave crise pessoal ligada às incertezas do futuro o levou ao rompimento definitivo com o seu país. Desprendendo-se de sua pátria, Zweig iniciou a ininterrupta procura de um lugar, o que lhe garantiu o desconforto de uma vida errante. Em fevereiro de 1934, retornou à Inglaterra e chegando à Estação Victoria, em Londres, o “seu primeiro gesto fora avisar as autoridades de Salzburg que havia deixado sua residência austríaca” (PRATER: 1991, p.242). Escreveu, então, enquanto se refugiava na Inglaterra, ao seu amigo André Maurois²⁵:

O senhor agora está começando sua vida no exílio. O senhor verá como o mundo renuncia aos expatriados... O senhor vai conhecer uma vida que não é mais a nossa vida, e que talvez nem mesmo valha a pena ser vivida” (ZWEIG:2015, p.8)

Zweig tinha consciência da privação de um lar. Ele compreendia que o exílio não era uma situação estática, mas um processo (PROCHNIK: 2014, p. 22) e confessou ao amigo André Maurois que eles não seriam nada além de fantasma e de memórias. Ele mergulhou na angústia de pertencer a nenhum lugar, com visões nostálgicas sobre um mundo de ontem, consciente de que não haveria maneira de recuperar o paraíso perdido, o qual desejou encontrar até a sua morte.

Assim cada um vive tão isolado como há séculos, antes da invenção dos navios a vapor, dos trens, dos aviões e dos correios. De todo o meu passado, portanto, só tenho comigo o que carrego atrás da testa. Todo o resto, neste momento, está inacessível ou se perdeu para mim. (ZWEIG: 2014, p.18/19)

²⁵ Émile Salomon Wilhelm Herzog, nasceu em Elbeuf, 26/07/1885 e morreu em 09/10/1967. Foi romancista e ensaísta francês. Seu pseudônimo André Maurois tornou-se seu nome legal em 1947. Seus primeiros livros foram “O Silêncio do Coronel Branbles” e “Os discursos do dr. O’Grady”, que foram sucesso de público. Entretanto, sua consagração, no mundo literário, ocorreu com a publicação de três biografias, as de Byron, Shelley e Disraeli. Em 1938 foi eleito membro da Academia Francesa.

Ele viveu a amargura do exílio. Sua companheira foi a lembrança. Um idílio de memórias. Foi no passado que Stefan Zweig conjecturou a sua liberdade. Foi no reconhecimento de um lugar interior que ele estabeleceu uma relação de pertencimento à realidade. Foi no exílio, no espaço fronteiro da migração, que se instalou a incessante busca de um local, onde ele não seria mais foragido, estrangeiro ou, simplesmente, um esquecido. Foi nos “não lugares” de sua peregrinação, que se criou a tensão solitária em sua vida. Numa das passagens mais belas de sua autobiografia, ele expressou a dor do isolamento, declarando:

Pois eu considero nossa memória um elemento que não conserva casualmente um ou perde outro, mas sim uma força que ordena cientemente e exclui a sabedoria. Tudo o que esquecemos de nossas próprias vidas, na verdade, já foi sentenciado a ser esquecido há muito tempo por um instinto interior. Só aquilo que eu quero conservar tem direito de ser conservado para outros. Portanto, recordações, falem e escolham no meu lugar, e forneçam ao menos um reflexo da minha vida antes que ela submerja nas trevas! (ZWEIG: 2014, p. 18)

Que força moveu Stefan Zweig quando censuraram seus livros? Foi a energia criadora, literária e o próprio destino que o ergueram na queda. Porque, como ele mesmo nos disse, “só se conhece a vida quem já mergulhou nas profundezas”. Zweig imergiu em um silêncio profundo diante das encruzilhadas do acaso.

E o silêncio foi a partir de então a palavra mestra de Zweig para responder aos que lhe pediam uma tomada de posição pública e uma declaração de guerra contra os poderes das trevas. Cancelou uma turnê de conferências organizadas pela associação Suécia-Áustria na Escandinava, a fim de evitar “qualquer discussão” a propósito de sua liberdade de ir e vir e de aparecer em público sendo um escritor rassenfrender (de raça estrangeira, termo frequentemente usado pelos nazistas). (PRATER: 1991, p.226)

A neutralidade de seus posicionamentos conferiu-lhe o não lugar: a solidão interior. Anton Kippenberg, editor e amigo de Zweig, reconheceu o seu caráter imparcial e avaliou que Zweig não era “dessas pessoas que falam a torto e a direito, mas ele se contentará mais ainda no futuro e viverá inteiramente retirado, unicamente para o seu trabalho” (PRATER: 1991, p.226).

A sua tomada de posição não beligerante foi uma forma de luta contra o fanatismo de sua época. Foi a neutralidade que o salvaguardou a liberdade de

agir e pensar na medida em que o mundo fechava os olhos diante do ódio e preconceito.

Prater, aliás, apresentou uma carta datilografada de Stefan Zweig ao amigo René Schickele em que revelou o seu posicionamento de não se submeter a uma norma fascista, comunista ou nacional-socialista:

[...] talvez esteja fora de moda continuar defendendo a noção de liberdade individual, mas em todo caso é o que faço na minha vida privada. Não pertenço a nenhum partido, a nenhum círculo, e estou distendendo meus laços editoriais com a Alemanha lentamente, sem a ostentação que detesto. (PRATER: 1991, p. 246)

E, por escrito, Zweig justificou a Schickele sua decisão de deixar Salzburg:

Estou deixando Salzburg; tudo o que faço, procuro fazê-lo com calma, e gostaria que isso provocasse críticas em vez de elogios. Não há nada em mim que se possa chamar de heroico. Nasci conciliador e devo agir segundo a minha natureza... Só posso criar a partir daquilo que explico, que une, não posso ser o martelo e não serei a bigorna. Somos poucos a ocupar a posição mais ingrata e perigosa: o meio, entre as trincheiras, aqueles que não atiram mas lavram. Nossa solidariedade, invisível, é sem dúvida mais forte que a dos discursos e dos congressos, e um sentimento íntimo me faz dizer que temos razão quando só permanecemos fieis à humanidade e renunciamos a qualquer compromisso partidário. (PRATER: 1991, p. 246)

Suas atitudes garantiram-lhe o desconforto de não se posicionar diante a situação grave que a Europa encontrava-se e ainda lhe alcunhavam de covarde diante de seu silêncio. Zweig, já na Alemanha sob o domínio Nazista, fora intimado a fazer uma declaração pública contra a representação da ópera *Die Schweigsame Frau* (“A Mulher Silenciosa” de Richard Strauss), da qual fizera o libreto, recusando-se para não constranger o maior compositor de sua época e amigo Richard Strauss, apesar do compositor fazer parte do Reich.

Zweig se permitiu enfrentar a missão do desterro, ele acreditou que a distância era necessária para realizar uma reflexão mais aguda sobre a natureza das coisas. Como ele disse em sua obra “Joseph Fouché, retrato de um homem político”, “as mensagens mais importantes da humanidade vieram do exílio” e que personagens como:

[...] Moisés, Cristo, Maomé, Buda, todos foram obrigados primeiro a penetrar no silêncio do deserto, longe dos homens, antes de

pronunciar a palavra decisiva. A cegueira de Milton, a surdez de Beethoven, a prisão de Dostoiévski, o cárcere de Cervantes, o aprisionamento de Lutero no Castelo de Warburg, o exílio de Dante e o desterro voluntário de Nietzsche na gelada região da Engadina, na Suíça, tudo isso foram experiências secretas de seus próprios gênios, contrárias à vontade do ser humano. (ZWEIG: 2015, p. 81)

Zweig calou-se. Ele reforçou a sua imparcialidade. Garantiu seu amor incondicional pela causa humanista. Não abandonou a língua alemã como marca fundamental de sua identidade. Ele nutriu forte admiração por todos os poetas germânicos. A Alemanha sempre foi para ele, e talvez para os judeus austríacos, uma nação de luz e de liberdade. Uma pátria de poetas e escritores como Goethe e Schiller. A terra do progresso humano. Foi em alemão que Zweig escreveu. Foi em alemão que ele sonhou.

A possibilidade acalentadora de ser europeu lhe permitiu conviver harmoniosamente com as diversas culturas europeias. Ele considerava a França sua segunda pátria. Falava inglês e italiano com desenvoltura. Stefan Zweig estabeleceu uma relação com o mundo europeu, que, naquele momento, estava derramado em um colapso de certezas éticas, filosóficas e artifícios político-econômicos, mas também com a palavra, com a escrita e com o seu texto. O autor desenvolveu uma resistência aos poderes das trevas, uma vez que as palavras são aptas e hábeis para construir imagens e são, também, capazes de se relacionarem com o espaço do não lugar.

Um episódio, relacionado à Zweig, expôs o contexto europeu de intolerância. Diz respeito a “Segredos Ardentes” (2015), um instigante melodrama com certo caráter edipiano, um conto escrito em 1911, o qual fora adaptado para o cinema, aproximadamente, vinte e dois anos depois. O filme obteve muito sucesso, porém, em 27 de fevereiro de 1933, um incêndio destruiu o Reichstag. Espalhou-se, rapidamente, o boato de que Adolf Hitler e seus conluídos tinham sido os responsáveis pela tragédia. O Partido Comunista da Alemanha (KPD), como forma de protesto e oportunismo, distribuiu, pela cidade, um panfleto contra a série de medidas repressivas alegando a segurança da população, que recebeu o mesmo nome do filme de Zweig. Informado sobre o evento, Hitler proibiu o filme em todo país, considerando-o como um produto comunista.

Em “Segredos Ardentes” (2015), Zweig fez uma descrição anímica, demonstrando não existir separação entre a matéria e o mundo espiritual, denotando uma sensibilidade franca e idealizadora de um espaço possível para o desenrolar da trama. Foi o ambiente da ficção, no qual se cumpriu a possibilidade de realizar as suas convicções humanísticas. Foi com a escrita que o autor materializou a história. Uma espécie de nostalgia que o permitiu viver e compreender a vida, como se vê:

Com a voz rouca, o trem soltou um grito. Destino alcançado: Semmering. Na luz prateada da montanha, os vagões negros descansaram um minuto, lançaram alguns passageiros coloridos na plataforma, traram outros, um vaivém de vozes agitadas; logo a máquina rouca gritou de novo, e tracionou a corrente negra, chacoalhando-a para dentro da boca do túnel montanha abaixo. Livre, com o horizonte claro, varrido pelo vento unido, estendia-se de novo a ampla paisagem. (ZWEIG: 2015, p.11)

Foi no não lugar, concebido pela ficção, que o autor encontrou o momento de deslocamento, uma saída para o mundo que beirava a desordem. O espaço, arquitetado em tempos de guerra, foi definitivamente, o lugar que Zweig vasculhou, uma vez que suas questões existenciais começaram a criar abismos de incertezas:

Era a vontade de usar a violência que queria lançar a velha barbárie da guerra sobre a nossa infeliz Europa com uma nova técnica, mais sutil. Uma única impressão visual sensorial sempre tem mais poder sobre a alma do que mil artigos de jornal e brochuras. E nunca de maneira mais intensa do que naquele momento, quando vi como aqueles rapazes inocentes eram armados nos bastidores por invisíveis manipuladores para lutar contra rapazes igualmente jovens e ingênuos de sua própria pátria, fui acometido pela intuição do que haveria de acontecer a nós, à Europa. (ZWEIG: 2014, p.352)

Londres não foi o lugar que lhe confortou. Ele provaria a indiferença e o isolamento (ZWEIG: 2012, p.20). Justificou a sua presença na Inglaterra devido ao trabalho e investigação sobre a atraente personagem de “Mary Stuart”. Passou a pesquisar, na Biblioteca Nacional, a polêmica Rainha da Escócia, vítima da história. Mary Stuart, assim como Maria Antonieta, pareciam viver um mesmo dilema. Mary Stuart hesitava por duas nações: Escócia e França e Maria Antonieta: Áustria e a França. Ambas encontravam-se na confluência do entre lugares. O escritor viveu o mesmo dilema. Ele esteve encurralado em um trágico destino, como ele mesmo disse: “os acontecimentos servem de medida

da alma”. Stefan Zweig tratava o “eu” como a grande poção de sua alma, consequência de suas leituras e as contribuições de Sigmund Freud, que problematizava o “ego”. Dines nos apresenta a compreensão da biografia à medida que ele “entendeu-se assim como entendeu plenamente seus biografados” (ZWEIG: 2015, p.10).

O escritor nos deixou claro que as suas memórias e as suas obras de ficção foram realizadas por meio de linguagem escrita na simples tentativa de ordenar o caos que se apresentou em sua vida. Zweig previu que o germe da desgraça já se espalhara. Sua alma sentiu o vazio.

Na introdução de Mary Stuart, o autor revelou a sua tragédia. Stefan Zweig foi, pouco a pouco, seguindo o curso da vida: a intensa procura de um lugar para ser seu, se estabelecer e recompor a vida. Foi falando de Mary Stuart que ele descortinou o ritmo de seus sentimentos.

[...] por isso, na história de uma existência, só importam os momentos de vida intensa, decisivos; por isso ela [Mary Stuart] só é narrada com exatidão, quando vista neles e deles. Somente quando ente humano põe em jogo todas as suas forças, está realmente vivo para si e para os outros; somente quando dentro dele a alma arde, é que se exterioriza sua personalidade. (ZWEIG: 1960, p.8)

Com o término da escrita de Mary Stuart, Zweig inquietou-se e necessitou buscar outros ares. Não poderia retornar à Áustria, mas também não via razões para permanecer em Londres. O autor recebeu convites para conferências nos Estados Unidos e na América do Sul, quando, então, resolveu viajar para Nova York, numa tentativa de fixar-se e poder realizar projetos como a criação de uma “revista mensal na qual seriam publicadas, em todas as línguas, as melhores obras de escritores judeus” (PRATER: 1991, p.250). Zweig percebeu que não foi fácil viver como imigrado nos Estados Unidos, em 1935. O seu projeto da revista, assim como em Londres, fora, também, malgrado em terras americanas. O exílio, para Stefan Zweig, foi uma experiência de conflito. O lugar de desconforto e que lhe proporcionou profunda exaustão e crises de depressão. Escreveu Zweig para Lotte:

Esses últimos anos me passaram tanto quanto decênios, e às vezes atinjo o limite profundo do esgotamento... Estou saturado de literatura

e desse apego ao meu nome para além de toda expressão.²⁶
(PRATER:1991, p.264)

Para Zweig foi uma grande provocação lidar com as incertezas de uma vida exilada. Viajar não seria, para ele, algo de extraordinário; era sua segunda natureza. Assim relatou em seu diário: “desliguei-me mais distintamente dos meus jugos e dos meus hábitos, da minha casa e dos meus bens (ambos tornaram-se aleatórios e sinto pouca falta deles)” (PRATER: 1991, p.258).

Seus amigos intelectuais e a imprensa cobravam sobre seu posicionamento em relação ao hitlerismo. Isso o constrangeu, pois não gostava de feri-los: “não devo ser forçado a participar de uma manifestação que vai de encontro aos meus sentimentos íntimos” (ibidem, p.262). Criou-se em Zweig uma ansiedade de encontrar um lugar onde as frustrações e as inseguranças lhe devolvessem a serenidade, o otimismo e a esperança.

Quando o PEN Clube Internacional promoveu, em setembro de 1936, um congresso em Buenos Aires e Stefan Zweig percebeu uma grande oportunidade de conhecer outra parte do continente americano. O governo brasileiro, também, fizera um convite oficial ao escritor.

Em 23 de maio de 1936, Zweig se curva diante dos convites de seus amigos brasileiros e argentinos. Ele resolveu navegar no “exílio do Novo Mundo” (DINES: 2012, p.8). Já separado de Frederike, parte, com sua jovem esposa Lotte Zweig, com objetivo de “dar uma série de conferencias sobre cultura, literatura, arte e a Atlântida de seus amores” (BONA: 1999, p.277). Entusiasmado, assim escreveu para seu amigo Carl Seelig: “aproveitar todas as oportunidades que nos apresentem: quem pode garantir que não seremos todos gaseados daqui alguns anos?” (BONA: 1999, p.277).

Em agosto de 1936, em um navio inglês, Zweig deixou a Europa pela maior cidade portuária da costa sul da Inglaterra, Southampton, em um momento decisivo: eclodira, na Espanha, uma guerra civil, liderada por um falangista²⁷, Francisco Franco, com apoio econômico e militar dos governos

²⁶ Carta a Lotte Altmann, 20 de junho de 1936

²⁷ Falange Espanhola foi considerada um movimento e partido político inspirado no fascismo. Seu fundador foi José Antonio Primo de Rivera, advogado e político espanhol. Sua proposta era pela criação de dois tipos de propriedade, individual e sindical. Além disso, propunha realizar uma reforma agrária e

italiano e alemão; o que contribuía para o fortalecimento do nazismo e do fascismo na Europa.

Zweig narrou este episódio em “Autobiografia: o mundo de ontem”, que ao fazer a escala no porto de Vigo, observou a bandeira franquista hasteada no mastro da prefeitura. Ele pressentiu que a violência emergia e que a paz daria lugar à fúria da intolerância:

Naquele verão de 1936 começara a Guerra Civil espanhola, que, vista de modo superficial, era apenas uma discórdia interna desse belo e trágico país, mas na verdade já era a manobra preparatória dos dois grupos de poder ideológicos para seu futuro embate. (ZWEIG: 2014, p.351)

Continuou ele declarando:

Vigo estava então em mãos dos franquistas e ficava longe do verdadeiro palco de guerra. Mesmo assim, nessas poucas horas vi bastante coisa capaz de dar ensejo justificado para pensamentos aflitivos. Diante da prefeitura, onde tremulava a bandeira de Franco, havia jovens rapazes enfileirados em trajes de camponeses, conduzidos em geral por sacerdotes, que haviam sido evidentemente trazidos de aldeias vizinhas. (ZWEIG: 2014, p.351)

A bordo do navio Alcântara²⁸, Stefan e a sua jovem esposa Lotte Zweig foram testemunhas da dolorosa loucura em que se transformara a Europa. A civilização, mais uma vez, dava o testemunho do envenenamento por ódio e ambição desmedida pelo poder.

Em 21 de agosto de 1936, Stefan Zweig chegou ao Rio de Janeiro. Ficou impressionado com a acolhida dos brasileiros e com a harmônica convivência entre as diferentes raças. Sentiu-se em casa. Imediatamente redigiu uma carta para sua ex-mulher, Friderike: “[...] é maravilhoso desde o amanhecer até a noite. A beleza, o colorido, a magnificência desta cidade é inigualável” (DAVIS & MARSHALL: 2010, p.26). Ficou impressionado com o sucesso que teve no

nacionalizar o crédito. O lema mais conhecido entre os ideais do grupo era “Una, grande, libre” Espanha, em referência à criação de uma nação poderosa com um Estado autoritário.

²⁸ Transatlântico da era de ouro. Pertencia a Royal Mail Line, linha Brasil-Europa, antes da Segunda Grande Guerra Mundial. A companhia distinguia-se pela tradição de qualidade de serviço, pontualidade e segurança que fazia de seus navios verdadeiros ícones para o escasso turismo da época. Entre seus grandes transatlânticos destaca-se o ALCANTARA, na rota Buenos Aires-Londres parando em muitos portos pelo caminho. O ALCANTARA criou fama na linha, navegou por quase três décadas, era um navio grande para a época e viajar nele era um sonho para poucos

Brasil e com o fato de ser reverenciado pelo próprio Presidente da República Getúlio Vargas.

Zweig encontrou um Brasil marcado pela contradição entre a existência de um país que proporcionava a possibilidade de uma sociedade justa e humanista, com traços de multiplicidade das raças, classes e religião, em contraste com o ódio étnico e religioso que havia deixado na Europa. O Brasil causou-lhe uma excepcional e duradoura impressão: era um país feito para ele. “Um lugar onde os refugiados judeus viviam extremamente felizes” (DAVIS & MARSHALL: 2010, p.26).

Para mim, pessoalmente, essa viagem ao Brasil representou quase uma cura d'alma. Pois o sentimento comum de confiança – mesmo aquele de uma comunidade alheia – eleva a própria alma e me traz de um jeito maravilhoso a certeza de que, mesmo se a Europa continuar se dizimando, suas flores intelectuais e culturais plantadas há séculos continuarão a crescer a partir dessas mudas. (ZWEIG: 2016, p.65)

Isso o atormentou e não seria o Brasil, o Rio de Janeiro ou a cidade provinciana de Petrópolis que lhe devolveria a calma desejada. A Europa, a Áustria e a língua alemã nunca o abandonaram.

3.1 A busca do lugar ideal: utopia e o não lugar

“A razão é um sol impiedoso; ela ilumina, mas cega.” Romain Rolland

Stefan Zweig traçou caminhos cuja finalidade era semear os ideais humanísticos. Ele foi capaz e teve a coragem de manter-se firme enquanto os ventos do ódio e da intolerância batiam à porta. O seu temperamento pacifista o alcunhava como, diz Rolland, “o verdadeiro apóstolo da religião da amizade” (PRATER: 1991, p.353).

Em seus pensamentos encontraram-se possíveis linhas interpretativas sobre utopia, que deve ser compreendida como o não lugar, ou tentativas de registros sobre sua fantasia pelo país abaixo da linha do equador. O Brasil, apesar de viver sob as rédeas da ditadura do Estado Novo, parecia-lhe mais

afinado à democracia do que qualquer outro país europeu ou mesmo da América do Sul.

Thomas More localizou sua utopia em “nenhum lugar”, Zweig criou uma ucronia em “nenhum tempo”, o futuro. Projeto em construção, se não correspondeu ao desafio funciona como provocação: o que deu errado? Onde a cordialidade transformou-se em ferocidade? Por que tarda tanto o despertar da montanha? Nos vaticínios o livre-arbítrio também conta. (DINES: 2012, p.17)

Zweig acreditou no espírito da dinâmica utópica, isto é, uma outra forma de perceber a vida baseada em um novo arranjo político da sociedade firmado em novas estruturas sociais mais solidárias. Um movimento que lhe permitiu caminhar e, também lhe ofereceu o rumo às propostas humanísticas. O que é interessante na visão de Stefan Zweig é que toda a utopia conferiu sentido a essa caminhada. Ele arquitetou uma sociedade viável, afastada das mesquinhas humanas, contudo ele percebeu que o entendimento e a mentalidade dos anos 30 e dos anos 40 já não conseguiam vislumbrar como factível a sociedade sonhada por ele. O seu fazer literário e a realidade beligerante tornaram-se passagem para o não lugar, obrigando-lhe a afastar-se da miserável realidade europeia.

Perseguido por preocupações e remorsos, o seu exílio o forçou a encarar, onde quer que estivesse, todas as dificuldades de uma odisseia. Ele confessou que não conseguiu esquecer os que ficaram impassíveis diante dos acontecimentos na Europa e não evitaram que o continente se tornasse um lugar de catástrofe. Ele se sentiu atormentado pelos acontecimentos que, a cada dia, se agravavam na Europa.

Stefan Zweig não abdicou de sua busca por um lugar onde pudesse serenar o seu espírito. Ficara impressionado com o Brasil. O encantamento pelo país de dimensões continentais o fizera capaz de “esquecer sua timidez natural e seu horror às luzes da ribalta” (PRATER: 1991, p.268). Proferiu um discurso na Academia Brasileira de Letras, em agosto de 1936 – A unidade espiritual do Mundo – no qual deslocava o centro de gravidade do mundo, a Europa, para um país jovem e promissor – o Brasil, revelando seu “otimismo quanto ao triunfo da unidade moral do mundo sobre as tendências à

autodestruição” (PRATER: 1991, p.268). Assim Stefan Zweig, em seu discurso, defendia:

Precisamos ensinar uma juventude a odiar o ódio, porque ele é infértil e destrói o prazer da existência, o sentido da vida; precisamos educar as pessoas de hoje e amanhã a pensar e sentir em dimensões mais amplas. Precisamos ensinar a elas que é mesquinhez e exclusão limitar a camaradagem apenas ao próprio círculo, ao próprio país, em vez e sentir fraternidade também além dos oceanos, para com todos os povos do mundo. [...] Não sei o que poderia conferir mais satisfação à nossa pequena vida transitória do que a consciência de haver contribuído mesmo na forma mais invisível para a pacificação, a unificação do mundo; e por mais impotentes que sejamos, cada um de nós enquanto indivíduo, nenhuma tentativa nesse sentido terá sido vã; ainda que não mudemos o mundo com a nossa fé, com o nosso esforço, teremos nos transformados e desenvolvido, e somos, cada um de nós em si, um mundo. (ZWEIG: 2017, p. 134)

O autor delineou as linhas de um horizonte possível. Estabeleceu-se em Zweig o lugar “utópico”, o não lugar, à medida que esse lugar é crível e para isso é necessário combater as forças do egoísmo e promover uma reconciliação com o espírito.

4 IMAGENS CONTROVERSAS

“o ser humano extraordinário procura de modo inconsciente um destino extraordinário; de acordo com sua natureza supradimensional, está organicamente apto a viver de maneira heroica ou, segundo Nietzsche, de maneira *perigosa*” Stefan Zweig

Stefan Zweig escolheu personagens que possibilitaram a reflexão acerca das atitudes criativas humanas em suas biografias. O ensaio “Biografias e autobiografias, sem adjetivos”, o professor Meihy salientou que “abordar o tema autobiografia e de biografia sob a ótica da produção do conhecimento é desafio considerável”, uma vez que “os ares que o tema assumiu em termos de discussão em todos os níveis, as apropriações que se alongaram por diferentes produtores e receptores, tudo indica um horizonte interminável”. Stefan Zweig tinha respeito ao personagem biografado. Ele compreendeu o humano na dimensão da historicidade, não o encarando como um objeto, apesar de saber, que como biógrafo poderia esbarrar em lacunas documentais, que deveriam ser preenchidas, mas “Zweig conseguiu se manter razoavelmente protegido das incursões “revisionistas”, reinvenções e licenças que flagelam as celebridades” (DINES: 2012, p.666).

Stefan Zweig foi casado oficialmente com duas mulheres, que o acompanharam até o fim de sua vida: Friderike e Lotte Zweig. Entretanto, existiu outra mulher, Marcelle, uma bela costureira, casada e infeliz no amor, como Zweig declarou em seu diário, no dia 11 de março de 1913:

Mardi 11 mars [...] Le soir, avec Marcelle qui me raconte de délicieuses histoires sur la couturière. Elle a d’ailleurs un triste sort, son mari, vendeur aux halles, La maltraitait parce qu’elle ne lui donnait pas son salaire (apparemment très substantiel). Elle est insatiable, et je remporte de pleins triomphes de véritable éxtase. (ZWEIG: 1986, p. 54)

Um amor parisiense, que foi desfeito por exigência de Friderike. Suas esposas foram peças fundamentais no transcurso de sua vida, cuidando do universo à sua volta, deixando-o à disposição de seu fazer literário. Foram mulheres, com:

a presença forte e afirmativa da mãe, a italiana Ida Brettauer (em contraste com o pai, o centro-europeu Moritz Zweig, manso e operoso). O reforço veio através da parceria com outra figura poderosa: a primeira mulher, Friderike Zweig, com quem conviveu 25 anos, os mais fecundos da sua vida,” ((ZWEIG: 2014, p.8/9)

Como relatou Albert Dines, no prólogo do livro de Stefan Zweig, “Três novelas femininas”, de que não existem razões para explicar a preferência do autor por personagens femininas que não seja o termo “Complexo de Édipo” criado por seu amigo Sigmund Freud. A preponderante figura feminina nas escrituras de Zweig gerou uma alteração estratégica que conduziu a mudança do subtítulo da biografia de Maria Antonieta, “Retrato de um personagem comum”, para “Retrato de uma mulher comum”, depois de uma conversa com seu amigo Strauss.

Escritor dotado de sensibilidade, dândi sedutor, “admirador de homens” (PROCHNIK: 2014, p.18) permitiu-se elaborar narrações intensas, com a finalidade de entender de que maneira a mulher, vítima da sociedade, conseguia sobreviver e reconquistar a dignidade perdida diante de situações limites, como: difamação, preconceito e rejeição.

4.1 Duas mulheres e um escritor

“Eu estava lá para garantir a segurança da vida cotidiana” Friderike Zweig

A primeira esposa oficial de Stefan Zweig, Friderike Maria Burger, nasceu em Viena, em 4 de dezembro de 1882. Figura relevante e infeliz no amor. Era filha de duas famílias judias não-observantes, os Burger e os Feigls, e no entanto, aos 23 anos, Friderike converteu-se ao catolicismo e recebeu, como era de costume no Império Austríaco, o nome do meio de Maria, marca cristã que indicou sua intensa devoção religiosa.

O primeiro casamento de Friderike foi com Felix von Winternitz, judeu, convertido ao catolicismo, filho de um alto funcionário do Ministério do Exterior. Ela manteve excelente convivência com o esposo, gerando duas filhas: Alxia Elizabeth (Alix) e Susana Benedictine (Suse). Depois, Friderike começou a

perceber um marido ausente, mulherengo e desambicioso (ZWEIG: 2014, p.190). Felix Winternitz era desastroso em matéria de finanças fazendo com que Friderike passasse a colaborar financeiramente para o sustento de sua família, contando com o auxílio de seu sogro, Jakob von Winternitz, Conselheiro do Ministério das Relações Exteriores. Ela lecionou Francês e História, e, também, trabalhou como jornalista, escrevendo artigos e folhetins. O primeiro romance de Friderike, publicado pela editora Fisher, chamou-se “Traum-Menschen” (Homens de sonho), o que a caracterizou como romancista muito sentimental, de estilo vienense, considerado açucarado e meloso (BONA: 1999, p. 107).

Zweig, com um grupo de escritores e poetas, frequentou a boemia vienense, desde a época do ginásio, quando, também, se apaixonou pela música, especialmente a de Johannes Brahms (1836/1897), pelo teatro e pela literatura (ROUDINESCO & PLON: 1998, p. 793). Os cafés, as salas de espetáculos de cunho cômico e populares, as óperas e operetas, outros lugares de encontros intelectuais eram mais visitados com frequência do que as salas de aula de universidade de Viena.

No verão de 1908, em um acontecimento memorável, na Taverna Stelzer, o Heuriger de Roduan (Taverna onde era servido o Heuriger, o vinho novo), no subúrbio de Viena, na festa de despedida do famoso ator e tenor de operetas Alexander Girardi, Friderike foi apresentada à Zweig, por um de seus amigos, também poeta. Stefan Zweig foi solicitado a recitar poemas, escolhendo Verhaeren, poeta dileto e que ele próprio havia traduzido. Os versos foram proferidos em um alemão melodioso e elegante, segundo Friderike (BONA:1999, p.107)

Em 1912, Friderike jantava com seu primeiro marido e amigos quando encontrou Zweig, novamente, em um restaurante, nos jardins do Riedhof, mas o achou diferente. Stefan havia abandonado o seu caráter boêmio e transformara-se em “um senhor elegante, bem apessoado”, como se vê na seguinte passagem:

habitado a dirigir-se às mulheres com um olhar que tornava qualquer palavra supérflua. Nada de melancólico ou doloroso persistia nas suas maneiras abertas e calorosas. O poeta de Tersites dera lugar ao autor alegre de Der verwandele Komödiant... no qual um jovem ator

salva uma grande dama de uma situação desesperada graças ao seu talento oratório e à sua segurança. (PRATER: 1991, p.68)

Friderike apaixonou-se por Stefan Zweig, que, por sua vez, sentiu admiração incontestável por essa mulher dócil e paciente, detentora de forte equilíbrio e arrebatamento, tendo declarado a ele que não ousaria invadi-lo. Zweig a chamava, carinhosamente de Lamm – “cordeiro”. O desejo de Friderike era apenas de acompanhá-lo, mesmo que à sombra desse grande escritor: “Você não deve sentir-se nem um pouco preso a mim, nem sequer entravado em sua liberdade de movimento quando alguma coisa lhe for boa” (BONA: 1999, p.109).

Em 1913, Friderike se divorciou de Felix von Winternitz. O ex-marido permitiu que ela mantivesse o nome de casada. Friderike mudou-se para um subúrbio de Baden. Mesmo longe de Viena, Zweig visitava-a com frequência, permanecendo alguns dias e noites ao seu lado, antes de visitar outros lugares. O que Stefan Zweig admirou em Friderike foi o amor e a fidelidade. Uma companheira tranquilizadora e bondosa junto à qual encontra reconforto e otimismo. Ele sentia um amor racional – apreciava-lhe a devoção e a ternura, mas não tinha paixão alguma.

Em dezembro de 1919, Stefan Zweig e Friderike Winternitz celebraram o matrimônio. Uma união insólita, na Prefeitura de Viena, com a presença de Stefan Zweig, Ida Zweig sua mãe, como também de Victor Feischer e Felix Braun como testemunhas. O casamento foi realizado por procuração, pois Friderike se encontrava em Salzburg, adotando, então, o nome de Friderike Maria Zweig-Winternitz.

Friderike cumpriu o papel de guardiã, governanta de sua casa. Ela zelou pelo marido, oferecendo-lhe segurança, encorajando-lhe e estabelecendo a calma que tanto necessitava por cultivar a dolorosa nostalgia. A ela cabia a tarefa principal de:

manter a sua volta uma atmosfera de paz, cavar trincheiras em torno de seu reduto espiritual. Ele não permitia que eu o ajudasse como datilógrafa ou estenógrafa, dizia sempre que eu poderia ser mais útil ajudando nas pesquisas, traduzindo citações, lendo e resumindo os livros recebidos e agradecendo aos remetentes. (DINES: 2014, p.191)

A senhora Zweig registrou em suas memórias: “como guardiã do seu mundo interior; eu cuidava de protegê-lo das demandas do mundo exterior.” (DINES: 2014, p.191). Friderike, após o casamento, passou a desempenhar um papel importante no círculo de amigos de seu marido e cuidou meticulosamente dos desconfortos de Zweig, como irritações, explosões e surtos depressivos. Tudo deveria estar sob total controle e organizado para ele. Friderike esteve sempre no silêncio dos bastidores da vida de Stefan Zweig.

Na obra “Carta de uma desconhecida”, Zweig retratava a visão da personagem apaixonada, o que poderia aferir que era a visão de sua própria esposa sobre ele:

Compreende, amor, que maravilha, que sedutor enigma você era para mim, uma criança?! Um homem que todos veneravam porque escrevia livros, porque era célebre no mundo dos grandes. (ZWEIG: 2014, p.76)

Com a partida de Stefan Zweig para Londres, em 1934, devido à invasão de policiais para revistar sua casa à procura de armas, Friderike foi “incapaz de levá-lo a uma reação mais razoável e teve que suportar, como sempre, as consequências práticas do seu gesto” (PRATER: 1991, p.242). Ela sentiu o gosto da solidão, que a perseguiu naqueles anos, ficando monopolizada pelos cuidados domésticos em Salzburg. Zweig é para Friderike “talvez um homem de sonhos. Mas será também outra criança para cuidar” (BONA: 1999, p.110). Stefan desejou, então, vender a casa e viajar durante dois anos antes de escolher um novo domicílio. Friderike não se sentiu confortável com essa proposta: “vou precisar instalar sozinha uma nova casa, Deus sabe onde... Stefan vive uma psicose de emigração imaginária, e eu amo meu país” (PRATER: 1991, p.243), relatou ao seu amigo Leonhard Adelt.

Diante de tantas incertezas, o amor de Friderike, sempre, pediu muito pouco em troca. Desta forma, ela abriu o caminho para a separação. Zweig precisava de uma secretária e foi ela que se incumbiu de contratá-la. A jovem recomendada pela Embaixada da Áustria seria a próxima esposa de Zweig, Charlotte Elisabeth Altmann, Lotte.

Lotte nasceu na Polônia, em 5 de maio de 1908, na capital da província da Silésia, Kattowitz, era a terceira filha do casal Josef Altmann e Therese

Hirsch. Originários da pequena burguesia, os Altmann tinham valores culturais sólidos. O pai era um “quinquilheiro”; dedicado ao comércio de produtos elétricos e outros bens industrializados (DAVIS & MARSHALL: 2012, p. 22). A mãe era judia, neta de um famoso rabino e fundador da sociedade religiosa de Frankfurt, Samson Raphael Hirsch. Os irmãos de Lotte foram Manfred, Richard e Hans Altmann. Manfred era médico e mudou-se, com a família, pouco tempo depois da tomada de poder pelos Nationalsozialismus (Partido Nacional Socialista), para Inglaterra.

Lotte Altmann recebeu boa educação. Estudou no Musterschule, em Frankfurt, um prestigiado ginásio, reconhecido pelo ensino de línguas e ciências. Ela sabia falar e escrever em inglês, francês, alemão, compreendia iídiche, espanhol e português. Ela, também, sabia “esperanto” (DAVIS & MARSHALL: 2012, p.18), pois acreditava em uma maior cooperação político-econômica entre as nações a favor do benefício mútuo que acarretaria resultado de uma convergência na diversidade promovendo a real democracia e a não-violência. Essa jovem teve muitas afinidades com Stefan Zweig. A propósito, Lotte, também, foi o nome do grande amor de, seu autor preferido, Goethe.

Em 6 de setembro de 1939, em uma cerimônia civil, no Cartório de Registro de Bath, Stefan Zweig e Lotte Altmann se casaram. “Participaram da celebração o amigo e procurador de Stefan, Arthur Ingram, o irmão de Lotte, Manfred Altmann, e sua cunhada, Hannah Altmann” (DAVIS & MARSHALL: 2010, p.29). A lua-de-mel foi na Escócia, país que Zweig escolheu para pesquisar e elaborar a biografia da rainha Mary Stuart. Lotte fora sua companheira de viagem, a mulher que compartilhou o exílio. A união do casal Zweig trouxe a vivência e a procura do espaço físico, a ideia do “casal limiar”²⁹ (DAVIS & MARSHAL: 2012, p.19).

²⁹ Categoria descrita pelo antropólogo Victor Turner como nem aqui nem lá; eles ocupam um espaço intermediário, entre as posições que são atribuídas ou ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e protocolos. Esse espaço, construído em um tempo de guerra e caos, era, contudo, relativamente privilegiado: ele permitia aos Zweig escolher seu lugar de exílio e continuar viajando, graças à segurança oferecida pela receita de Stefan com seus substanciais direitos autorais e com a remuneração de suas palestras. E graças ainda à relativa liberdade de ter um passaporte austríaco e, depois um outro britânico.

Em cartas para seus amigos Roth e Rolland, Stefan Zweig descreveu Lotte como uma menina-mulher, aquela que, menina, o fez sentir um intenso frescor; como mulher, ofereceu-lhe suporte para seguir em sua incansável busca pelo lugar.

Lotte, sua amante secreta, é uma mulher-menina. [...] Seu devotamento e sua juventude lisonjeiam Zweig e lhe oferecem um sopro de vida, uma esperança que lhe faz bem. “Sinto-me na alvorada de uma nova aventura”, escreve ele sem mencionar Lotte, ao comentar sua vida em Londres. As cartas a Roth e a Rolland trazem a marca dessa mudança. [...] Lotte é uma menina. É assim que Zweig a vê, por causa da diferença de idade; ele não tem a impressão de estar do lado de uma pessoa adulta, mas sim perto de uma tímida e medrosa adolescente cuja vida e felicidade depende unicamente dele. (BONA: 1999, p.268)

Essas duas mulheres de caracteres diferentes – Friderike, intelectual independente e Lotte, dependente intelectual, social e moralmente de Zweig – foram decisivas no comprometimento da construção da obra zweiguiana, quer pesquisando para os temas de relevância para o escritor, quer deixando-o livre produção intelectual. Ambas tiveram grande afeição por Zweig e foram pilares de sustentação para o errante escritor “insatisfeito com o sucesso, angustiado com o radicalismo político à sua volta”, como descreveu Friderike em seu Diário de outubro de 1931. E, sempre à procura de seu lugar em um mundo de imagens controversas.

4.2 Biografias: recursos autobiográficos de Stefan Zweig

“Nada me parece mais natural do que acrescentar à tragédia inacabada o final vivido. Não procurei outra coisa senão voltar-me estritamente aos fatos e documentos históricos, com o máximo de fidelidade e respeito.” Stefan Zweig

Escrever, para Zweig, não era uma fuga, mas sim, uma atitude precisa de fazer reflexões sobre problemas contemporâneos. Uma forma, pela qual, como nos expôs Dominique Bona³⁰, “através do espelho da História”, repensar os desacertos e os impetuosos enganos e crimes cometidos no passado. De

³⁰ Dominique Bona nasceu em 29/07/1953, em Perpignan. Foi crítica literária do jornal Le Figaro e Jornal du Dimanche. Foi eleita membro da Academia Francesa de Letras em 2013.

acordo com Stefan Zweig, as coisas não eram o que pareciam ser. Era necessário examinar. Os significados só se revelam autênticos quando são decifrados, e foi dessa forma que o autor encarou a escrita biográfica. Inquieto pelas incertezas, ligou-se a personagens que representavam a “própria dúvida, pois tudo que é confuso anseia pela clareza e tudo que é escuro, pela luz” (DINES: 2012, p.254).

Foi o consagrado autor das famosas biografias sobre as rainhas da Escócia e de França, respectivamente, Mary Stuart e Maria Antonieta, ambas marcadas pelo infortunado destino e decapitadas, figuras públicas, julgadas de forma rápida pela História, personagens polêmicas e dramáticas.

Zweig nos indicou, logo na introdução de “Mary Stuart”, que a tragédia da rainha da Escócia “pode representar o exemplo francamente clássico de um problema histórico” (ZWEIG: 1960, p.5). Dizia ele, justificando a escolha:

O que é falso e o que é verdadeiro, o que é inventado e o ocorrido acham-se tão confusamente misturados que, por assim dizer, é possível apresentar todos os modos de concepção da maneira mais aceitável: quem quer provar que Mary Stuart foi cúmplice no assassinio do esposo pode aduzir testemunhas as dúzias e o mesmo podem fazer quem está empenhado em apresentá-la como não tendo participação nesse crime. Para qualquer forma em que se queira apresentar seu caráter, encontram-se elementos no material histórico. (ZWEIG:1960, p. 6)

“Maria Antonieta – retrato de uma mulher comum”, foi escrita em 1932 e “Mary Stuart”, em 1935. Apesar de histórica e cronologicamente estarem separadas por duzentos anos, as rainhas foram acusadas de conspiração, uma alta traição. Mary Stuart teve uma vida, desde muito cedo, “sempre negociada e vendida como objeto [...] e já por causa dela correram rios de sangue.” (ZWEIG: 1960, p. 16/17). Foi decapitada por ordens de Elizabeth I, sua prima, em 8 de fevereiro de 1587. Maria Antonieta, também, com uma vida muito jubilosa, em sua juventude, teve a vida comprometida com acordos e negociações de Estado (Áustria e França), sendo conduzida ao cadafalso e decapitada pela Revolução Francesa, em 1789.

“Maria Antonieta”, é uma biografia enternecedora, como nos relata Freud: “tocante no plano humano”. No pensar de Stefan Zweig, “o dever do escritor era então só publicar textos portadores de esperança, tendo não importa o que

de alegre e apaziguador” (PRATER: 1991, p.199). O autor apresentou sua heroína, Maria Antonieta, emergindo de sua natureza mediana, frágil, na qual se “vê impelida por um destino extraordinário” (ZWEIG: 2013, p.14), que a oprime e destrói.

Zweig reuniu ingredientes para desenhar a maior das metáforas da opressão. Instituiu, na figura da soberana, o gênero feminino, como sofredora de uma sociedade preconceituosa, tirana do século XVIII. No retrato pintado por ele, a heroína representou toda grandeza humana. “É tão fácil ser corajoso quando se nasce forte; toda grandeza do ser humano consiste em se tornar maior e melhor do que se foi”, afirmou Stefan Zweig em uma carta para Romain Rolland. Ela, Maria Antonieta, é sujeito construído, discursivamente, pelo próprio sistema político vigente, que deveria promover sua emancipação, mas a acorrentou, pela dominação de uma sociedade patriarcal e castradora.

Essas duas biografias têm como tema central a tragédia de mulheres. Ambas levadas ao extremo de suas vidas, instigando a curiosidade do biógrafo. Stefan Zweig, alimentou-lhe o interesse em pesquisar quem eram essas rainhas: Maria Antonieta, que já o conduziu à reflexão sobre um mundo impiedoso, e Mary Stuart, que “acompanha os primeiros passos de Zweig pela estrada do exílio, que ele ainda não sabe definitivo” (BONA: 1999, p.259).

O trabalho de pesquisa iniciado por Zweig foi fundamental instrumento que o fez ajuizar sobre sua época e o pressentimento da morte do mundo em que vivia. Como ele escreveu: “um sentimento condiciona a medida duma alma” (ZWEIG: 1960, p. 8). Na vivência de uma história somente o que importa são os intensos momentos vividos

por isso, na história de uma existência, só é narrada com exatidão, quando vista neles e deles. Somente quando um ente humano põe em jogo todas suas forças, está realmente vivo para si e para os outros; somente quando dentro dele a alma arde, é que se exterioriza sua personalidade. (ZWEIG: 1960 p.8)

É importante compreender que Maria Antonieta, Mary Stuart e o próprio Stefan Zweig hesitaram entre duas nações europeias e o mundo. Maria Antonieta, austríaca, e Mary Stuart, escocesa, ambas francesas por adoção e o próprio Stefan Zweig, austríaco e a paixão que nutria pela Alemanha. Na

verdade, eles não pertenceram totalmente a nenhum lugar e carregaram dentro de si matizes sensíveis das nações que amavam. A inquietante busca por algum lugar que pudesse estabelecer laços de permanência. Duas nacionalidades se enfrentavam nas personagens reais. A mesma batalha enfrentada por Zweig, no campo das ideias, assemelhava-se às negociações, aos acordos e aos salões reais dos Estados franceses e escoceses. Parece que os três, em um momento da vida, encontraram-se sós e contra todos. Em particular, Stefan Zweig, referiu-se, com coragem e de uma maneira clara, ao estado de sua solidão, um *conscientious objector* (oponente consciente), em “Autobiografia: o mundo de ontem”, referindo-se às primeiras horas da Primeira Grande Guerra Mundial e a todos os momentos belicosos que o futuro reservaria.

Acontece que – e não me envergonho de admitir abertamente esse defeito – não tenho nenhuma propensão para o heroísmo. A minha atitude natural em todas as situações perigosas sempre foi a de ser invasivo, e não apenas nessa ocasião precisei reconhecer como justa a acusação de ser indeciso, feita tantas vezes em um outro século ao meu idolatrado mestre Erasmo de Rotterdam. (ZWEIG: 2014, p. 208)

Zweig transformou o sofrimento interior em um elemento solitário e decisivo para sua batalha. O que mais lhe valeu foi a luta pela paz. “A tarefa que mais me importava naquela guerra: trabalhar em prol da concórdia futura.” (ZWEIG: 2014, p.208)

Como nos diz Alberto Dines, apesar de detestar os jornalistas, “Stefan Zweig tinha na realidade a alma jornalista” (DINES: s/a, p.5). Ele se sentia atraído pela realidade. As personagens escolhidas, como matéria prima para suas obras biográficas, estão encurraladas pelo destino e assim caminham para além do permitido. Transgridem. Estão “acima de si próprias” fazendo-se heroínas. Maria Antonieta, vítima inocente dos vícios, tornou-se bode expiatório, unicamente, por via da casualidade.

[...] a mulher envelhecida, não mais bela, apenas orgulhosa; os lábios altivamente cerrados, como a reprimir um grito interior; o olhar indiferente e distante, sentada com as mãos para trás de modo ereto e desafiador sobre a carreta do verdugo, como se estivesse no trono. Um incrível desprezo se exprime em cada linha de seu rosto de pedra, uma inquebrantável firmeza se expressa no tronco apumado; a resignação transformada em obstinação, o sofrimento, em energia interior, proporcionam àquela figura sofrida uma nova e terrível majestade. (ZWEIG: 2013, p. 470)

Mary Stuart “origina-se de repente uma tragédia das proporções das antigas, que desenrola com a grandeza e a violência da “Orestia” (ZWEIG: 1960, p.8) e Maria Antonieta, que foi “resgatada do ponto de vista psicológico e também humano” (DINES: s/a, p.7), é a personagem capaz de se reconciliar com seu tempo e desempenhar bravamente o seu papel na sociedade francesa do século XVIII. Eis as personagens que se revelam mulheres-heroínas em um dos momentos mais importantes da história ocidental. É num crescente amadurecimento imposto pelo mundo dos homens, no qual crianças, sacrificadas pelas obrigações de Estado, tornam-se mulheres e soberanas.

Zweig retirou suas personagens da submissão e as fez alçarem voos além do horizonte, o que rompeu com preceitos da soberania masculina. São mulheres “extraordinárias”³¹. Estão acima das leis morais que governam os outros homens, uma vez que são personagens que se sobrepõem ao bem e ao mal. Elas instalam valores ao seu destino e não se submetem às normas. O autor vislumbrou as rainhas de França e da Escócia esculpidas pela irracionalidade do ódio, o que fez despertar em suas personagens uma coragem extrema de desafiar o destino. Ele as eleva, por força de seus desejos, acima da lei dos humanos. As rainhas ultrapassam o “métron”, a medida, uma linha invisível que separa o humano do divino, o que confere maior alcance às suas capacidades.

São biografias escritas por Zweig, que recupera o caráter incontestável de mulheres poderosas e aborda, com uma fluência natural, os impulsos femininos das rainhas de França e da Escócia, que, mesmo aprisionadas, isoladas, caluniadas, submetidas a torturas psicológicas, obtiveram a plena dignidade no cadafalso.

Mary Stuart e Maria Antonieta são anjos punidos que, com sua deslumbrante cabeça loura debaixo do braço, repetem incansavelmente a funesta mensagem: um dia vocês serão pegos pela História, que lhes precipitará, sobre vocês e seus contemporâneos e amigos, suas cortes. Estas já estão armadas, prontas para se lançada ao massacre. (BONA: 1999 p.262)

³¹ Teoria do “homem extraordinário” de Dostoievsky. É aquele que tem a capacidade de produzir feitos de enorme valor para humanidade. A ele é permitido o direito de burlar as leis morais, ou, simplesmente, ignorá-las, com a finalidade de conseguir o que deseja. Ele não se submete às leis que governam os outros homens, pois está acima delas.

A Europa dos anos de 1930 estava impregnada pela intolerância e pelo crescente movimento de eugenia³². Em 1935, as leis de Nuremberg consolidavam a segregação racial entre arianos (raça pura) e judeus. Os nazistas, não poderiam ser misturados com outras raças. A partir de então, o caráter racista do regime só se intensificou, levando à perseguição e eliminação de judeus, ciganos, homossexuais e deficientes físicos e mentais. A polícia política nazista – Gestapo – era a grande responsável pela perseguição desses grupos. Neste mesmo ano, a biografia “Mary Stuart” foi publicada. Stefan Zweig estava, mais do que nunca, convencido de que a Europa mergulhava em uma catástrofe sem precedentes. E, assim, escreveu nas últimas páginas de “Mary Stuart”:

Os grandes edifícios políticos que formam as nações são sempre construídos com as lajes da inexorabilidade e da injustiça, e seus alicerces são sempre argamassados com sangue. Na política, só não tem razão os vencidos, e com passos firmes a história passa por cima deles. (ZWEIG: 1960 p.366)

Foi o olhar agudo de Stefan Zweig sobre seu tempo que o fez escrever biografias que o ajudassem a pensar sobre um futuro terrível. A política nazista, além da perseguição, incluiu o encarceramento, o surgimento dos campos de concentração e a eliminação em massa dessas populações, por meio das câmaras de gás, culminando no Holocausto³³.

³² A Eugenia objetivou implantar um método de seleção humana baseada em premissas biológicas. Em 1907, Francis Galton, na Inglaterra, primo de Charles Darwin, criou a definição de eugenia nacional, que dizia ser “estudos dos meios que estão sob controle social que possam beneficiar ou prejudicar as qualidades raciais das gerações futuras, tanto física como moralmente” (PIETRA Diwan: 2015, p.45). A eugenia chegou ao poder e foi usada como arma política e limpeza étnica, tendo na Alemanha, Estados Unidos e Escandinávia seus maiores executores.

³³ A prova sofrida pelos judeus na Europa nazista de 1933 a 1945. Convencionalmente, o holocausto é dividido em dois períodos, antes e depois de 1941. No primeiro período, várias medidas antissemitas foram tomadas na Alemanha e depois na Áustria. Na Alemanha, depois das Leis de Nuremberg (1935), os judeus perderam os direitos de cidadania, o direito de ocupar cargo público, praticar profissões, casar-se com alemães ou desfrutar a educação pública.

4.2.1 Maria Antonieta: o sangue aguardando as terras da Europa

[...] por uma liga de meia semiapodrecida reconhece-se, com arrepios, que o punhado de cinzas esmaecidas da terra úmida é o ultimo vestígio da remota figura que foi, no seu tempo, a deusa da graça e do bom gosto, e depois uma rainha destinada e escolhida para todas as dores. Stefan Zweig

A preferência de Stefan Zweig pelos vencidos e personagens polêmicos, mal compreendidos, já era conhecida desde os seus escritos sobre Jeremias. Apresentar a superioridade dos subjugados produziu impressões de total compreensão da posição da mulher e seus desafios para mudar o rumo da vida e, conseqüentemente, da história. A biografia de Maria Antonieta extraiu as relações de poder e moralismo. Essa mulher insubordinada à rabugice moralizadora da sociedade francesa, que colocou em questão a revolução burguesa de 1789.

Zweig reconstruiu a imagem da senhora de França, uma insatisfação sexual, justificando o seu temperamento mais autônomo e independente. É sob o viés das teses de seu amigo Sigmund Freud que Zweig compreende a “rebeldia”, a excentricidade da rainha.

Quando o vigor sexual de um homem, comenta, está sujeito a perturbações, vemos aparecer nele certos desconfortos, uma falta de confiança em si, e, quando uma mulher se entrega sem resultado, evidentemente se produz nela uma agitação, uma superexcitação nervosa. (BONA: 1999, p.226)

Acreditava-se que, Luís XVI e Maria Antonieta não teriam tido um relacionamento conjugal satisfatório, pelo fracasso inicial da virilidade do rei: “por causa de uma má-formação benigna” (ZWEIG: 2013, p. 226), que foi solucionada por meio de uma pequena intervenção cirúrgica, garantindo, assim, a consumação da saída do estado virginal da rainha.

A personagem Maria Antonieta foi capaz de se reconciliar com seu tempo e desempenhar bravamente o seu papel na sociedade francesa do século XVIII. Eis que se revelou mulher-heroína em um dos momentos mais importantes da história ocidental. Foi num crescente amadurecimento, imposto

por um mundo de soberania masculina, que a criança, sacrificada pelas obrigações de Estado, tornou-se mulher e soberana. O autor retirou a personagem da submissão e a fez alçar voos além do horizonte, o que rompeu com preceitos da soberania masculina.

Dominique Bona evidenciou a razão pela qual Zweig desejou confirmar que a mulher e rainha Maria Antonieta, apesar de muitos defeitos de caráter, foi capaz de executar modificações, marchando para a maturidade dentro de um turbilhão revolucionário.

Zweig, em *Maria Antonieta*, procede a uma demonstração através de um retrato em movimento. Quer provar que uma mulher média ou um homem médio, postos em circunstâncias excepcionais e encurralados na desgraça, são capazes de mudar profundamente até quase mudar a alma. (BONA:1999, p.227)

Dessa forma, a importância de Maria Antonieta perante uma sociedade comandada por homens foi evidenciada. A ela restou o espaço privado da sua defesa, a obrigação de gerar provas para sua inocência, na ousadia de exercer a sua sexualidade, suas fantasias e de destruir acusações que foram consequências de uma dominação machista, inclusive de incesto em relação ao seu filho de oito anos e meio, que persuadido cruelmente pelos interrogadores, se declarou vítima de sua mãe.

[...] certo dia, Simon ou sua mulher descobrem que a criança precoce e atrevida dedica-se a certas travessuras próprias de garoto, os assim chamados *plaisirs solitaires*. (...) pressionado por Simon sobre quem lhe ensinara tais práticas malsãs, diz a infeliz criança – ou permitiu que lhe sugerissem – ser sua mãe e sua tia o teriam induzido àquele mal costume. (...) induz por fim o menino a afirmar que as duas mulheres o teriam imposto inúmeras vezes em sua cama e que a mãe praticara incesto com ele. (ZWEIG: 2013, p.438)

O povo não a perdoou por tamanha falta. Uma ideologia de pureza, focada nas mulheres, ofendeu a sociedade e a rainha de França foi colocada, frontalmente, em luta contra as publicações difamatórias, ante seus vorazes algozes e, enfim, ante o poder do “falo”. Esclareceu Butler:

No lugar de uma sexualidade com “identidade masculina”, em que o masculino atua como causa e significado irredutível dessa sexualidade, nós podemos desenvolver uma noção de sexualidade construída em termos de relações fálicas de poder, as quais reestruturariam e redistribuiriam as possibilidades desse falicismo por meio, precisamente, da operação subversiva das “identificações” que

são inevitáveis no campo do poder da sexualidade. (BUTLER: 2016, p.65)

O relevante é que a obra de Stefan Zweig, “Maria Antonieta retrato de uma mulher comum”, tem uma conotação revolucionária. É através das vivências da personagem histórica, marginalizada socialmente, que encontramos a ressignificação das ideias e impressão de novos valores. Escreve Zweig:

O trágico existe também quando a natureza média, se não fraca, é vinculada a um destino formidável, a responsabilidades pessoais que a esmagam e trituram, e esta forma de trágico me parece mais tocante do ponto de vista humano. (BONA: 1999, p.229)

Será na desconstrução de ideologias autoritárias, machistas e patriarcais que se estabelecerão a não-violação do direito fundamental de autonomia e de liberdade da mulher.

A rainha de França, mostrada por Stefan Zweig, foi personagem *avant-garde*. A mulher, a priori ingênua, que viveu alienada dos acontecimentos sociopolíticos, converteu-se em uma mulher que tomou as rédeas de sua vida e, consciente de seus desafios, tornou-se sujeito de seu tempo na busca da liberdade.

Como nos disse Oliveira & Meihy (2017), em seu artigo, que os “biógrafos funcionam como exumadores de cadáveres significativos, de alguma forma, mas que, assim cumprem a vivacidade do in memoriam” (Oliveira & Meihy: 2017, p. 239), Stefan Zweig foi um “coveiro incontido. As biografias escritas por Zweig recuperam a voz, o caráter incontestável da mulher poderosa e aborda a fluência natural dos impulsos femininos da rainha de França, que, mesmo aprisionada, isolada, caluniada, submetida a tortura psicológica, alcançou a plena dignidade em seu cadafalso. Zweig fez de seus leitores testemunhas de exumação:

Todos desejam então ler a história a partir das lembranças de testemunhas, a fim de ordenar para si mesmos sua vivência desordenada. [...] O público anseia pelas lembranças e experiências de qualquer um que tenha chegado, ao menos uma única vez, perto de uma das possibilidades que se tornaram históricas (ZWEIG: 2013, p. 484)

O escritor acreditou que a história de uma vida só tem importância pelos momentos decisivos vividos, por isso deve-se narrar, com exatidão, quando se coloca em questão todas as forças de um ser humano para que se possa exteriorizar sua personalidade.

4.2.2 Mary Stuart: uma reflexão sobre a História

Si je suis en repos
 Sommeillant sur na couche
 Je le sens qu'il me touche:
 En labeur, en recoy
 Toujours est près de moy.³⁴ Mary Stuart

O rei Jaime V da Escócia, que faleceu em 1542, teve uma única descendente legítima, Mary Stuart. A princesa só tinha seis dias de vida quando seu pai morreu. A maior parte de sua infância foi na França, enquanto a Escócia era governada por regentes. Em 1558, Mary Stuart casou-se com o Delfim da França, Francisco. Um ano após o seu casamento, o príncipe assumiu o trono da França, tornando-se Francisco II, que morre. Mary Stuart voltou, viúva, para a Escócia. Esse foi o começo da história de uma mulher que despertou a curiosidade de Stefan Zweig, um escritor inquieto. Os documentos sobre a execução de Mary Stuart, decapitada em 1587, por ordem de Elizabeth I, estavam sendo exibidos em uma exposição no British Museum, em Londres, em 1934. Zweig, movido por uma curiosidade costumeira, quis penetrar fundo na história” (PRATER: 1991, P.237) e escolheu a personagem intrigante para escrever uma nova biografia.

Três séculos se passaram e Mary Stuart ainda atraía a atenção dos poetas e literatos, que buscavam novas formas de narrar a vida dessa mulher. Como Zweig escreveu na introdução da biografia de Maria Stuart:

³⁴ Se estou em repouso / Sonolenta sobre o leito / Eu o sinto me tocar: / Com intensidade, em segredo / Sempre está próximo de mim. (Nossa tradução)

Mas o segredo da vida de Maria Stuart tem sido figurado e interpretado não só frequentemente, mas também diversamente: talvez não haja outra mulher que tenha sido apresentada sob formas tão diferentes, ora como assassina ora como mártir, já como desatinada intrigante, já como santa. (ZWEIG: 1960, p.5)

Foi essa a figura dramática escolhida para fazer parte de sua galeria de tipos humanos. Serviu ao questionamento do momento belicoso em que a Europa atravessava.

A vida da rainha da Escócia foi carregada de situações trágicas. Mary Stuart se casou com seu primo Henrique Stuart, em 1565, mas não teve uma relação matrimonial feliz. Em uma explosão, a residência real fora destruída e seu marido, Henrique Stuart, Lorde Darnley, foi encontrado morto, nos jardins. A rainha contraiu outro matrimônio e o escolhido foi Jaime Hepburn, que fora absolvido da acusação de ter matado o seu segundo marido, Henrique Stuart. Esse acontecimento provocou um descontentamento na corte escocesa, resultando em um levante contra o casal. Mary Stuart foi obrigada a abdicar do trono da Escócia, em 24 de junho 1567, em favor de seu filho com Henrique Stuart, futuro Jaime IV e primeiro da Inglaterra, com apenas um ano de idade.

A figura de Mary Stuart atraiu Zweig, por ela pertencer a um tipo raro de mulher, cuja “verdadeira capacidade da vida sentimental está condensada num período bem curto, que tem uma florescência breve, mas intensa, que verdadeiramente não vivem durante a vida inteira” (ZWEIG: 1960, p.7). O que justificou a personagem foi a inquietude da paixão.

Mary Stuart tentou reconquistar o trono da Escócia, mas não foi bem sucedida. Reivindicou o trono, para si, de sua prima Isabel I, rainha da Inglaterra, pedindo, também, sua proteção pessoal. Ela foi uma personagem pela qual Zweig mostrou como os “acontecimentos servem de medida da alma”. e ao “encurralá-la a num trágico destino elevarão a rainha acima de si própria e a farão heroína” (BONA: 1999, p.261). Acusada de tramar o assassinato da Rainha da Inglaterra, Isabel I. Mary Stuart, viu-se sozinha, assim como um dia, Maria Antonieta, duzentos anos depois, como registrado nas páginas da História. Mary Stuart fora decapitada, 1587, aos 44 anos de idade.

4.2.3 Joseph Fouché: aquele que convém a todos e a ninguém

“quem tem o poder sempre nas mãos esquece o seu verdadeiro valor” Stefan Zweig

Stefan Zweig, em “Autobiografia: o mundo de ontem”, confessou que foi envolvido pelo encanto pessoal de Fouché, para escrever a sua biografia, mas não acreditou que teria tanto sucesso. A figura dúbia de Joseph Fouché foi, para Zweig, elemento fascinante e rico que serviu para traduzir o pensamento sobre “sua aversão ao engajamento político de intelectuais e alertar para os perigos do facciosismo” (ZWEIG: 2015, p. 218). Seu trabalho de construção biográfica foi tão primoroso que o compromisso com a escrita lhe garantiu a obrigação de:

como biógrafo ou ensaísta tentar investigar as causas da influência ou falta de influência em obras alheias ou personagens dentro de sua época, não pude deixar de me questionar nos momentos de reflexão sobre em que virtude especial dos meus livros basearia o seu sucesso, tão inesperado para mim (ZWEIG: 2014, p.285)

O escritor iniciou uma perseguição aos rastros de Joseph Fouché, em 1926, com a questão da União Soviética, forçando-se a fazer comparações com a Revolução Francesa. Esse encontro se realizou, a priori, no momento em que Zweig escreveu o livro “Construtores do Mundo” sobre os perfis de Honoré de Balzac, Charles Dickens e Fiódor Dostoievisk. Em setembro de 1928, Zweig viajou à Rússia, como integrante da delegação que representou os escritores austríacos, para participar dos atos comemorativos do centenário de nascimento de Leon Tolstói. Com a progressiva ascensão de Stalin, sua opinião sobre a União Soviética se fez, sempre, por críticas negativas: “pues al cabo de três meses muchas cosas habían cambiado tanto que ya no se parecían a lo que yo había visto” (ZWEIG: 2014, p. 6).

Ao retornar, Zweig escreveu longas cartas endereçadas para seu amigo Romain Rolland, revelando:

sobre o tipo de homem político cuja força nada tem a ver com convicção, paixão – a magia do calculista frio, o anticristo do ser criativo, do gênio moral ou heroico... Meu Fouché pronto no outono [1929], um livro contra a política sem fé e sem ideais, como da Europa de hoje... (ZWEIG: 2014, p.219)

Diante da decepção do regime totalitário soviético implantado pela da política de Stálin e do suicídio de Maiakóviski³⁵, Stefan Zweig, se apropriou de um personagem da história para lembrar como a política, a ciência do absurdo, é nefasta ao homem. O escritor dedicou-se à biografia do francês Joseph Fouché, fiel sempre a si mesmo, um homem político capaz de trair tudo, a todos e de abraçar qualquer ideologia em nome do poder.

Albert Dines, em “Morte ao paraíso”, deixou claro toda a intenção de Stefan Zweig em trabalhar na biografia de Joseph Fouché, um “um traidor nato, intrigante miserável, natureza réptil” (DINES: 2012, p.201). O escritor não escondeu o desejo de apresentar a amoralidade de seu personagem, e, naquele momento, foi necessário fazer conhecer a face de um homem político:

[...] um homem absolutamente amoral, de alguém tão singular e relevante como Joseph Fouché, eu bem sei, vai de encontro aos desejos evidente de nosso tempo. Nossa época quer e ama biografias heroicas, pois, diante da carência de lideranças politicamente criadoras, busca no passado exemplos mais elevados. Não desconheço o poder das biografias heroicas de elevar as almas, intensificar as forças, levantar o espírito. Desde os dias de Plutarco, são necessárias para cada geração em ascensão, para cada nova juventude. Mas é precisamente no âmbito político que elas correm o risco de falsear a História, ao levar a crer que – naquela época e sempre – os verdadeiros líderes de fato determinam o destino do mundo. (ZWEIG: 2015, p. 11/12)

Joseph Fouché tornou-se um clássico devido às inúmeras analogias feitas às políticas amorais e pelo poder analítico sobre a psicopatologia do poder. Dines nos contou que Fidel Castro teve um grande interesse pelos livros de Stefan Zweig, por acreditar que “as obras do escritor revelassem a crise do humanismo burguês e o fracasso do individualismo num mundo definido pela violência da história...” (DINES: 2012, p. 667).

Avaliza-se que Stefan Zweig fez uma troca humana e solidária, permitindo-se compreender a própria vida por meio daqueles que estudou e pesquisou. A biografia do estudado e a posição própria do autor sempre se manifestaram em sua escrita. Como disse o professor Meihy, em suas aulas de história oral: “ao lermos um texto, temos que estar munidos de espingarda”. Um escritor tem sempre uma intenção de revelar algo ou alguma coisa. Não se

³⁵ Vladimir Maiakóviski nasceu em 19/07/1893, em Bagdathi, Georgia e suicidou-se em 14/04/1930, em Moscou, Rússia. Foi o poeta da revolução soviética de 1917.

escreve uma biografia pela mera ânsia de conhecimento. Stefan Zweig demonstrou o sentido de suas biografias, não só, pela vida do biografado, mas revelando a sua própria e incluindo fatos particulares inerentes às vivências de outras pessoas. Foi nessa configuração peculiar, que o autor encontrou verdades dissociadas do senso comum.

5 O NÃO ENCONTRO

“[...] mas eu nunca mais terei uma pátria, e parece que o provisório transformou-se para mim definitivo” Stefan Zweig

O ano de 1939 foi, para Zweig, difícil de suportar. Uma série de episódios infelizes não admitiu que seu espírito repousasse, levando-o à busca de seus limites. Assim registrou em seu diário em 13 de setembro:

Mercredi. Rien d'important. Il faut que je me mette enfin au travail. Cette situation ne peut durer plus long-temps. Signé aujourd'hui l'acte d'achat de la maison – je pense qu'em fin de compte ce ne fut pas une mauvaise chose, même si je ne devais pas rester dans le pays après la guerre. Je suis las penser à l'avenir. (ZWEIG: 1986, p.403)

O escritor sofreu perdas irreparáveis. O amigo poeta, dramaturgo político e revolucionário alemão de origem judaica, Ernst Toller³⁶, se enforcou em 22 de maio de 1939, em Nova York. Seguido ao falecimento de Toller, uma nova perda. Em 27 do mesmo mês, seu velho amigo, judeu, jornalista e escritor austríaco, Joseph Roth, o “santo beberrão”, como o próprio Roth se alcunhara, faleceu em Paris. Zweig, em Londres, traçou um magnífico retrato do amigo, no discurso de honra fúnebre, dizendo que Roth tinha qualidades “do homem russo, do homem judeu e do homem austríaco (BONA: 1999, p.307). Também lembrou o “cavaleiro temerário e irrepreensível, inteiramente consagrado a esta tarefa sagrada: o combate ao inimigo do mundo e, a um tempo, a seu próprio destino” (Ibidem). Citando os livros: A marcha de Radetzki, Hiob e A cripta dos Capuchinhos como romances memoráveis e que compunham as mais belas provas da contribuição judaica à cultura alemã, Zweig denunciou: “na Alemanha, a literatura sofreu com Hitler a pior derrota de sua história, e está preste a desaparecer completamente do cenário europeu” (BONA: 1999, p. 307). Stefan Zweig, naquele discurso fúnebre, apelou para todos que, como ele e Roth, se empenhavam pela tarefa de defender a língua, a literatura e a cultura germânica.

³⁶ Ernst Toller nasceu na Prússia, em Szanocin, em 1893. Combateu na Primeira Guerra Mundial o que levou a desenvolver uma posição pacifista e próxima à Revolução Socialista. Participou da Revolta da Baviera em 1918, e, conseqüentemente, da criação da Rep. Soviética da Baviera, sendo encarregado da formação de um exército vermelho, apesar de seu ideário pacifista.

Zweig deixou Londres e foi para Bath, pequena cidade no sudoeste da Inglaterra, local tranquilo, que amenizaria as crises de asma de Lotte. Ele ficou consternado pela morte dos amigos, pois não acreditou que tivessem morrido de doença, ou alcoolismo, mas sim, uma “forma superior de autodestruição”, uma vez que o novo século trouxera aos artistas o sentimento de uma época “sem gosto nem direito, que leva os mais nobres ao desespero.” (BONA: 1999, p.308).

Os episódios que se seguiram, em 1939, não foram animadores. A Polônia foi invadida por tropas alemãs e, em 3 de setembro, a Grã-Bretanha e a França, em socorro à Polônia, declararam guerra à Alemanha. Para Stefan Zweig, a história estava se repetindo. Ele sabia que, na Europa, se formava um segundo confronto fratricida.

O sentimento de Zweig foi de que, de um dia para o outro, se transformara de exilado político em um estrangeiro inimigo, já que falava alemão. Preocupado com os acontecimentos no continente europeu, ele, em uma rápida cerimônia, no dia 6 de setembro, casou-se com Elisabeth Charlotte Altmann (Lotte) e comprou uma casa em Lyncombe Hill, nas montanhas de Bath. Zweig a chamou de Rosemount e declarou, em carta para seu amigo Felix Braum: “tudo o que faço consiste em tentar pôr minha vida em ordem em meio a um mundo caótico” (BONA: 1999, p.309).

Em 23 de setembro de 1939, ele suportou outro duro golpe: o amigo e mestre, Sigmund Freud, morreu, deixando um imenso vazio. No dia 24, ele escreveu em seu diário:

Dimanche 24 sept. J'apprends par la radio que Freud est mort cette nuit – le grand ami, le mètre cher. Naturellement, je voudrais aller aux obsèques. Mais je ressens une fois de plus mon isolement en ce pays – je ne dispose pas de journal dans lequel je pourrais écrire quelques mots, d'aucune possibilité de dire quoi que ce soit, et cela après six années passées en Angleterre. En de tels instants, mais seulement en de tels instants, je regrette de ne pas m'être installé ailleurs – je n'ai plus le choix, je dois rester où je suis; ma vie de toute façon ne vaut plus grand-chose, fini la liberté, et, dans cette “lutte pour la liberté allemande”, c'est celle de l'Angleterre qui aura le dessous. J'aimerais posséder la candeur de mes collègues écrivains. Ou bien suis-je simplement plus sincère envers moi-même? Quelle année pour moi – Freud, Roth, Toller, et combien d'autres! (ZWEIG: 1986, p. 407)

Freud sempre lhe foi inspirador e o acolheu após sua imigração para Londres, recebendo-o várias vezes em sua casa e, uma vez, acompanhado do pintor espanhol Salvador Dalí. Zweig e Freud estiveram irmanados pelo sentimento de excluídos de suas pátrias, por falarem alemão, por sonharem em alemão, por uma língua que os excluía.

No dia 26 de setembro, no crematório Golders Green, em Londres, foi o próprio Zweig o encarregado de proferir a oração fúnebre de Freud:

Permita-me dizer, diante deste ataúde glorioso, algumas palavras de agradecimento comovido em nome de seus amigos de Viena, Áustria e de todo mundo, pronunciando-as no idioma tão grandiosamente enriquecido e enobrecido pela obra de Sigmund Freud. [...] Aqui, sua partida não representa um fim, não é um remate abrupto, mas uma suave transição da mortalidade para imortalidade. [...] Ainda os que não conhecem sua obra, os que combatem as ideias de Sigmund Freud e até os que jamais ouviram pronunciar seu nome, sem o saber lhe devem favores e podem, portanto ser considerados súditos de sua vontade espiritual. Sem ele, cada um de nós, homens do século XX, teria modo de pensar e de compreender diferentes; cada um de nós teria de pensar, julgar e sentir de maneira mais estreita, menos liberal, menos justa, se não fossem as ideias pioneiras de Freud, se não fosse aquele impulso poderoso que nos legou. E seja onde quer que tentemos penetrar o labirinto do coração humano, a luz do espírito de Freud continuará a iluminar nosso caminho.

[...] Ei-lo em sua época vaidosa e fútil; o homem firme, o verdadeiro inquiridor da verdade a quem nada neste mundo importava senão o absoluto, o eternamente verdadeiro.[...] Por seu intermédio, mais uma vez o tempo demonstrou que não há coragem mais magnífica na terra que a coragem livre e independente do homem intelectual.(ZWEIG: 1960, p. 45).

Zweig soube sobre o episódio, na França, de constrangimento de seus **conterrâneos**, que se tornaram provisoriamente prisioneiros e foram transferidos para campos de concentração, sendo submetidos ao controle de identidade e classificados como bandidos. Zweig em Bath esteve livre dessa sujeição, mas mesmo assim sentiu-se vigiado, como escreveu para Romain Rolland em 11 de setembro: “sinto-me prisioneiro. (...) é um pouco estranho ser tratado como alemão do Reich após me haver recusado abertamente a reconhecer a anexação da Áustria” (BONA: 1999, p.310).

Em 1940, Stefan e Lotte Zweig conseguiram o certificado de naturalização britânica, um importante trunfo. Esse fato ajudou, bastante, o casal em deslocamentos no território europeu e tirou Zweig da condição de inimigo, mas não foi um fato tranquilizador, pois sentia-se estrangeiro, inseguro e marginal.

Em abril, Zweig proferiu uma conferência em Paris, organizada por Friderike, no teatro Marigny. Ele intitulou a palestra como “Viena de ontem” e , que depois foi transformada no livro intitulado “O mundo que eu vi”. Nessa palestra, Zweig lamentou a liberdade perdida, os prazeres da capital, símbolo da alegria, da literatura, da música, das operetas, dos poetas, das belas-artes; a Viena que se distanciava de sua missão histórica “a de ser um lugar de defesa de uma cultura superior” (ZWEIG: 2013, p. 280), devido ao regime autoritário implantado após a anexação da Áustria pelos nazistas.

5.1 Diários de Stefan Zweig: ensaios para um suicídio

“Aqueles que anunciam que lutam a favor de Deus são sempre os homens menos pacíficos da terra. Como crêem receber mensagens celestiais, têm os ouvidos surdos a qualquer palavra de humanidade.”
Stefan Zweig

Ao retornar a Londres, em maio, as forças de Hitler invadiram, conquistaram e sobrepujaram mais territórios europeus, como a Dinamarca, Noruega, França, Bélgica, Luxemburgo e Holanda, isolando a Inglaterra. Stefan Zweig escreveu em seu diário:

Lundi 27, Été à Londres. Pour la première fois, le train n'est pas à l'heure, sans doute arrive-t-il déjà des trains de blessés et des transports. Au ministère de l'Information, causé avec ces deux messieurs, ils sont tous deux pour, sans réserve – plus que moi, d'ailleurs, qui préfère leur abandonner la décision. Qu'y ferais-je, en effet? Je ne pourrais travailler, trouver le calme – si j'étais resté Hallamstreet, je me sentirais plus libre, mais une maison exerce sur vous un cureux pouvoir. Et puis j'éprouve une certaine lassitude, je renâcle à changer – je ne voulais pas de New York, l'A. en général me samble désespérante, à l'exception de San Francisco, et pour cela Il est trop tard. les questions matérielles me fatiguent et, après ces allées et venues, j'ai du me reposer à St. James Park. la ville est deserte. Des rues entières ont leur aspect du dimanche. C'est que le coup est tombe avec une violence inouïe. Nous autres, dans l'Autriche de 1914, l'histoire nous avait habitués aux défaite, ici, persone n'avait le moindre doute quant à la victoire, et même la victoire immédiate. Le slogan de la “dernière bataille” était parole d'évangile. Pour la première fois, on décèle chez lês gens une inquietude que les journaux de la plus basse catégorie essaient de tourner contre les étrangers. Nous aurons à souffrir pendant et après la guerre a) em tant qu'Allemands de naissance, b) em tant que Juifs de naissance. Mais où aller pour fuir cette haine? Partout elle nous quettera, partout elle nous traquera. (ZWEIG: 1986, p.418)

Instalou-se uma grande mágoa em Zweig. Ele sofreu com o ódio, mas não se revoltou. Ele se viu, mais uma vez, impelido a fazer as malas e partir. Uma interioridade profunda fez com que, em seu diário, registrasse três precisas menções ao suicídio, duas no mês de maio e uma no mês de junho de 1940:

A primeira vez:

Dimanche 26. Prayer Day (...) le destin et le malheur agissent les peuples aussi bien que les hommes, et pour les ambitieux qui veulent singer Hitler, l'appareil a fait se preuves. En tout cas, on ferait bien d'avoir sous la main un flacon de morphine. On en aura peut-être besoin. Je crois être l'un des rares à penser qu'il n'y a pas une journée à perdre et qu'il ne faudrait pas retarder l'issue sans avoir une certitude. (ZWEIG: 1986, p.417)

A segunda vez, Zweig reforçou a ideia do provável suicídio dizendo que estava ao seu lado o pequeno frasco de morfina.

Mardi 28. Le matin, nouveau coup de tonnerre: la Belgique a déposé les armes. (...) voilà le crime le plus épouvantable de Hitler: avoir [élevé au rang de valeur le mensonge et la félonie, avoir fait en sorte qu'on baptise "art de vivre et de gouverner" ce qui, depuis des millénaires, était considéré comme un crime. Nous autres, qui vivons dans avec les idées d'autrefois, sommes perdus; j'ai déjà mis de cote certain petit flacon. Car je crois maintenant tout possible, même l'arrivée des Allemands en Angleterre si l'Italie devait intervenir, si la France capitule ou si Paris et le Havre sont perdus. (ZWEIG: 1986, p.419/420)

E a terceira vez:

Mercredi 12. Toujours pas de réponse à préservé. Paris semble être devenu un enfer, une grande partie de la population l'a évacuée, impossible d'imaginer ce qu'il va advenir de F.¹⁸ et de tous mes amis. Il semble aussi que d'importantes fractions de l'armée soient coupées du reste du pays, l'effondrement est donc inévitable. En viendra-t-on à capituler? Le seul réconfort est de penser qu'on peut en finir à tout moment. – Chose inquiétante: même ici, à Bath, ont lieu presque tous les jours des procès contre des sympathisants nazis, qui mettent clairement en évidence la collusion de l'Allemagne avec les fascistes anglais [...]. (ZWEIG: 1986, p.427)

Em 15 de junho, seu amigo Ernst Weiss se suicidou com um copo de veneno e, cortando seus próprios pulsos (DINES: 2012, p.326), um dia depois da invasão dos nazistas na França.

As perdas e desânimo por não conseguir encontrar a tranquilidade desejada, Stefan Zweig deixou como testamento no livro *Coração Inquieto*, em que relatou o refinamento, o encanto de tudo que era genuinamente austríaco.

Diante dos acontecimentos, ele desejou mudar de continente. Considerou, novamente, o convite de partir para as Américas, via Estados Unidos. Em sua bagagem, somente o necessário e a possibilidade de cometer o suicídio. Ele não acreditava mais no futuro. A procura por um lugar o levou à melancolia.

(...) cheio de medo, o futuro não lhe inspira nenhuma esperança. Em verdade ele já nem acredita no futuro. “Onde fica o lugar”, pergunta-se, “que garantisse um espaço vital tranquilo e real segurança por um decênio? Não espera resposta. Está convencido: o amanhã já não interessa. Só o ontem, o maravilhoso ontem, o liga ainda, um pouco, à existência. (BONA: 1999, p. 317)

Stefan Zweig não deixou dúvida, escrevendo em seu diário, sobre sua aflição. Ele registrou explicitamente, no mês de junho de 1940, o medo, a decepção com a vida – “a vida já não é digna de ser vivida”, de buscar o lugar e não encontrar:

Jeudi 13. Les dés sont jetés pour Paris. Quelques jours au plus, et l'une des pages les plus terrifiantes de l'histoire aura été tournée. Je ne peux m'empêcher de me poser la question: à quoi bon penser encore? Cette guerre était menée au nom d'un principe sur lequel repose notre existence; si principe s'écroule, ilentraîne avec lui notre existence. Alors, à quoi bon vivre, et où vivre? Ce ne serait plus qu'une fuite incessante, une volonté de se maintenir au-dessus des eaux, mais je ne vois pas de pays où, à mon age, je pourrais m'installer. J'ai sacrifié sans peine beaucoup de choses parce que j'ai la chance d'ignorer la vanité, mais je ne supporte pas à la longue cette méfiance, cette haine autour de moi. J'en suis las irrémédiablement. Toutjours courber l'échine, se sentir toujours em faute, cela peut aller pour quelques semaines, mais comme forme d'existence, c'est intolérable. Je n'ai jamais été aussi pessimiste, aussi desespere, car le combat (depuis longtemps perdu) n'est plus qu'un baroud d'honneur, et non point la recherche de solutions positives telles que la victoire. – Je sens chaque jour la méfiance croître envers nous autres [...], elle peut encore pendre des formes germaniques. Mais où aller? (ZWEIG: 1986, p.427/428)

Para onde ir? Essa indagação atormentou as páginas finais de seu “Carnet de notes de la Guerre 1940³⁷”: “Mercredi 19. Fait les bagages, ou du

³⁷ Stefan Zweig escreveu esse título em inglês: Notebook War 1940

moins les préparatifs. Il ne nous reste plus qu'à attendre deux ou trois jours l'ordre de départ. Ici, tout devient pour nous plus difficile de jour en jour”.

O casal deixou Londres em direção às Américas. Não houve mais lugar para eles no velho mundo. Stefan Zweig viveu a experiência do não lugar, com o afastamento físico da Europa e a tentativa de encontrar em si mesmo um lugar. Ele vivenciou o isolamento e a multiplicação dos não lugares em todas as partidas, criando a tensão da solidão e do não encontro que o perseguiu em suas chegadas.

Em Nova Iorque, Zweig não se sentiu confortável, porque os cidadãos austríacos e alemães eram vistos com desconfiança nos Estados Unidos. Compartilhou o mesmo sentimento que seu amigo escritor, Klaus Mann (filho rejeitado de Thomas Mann, por ser homossexual), que trabalhou para o exército americano na Segunda Guerra Mundial, fazendo folhetos de propaganda em alemão. Klaus escreveu, em seu diário, os dissabores vividos por ele: “Não quero mais ser um *outsider*, uma exceção” (BONA: 1999, p.314).

Quando o governo norte-americano concedeu a Lotte o visto provisório, Zweig se dedicou a ajudar muitos amigos que ficaram na Europa, a quem as origens judaicas ou as ideias liberais condenavam à clandestinidade, à fuga, ao exílio, conseguindo, também, para sua ex-esposa, Friderike, as filhas e genros os vistos para os Estados Unidos:

Eles deixaram a França, onde seu nome (Friderike) faz parte da lista negra, transpõem fronteiras a pé e chegam a Lisboa, onde munida de uma recomendação do ex-marido a um ministro português, Frederike consegue lugares em um navio que tem a bordo Heinrich Mann e a mulher, Golo Mann (outro filho de Thomas Mann) e Franz Werfel, e que chega a Nova York no dia 13 de outubro de 1940. (BONA: 1999, p. 326)

Zweig não aguardou a chegada de Friderike. O casal Zweig permaneceu apenas um mês em Nova Iorque. Ele foi, em todos os lugares, um estrangeiro cuja cultura germânica lhe suscitou a antipatia mundial. O escritor escamoteou a verdade sobre o cansaço de sua busca e escreveu, a bordo do navio Argentina, uma carta dirigida à Friderike, relatando que aproveitaria a viagem para descansar das pressões sofridas em Nova Iorque, pois, no Rio de Janeiro, ele se sentia espiritualmente mais livre.

Zweig estava sob o emblema da errância, sobrecarregado de desesperanças. O ritmo lento do navio Argentina retratava o seu desânimo.

Ano 1940. Agosto, 21. Zweig não era mais o mesmo, de quando visitou o Brasil pela primeira vez, em 1936. Hitler, Mussolini e Franco já haviam lançado milhares de refugiados pelo mundo. E ele estava abatido pela busca por sua identidade, por não encontrar os contornos do domínio abstrato do dever humano. Desejando o anonimato, a seu pedido, ninguém o recebeu no porto do Rio de Janeiro. O burburinho nova-iorquino havia lhe furtado a vontade de escrever. O Brasil foi o país que aliviou as antigas feridas, mas não atenuou a vergonha “de encontrar repouso enquanto os companheiros sofrem, e se acusa de dedicar seu tempo a uma obra pessoal, em vez de lutar por sua comunidade e de retornar a guerra humanista” (BONA: 1999, p.327).

Stefan Zweig esteve no *front* da batalha solitária entre ele e o improvável. Seu próximo trabalho não teve como tema central uma pessoa. Foi a história de uma nação, “o perfil de um país. Brasil, País do Futuro (escrito em 1940 – 1941) [...], história das circunstâncias que permitem que o nosso país conseguisse converter-se em alternativa a um mundo tomado pelos ressentimentos e pelo rancor racial.” (DINES: s/a, p 14).

Zweig viajou para Argentina, permaneceu em Buenos Aires por um mês, onde aceitou vários convites para conferências, palestras e debates. Em 13 de novembro, seguiu viagem para o Uruguai. Em Montevideú, o dinheiro de suas palestras foi destinado às organizações de ajuda aos refugiados alemães e austríacos. Retornou ao Brasil em 15 de novembro de 1940. Nas comemorações de final do ano, ele refletiu sobre a estrofe do épico Os Lusíadas, de Luis de Camões, poeta fundador da nação portuguesa, que Zweig verteu para o alemão, enviando para amigos:

No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra o bicho da terra tão pequeno? (CAMÕES: s/a, p.61)

Zweig, assim como o navegador, Vasco da Gama, não terminou a sua procura. Ele peregrinou de um território a outro, ele navegou em mares do não encontro, não se encontrando em si mesmo, mas sabendo que “navegar é preciso; viver não é preciso”³⁸.

Em janeiro de 1941, conheceu o nordeste e o norte do Brasil, passou por Bahia, Pernambuco chegando ao Pará. Em Salvador, o evento da Lavagem das Escadarias do Senhor do Bonfim, uma comemoração emblemática da cultura popular brasileira, fez com que Stefan Zweig identificasse, no povo brasileiro, uma propensão dionisíaca de vida:

Nós já estávamos aqui há três dias e tudo que vimos é simplesmente maravilhoso; é a cidade mais colorida que já conheci e hoje nós assistimos à maior festividade popular, a Lavagem do Bom Fim – isso quer dizer que uma boa parte dos habitantes da cidade, a maioria negros, vem lavar a igreja em homenagem aos seus santos, e essa lavagem, que começa com uma cerimônia religiosa, acaba em orgia com milhares de pessoas que dançam, gritam, lavam e ficam completamente doidas. Eu jamais vi qualquer coisa de tamanha histeria humana de fundo religioso e tudo isso nas cores mais vibrantes e sem truques artificiais – não há nada mais estranho para ver do que isso, e se fosse numa produção teatral ou num filme, seria o maior “sucesso”. (ZWEIG: 2012, p.47)

A troca de experiências entre pessoas de culturas diferentes imprimiu-lhe impressões de muita relevância. Acreditou que a história do homem era marcada pela coexistência de várias culturas, por práticas e tradições, que levariam o homem a refletir sobre o grupo ao qual pertencia. O viver produz uma ressignificação da vida. O casal Zweig sabia que se vivia com muito pouco no Brasil, mas era imperativo que eles esquecessem o antigo padrão de vida europeu.

Apesar das grandes diferenças culturais, Zweig seguiu a trilha de sua crença – a possibilidade de viver com as diferenças de forma harmônica e, acima de tudo, com respeito. A expressão da realização desse ideal encontra-se na epígrafe, em francês, escolhida por ele, para sua obra “Brasil, um país do futuro”, que acompanharia todas as edições francesas:

Um pays nouveau, un port magnifique, l'éloignement de la mesquine Europe. Un novel horizon politique, une terre d'avenir et un passe

³⁸ Antigos navegadores portugueses tinham uma frase preciosa: “Navegar é preciso; viver não é preciso” Fernando Pessoa.

presque inconnu que invite l'homme d'étude à des recherches, une nature splendide et le contact avec des idées exotiques nouvelles. (ZWEIG: 2009, p.156)

Stefan e Lotte Zweig continuavam na trilha da inquietação. Após cinco meses no Brasil, voltaram aos Estados Unidos com a finalidade de rever alguns amigos como Friderike, Klaus Mann, Jules Romains e Sholem Asch³⁹. Em 15 de maio, Stefan Zweig deu sua última conferência, na qual dissera envergonhado: “não podemos negar que foi nossa pátria que levou esses horrores ao mundo” (BONA: 1999, p.330). E se defendeu de acusações sofridas pela incompreensão, diante dos membros do PEN Clube americano:

Se um escritor pode deixar o próprio país, não pode, porém, desvincular-se da língua com que foi criado e com que pensa. Foi nesta língua que por toda vida lutamos contra a autoglorificação do nacionalismo, e é ela a única arma que nos resta para continuar a lutar contra o espírito criminoso e malfeitor que destrói o mundo e lança a dignidade do homem à lama. (BONA:1999, p.330)

Em 15 de agosto de 1941, no porto de Nova Iorque, um espaço de transição e de partida, foi que Stefan e Lotte Zweig reiniciaram à procura do lugar. Embarcaram, na primeira classe, no navio Uruguay em direção ao Brasil, com a decisão de fixarem residência. Nenhum de seus amigos veria o casal novamente.

5.2 Montaigne: o confidente de Stefan Zweig

“Ninguém determina do princípio ao fim o caminho que pretende seguir na vida; só nos decidimos por trechos, na medida em que vamos avançando.” Montaigne

Marc Augé escreveu, nas últimas linhas de seu livro “Não lugares - Introdução a uma antropologia da supermodernidade”, que encontrar o não lugar será “escapar à opressão totalitária do lugar, será encontrar algo que se

³⁹ Sholem Asch nasceu em 1 de novembro de 1880 em Kutno, na Polônia, na época uma cidade sob dominação russa. Oriundo de uma família judia, ultra-ortodoxa. Era escritor e jornalista. Começou a escrever em hebraico mas, graças às influências do grande escritor I. L. Peretz, passa a escrever em ídiche. Recebeu o prêmio Anisfield-Wolf Book Award, consagrando-se como o maior escritor ídiche. Morreu, em Londres, no dia 10 de julho de 1957.

assemelha à liberdade” (AUGÉ: 2015, p.107). Assim como Maria Antonieta, Mary Stuart e Fouché, Stefan Zweig, por meio dessas personagens históricas e de suas vidas, trilhou obstinado o caminho do ocaso. Atravessou todos os momentos atormentados do início do século XX, que lhe retalharam a alma, com ousadia, narrando fatos da vida de seus biografados. Fatos estes que acabariam testemunhando a sua própria vida. Como disse seu amigo Klaus Mann, Zweig era “o sonâmbulo”, um homem que estava além: “além das convivências e aparências”.

A Zweig restou-lhe viver a vida, longe dos amigos que tanto estimou. Decidiu-se, então, pela biografia de um filósofo que dele se aproximava por ser um crítico da condição humana. Michel Eyquem de Montaigne foi o seu novo inspirador. Por meio do mestre da resignação, que Zweig se submeteu à vontade do destino, desconstruindo a ideia de covardia e a transformando em resistência.

Montaigne reinou absoluto nas últimas semanas, e nos seus apontamentos sobre o protoensaísta, Zweig tenta afirmar a sua soberania existencial: “eu me estudo a mim mesmo, sou o meu metafísico” [médico]. (DINES: 2012, p.643)

Quarta-feira, dia 27 de agosto de 1941. Depois de doze dias de viagem, Stefan Zweig chegou ao porto do Rio de Janeiro. Ele encontrou uma carta, encaminhada de Nova York, de seus cunhados Hanna e Manfred Altmann e a respondeu, dizendo que chegaram sem problemas e que estavam felizes em uma “atmosfera um pouco mais calma” (DAVIS & MARSHALL: 2010, p.181). O Brasil fizera com que ele, aparentemente, se sentisse reanimado. Significava reencontrar uma civilização que ignorava a perversão ariana. Era o país que lhe oferecia um alívio:

[...] livre do peso do ódio, o ódio que perseguia num cerco infernal surpreendendo-o em todos os lugares onde julgasse encontrar a paz. Respirar-lhe-ia com toda a vontade o ar se não estivesse corroído interiormente pela doença da alma. Incurável e mortal. O sol, a luz, a exuberante beleza do Brasil não o poderão ajudar. Zweig é habitado pela dor e pelo desespero (BONA: 1999, p.334).

Stefan Zweig soube o quanto a Europa se tornara terra esgotada, maltratada e agonizante, entretanto, no Brasil, o escritor se sentiu repleto de nostalgia e que só conseguia “enxergar o desabar do mundo em cima dele”

(DINES: 2012, p.511). Zweig escreveu “Brasil, país do futuro” ao mesmo tempo em que traçou suas memórias. Em outubro, lançou o livro sobre o Brasil, que foi recebido com reações contraditórias: lisonja e reprovação e, em meados de novembro, um outro livro, “Autobiografia: o mundo de ontem”. Foi um homem que acreditou na visão idílica e da suposta harmonia do Brasil, o que o motivou a crer no futuro; por outro lado, um homem magoado, em agonia, que redigiu as páginas sobre a Europa que viveu e que fora destruída pela irracionalidade, pelo fanatismo de duas Grandes Guerras.

Em "Autobiografia: o mundo de ontem", Zweig não descreveu a si próprio. Ele desenhou o mundo da maneira que o conheceu, não contendo nenhuma mensagem de esperança. “O mundo de ontem” foi uma obra marcada pelo fatalismo, é o seu testamento para humanidade. O propósito de Zweig foi mencionar que:

[...] entre as pessoas que encontrou e que conhecia, as que contribuíram para mudar a face do mundo [...], em contrapartida, a história da Europa entre 1880 e 1939 são representados em largos traços, associados a lembranças pessoais e percepção intuitiva da significação real da atualidade política. As poucas datas e fatos históricos citados nem sempre possuem grande exatidão [...], mas , como em suas biografias, o artista historiador, utilizando a história como um meio artístico, consegue reviver a emoção e a atmosfera de uma época. (PRATER: 1991, p.314)

Ele deixou claro, nas últimas linhas da “Autobiografia: o mundo de ontem”, que viu de repente diante dele a própria sombra, “assim como via a sombra de outra guerra atrás da atual”. Essa obscuridade não se afastou mais dele, o consumiu em seus pensamentos.

[...] talvez seus contornos escuros também estejam em algumas folhas deste livro. Mas toda sombra é, em última análise, também filha da luz. E só quem conheceu claridade e trevas, guerra e paz, ascensão e decadência viveu de fato. (ZWEIG: 2014, p.385).

Já o seu livro “Brasil, um país do futuro”, recebeu análises ferozes feitas pelo poderoso chefe de redação, Pedro da Costa Rego⁴⁰, do Correio da

⁴⁰ Pedro da Costa Rego nasceu em Pilar, Alagoas, 12/03/1889 e faleceu, no Rio de Janeiro, em 6/07/1954. Jornalista e político brasileiro. Concluiu seus estudos no Colégio São Bento. Escreveu nos jornais Gazeta de Notícias e Correio da Manhã. Em 1912 foi secretário de agricultura. Elegeu-se deputado federal pelo Partido Democrático, de 1915 a 1918, de 1921 a 1923 e em 1923 tornou-se redator-chefe do Correio da Manhã. De outubro a dezembro de 1928, ocupou, uma vez mais, a cadeira de Deputado Federal. Foi governador de Alagoas no período de 12/06/1924 a 7/06/1928, além de

Manhã, jornal de grande circulação no Rio de Janeiro, que classificava Stefan Zweig primeiro como “frívolo”, depois como “escritor engenhoso” e na última linha, arrebatado pela cólera, conferiu-lhe o título de “plumitivo da moda”. Alguns intelectuais e críticos brasileiros acusaram-no de ligação com o Estado Novo do presidente Getúlio Vargas e de ter recebido benefícios do governo ditador, inclusive financeiros, para permanecer no Brasil.

Jorge Amado: “não li *Brasil, um país do futuro* e igual a muita gente, condenei o livro no escuro, puro sectarismo. Achávamos, os escritores de esquerda, que o livro fora encomendado pelo DIP⁴¹”.

Carlos Drummond de Andrade: Foi encomenda, era o que se falava

Rubem Braga: “Corria que foi encomenda. (DINES: 2012, p.475).

As críticas mordazes seguiram o rumo das interpretações levianas. No artigo “Os milhões de Zweig”, publicado no Correio da Manhã, de 06 de agosto de 1941, Costa Rego, depois de chamar o autor de “um homem de sua raça” sugeriu que era milionário:

que o escritor seja milionário ou, sendo judeu, capaz de seduzir milhões. Fascinado pela ausência de discriminação e preconceitos raciais (ao contrário do que acontecia na Europa) Zweig refere-se aos “milhões de negros” e, mais adiante, aos “milhões de italianos, alemães e até japoneses que vieram como colonos” e conviviam pacificamente com os brasileiros. [...] “Só devemos agradecer-lhe tanta amizade [pelo Brasil] soprando-lhe nos ouvidos as falhas e imperfeições do seu livro. (DINES: 2009, p.169)

No dia seguinte, Costa Rego publicou “Voltando a Zweig...”, referindo-se à paixão dos brasileiros pelo jogo do bicho que era tolerado pelas autoridades nacionais, há mais de meio século e do exagero do escritor por usar a cifra emocional de “milhões”:

Ao passo que uma planície triste e sem encantos o trabalho é a coisa única que salva o homem da tristeza da vida, numa natureza tão rica, exuberante de frutos e que dá beleza, dá felicidade, a vida não desperta tão intensamente, como entre nós europeus, o desejo de enriquecer. A riqueza, no modo de ver do brasileiro, não é absolutamente o acúmulo penoso de dinheiro poupado graças a

senador de 1929 a 1930 e de 1935 a 1937. Em 1935 reelegeu-se senador pelo Partido Progressista de Alagoas. Participou em 1945 da primeira reunião do diretório nacional da União Democrática Nacional (UDN). Em 1951 foi delegado brasileiro na Assembléia Geral da ONU, em Nova York.

⁴¹ DIP, Departamento de Imprensa e Propaganda. Órgão responsável pela propaganda no governo Getúlio Vargas.

inúmeras horas de trabalho, não é o resultado dum esforço frenético e enervante. O dinheiro é algo com que se sonha: tem que vir do céu, e, no Brasil, é a loteria que substitui o céu. A loteria no Brasil é uma das poucas paixões manifestas desse povo exteriormente calmo; é a esperança quotidiana geral de centenas de milhares ou *de milhões* de pessoas. A roda da fortuna gira todos os dias. Por todas as partes, em todos os cafés e bares, nas ruas, a bordo e nos trens, oferecem-se bilhetes de loterias. Todo brasileiro os compra com o que lhe sobra do seu salário, o oficial de barbeiro, o engraxate, o carregador, o empregado e o soldado. A determinada hora da tarde, vê-se grande multidão de pessoas diante do local de extração, em todas as residências e casas comerciais estão ligados os rádios, a expectativa de uma cidade inteira, ou melhor, do país inteiro está voltada naquele momento para um único algarismo e um único número. As classes mais elevadas, por sua vez, jogam nos cassinos, e quase toda estação de águas, quase todo hotel de luxo tem o seu cassino. Cassinos existem aqui às dúzias e raramente se vê neles uma mesa de jogo sem muitas pessoas em volta. CORREIO da MANHÃ, 07/08/1941 (DINES: 2009, p. 172)

Ao contrário das críticas recebidas, Zweig viu no Brasil uma possibilidade de esperança para o mundo. Ele acreditava na convivência pacífica dos homens, apesar das muitas diferenças. Como ele escreveu em “Brasil, país do futuro”, o país era o exemplo do “experimento magnífico” de convivência pacífica, que resolveu de maneira tão feliz e exemplar as diferenças de raça, classe, cor, acrescentando:

[...] a nenhum outro país senão o Brasil ele se impôs em uma constelação tão complicada, e nenhum outro país – e é como grato testemunho disso que escrevo este livro – conseguiu resolvê-lo de maneira tão feliz e exemplar como o Brasil. Uma maneira que, na minha opinião, não requer apenas a atenção, mas também a admiração do mundo. (ZWEIG: 2013, p.17 e 18)

Zweig assustado, como de costume, respondeu às acusações deixando o Rio de Janeiro e encastelando-se, na cidade histórica e provinciana de Petrópolis. Para Stefan Zweig, a cidade imperial o remetia a Salzburg. Os chalés eram de madeiras pintadas de cores pastéis, com telhados de beiral rendado, sacadas floridas e janelas cuja lâmina tinha recorte de coração, exatamente como as residências do Tirol, e da Baviera. Zweig alugou, por seis meses, uma casa simples, na Rua Gonçalves Dias, número 34.

Durante boa parte de sua vida, o escritor estivera dividido entre o desejo, a solidão e a necessidade do convívio social. Como os amigos estavam dispersos pelo mundo, Zweig viveu o almejado isolamento.

Esse afastamento social favoreceu ao projeto de produção literária. No entanto, como deixara, na Inglaterra, manuscritos inacabados sobre Balzac, voltou-se para Montaigne. Na dúvida se trabalharia nas biografias de Balzac ou de Montaigne, acabou por decidir-se por este último:

[...] estou lendo muito agora, e com prazer, é outro Erasmo (melhor), um espírito roborativo. Mas não existe por assim dizer nada sobre ele aqui, e nem sei se conseguiria os livros na América: é necessário impregnar-se da atmosfera de uma época para compreender os homens que nela viveram. (ZWEIG: 1991, p. 320)

No Brasil, existiam poucos exemplares de obras sobre Montaigne. Friderike, que morava em Nova York, resolveu encorajar Zweig a empreender esse novo trabalho. Ela tinha acesso às bibliotecas, que lhe faziam falta no Brasil, e enviou-lhe uma seleção de obras do referido autor.

Retornando à Petrópolis, uma edição antiga dos “Ensaio” fora descoberta no porão. O interesse por Montaigne era aparentemente devido à casualidade, mas não era verdade. Montaigne era um escritor cuja importância só se pode avaliar depois de viver os anos, depois de experimentar o tempo e as desilusões da vida. A leitura o absorveu completamente.

Próximo ao seu sexagenário, Stefan Zweig escreveu ao seu amigo Koogan, pedindo que não desse conhecimento público dessa data, uma vez que para “os judeus não há mais honraria nestes dias, já é o bastante se conseguem sobreviver” (PRATER: 1991, p.321). Ele também solicitou a Friderike que não lembrasse a ninguém da data de seu aniversário.

No dia 28 de novembro de 1941, Zweig completou sessenta anos de idade. Eram poucos os amigos presentes. Em sua companhia, além de Lotte, estavam Abrahão Koogan, Cláudio de Souza⁴², Ernest Feder⁴³ e esposa. Koogan o presenteou com um cachorro fox-terrier, que recebeu o nome de Plucky; Lotte conseguiu, em um sebo, na Rua São José, uma edição completa

⁴² Cláudio Justiniano de Souza nasceu em São Roque, SP, em 20/11/1876 e faleceu no Rio de Janeiro 28/06/1954. Foi um importante acadêmico, um escritor e dramaturgo brasileiro, tendo presidido a Academia Brasileira de Letras em duas ocasiões (1938 e 1946). Fundador do PEN Clube.

⁴³ Ernst Feder nasceu em 23/08/1881, Berlim, Alemanha e morreu em 29/03/1964, em Berlim. Jurista e editor responsável de política do Berliner Tageblatt por muitos anos. Foi um dos jornalistas alemães mais prestigiosos e internacionalmente conhecidos. Exilou-se na França, chegou, em 1941, junto com sua esposa Erna, ao Rio de Janeiro. Foi amigo de Herbert Moses, Samuel Wainer, Rui Ribeiro Couto, Augusto Meyer, Sérgio Buarque de Holanda e Edgar Roquette-Pinto. Tornou-se famoso no mundo inteiro por ser o cronista da vida e morte de Zweig no Brasil.

de Balzac, e Friderike enviou-lhe a obra prometida, que chegaria mais tarde. Ernest antecipou-se e emprestou a Zweig alguns livros de Montaigne, uma coleção mais nova, que havia trazido consigo para o exílio no Brasil. Zweig agradeceu aos seus amigos pelas felicitações e ofertou-lhes um poema. Os versos exprimiram o abatimento de um homem que não mais acreditava no propósito que sempre perseguira: o de posturas éticas que atribuíssem a maior importância à dignidade, aspirações e capacidades humanas, particularmente a racionalidade.

Torturado, esperava que seu espírito não tivesse mais a firmeza suficiente para encarar os precipícios que se apresentavam diante dele. E assim escreveu “Os agradecimentos do sexagenário”:

Mais doce é a dança das horas
Quando os cabelos já estão grisalhos.
É na hora em que a taça está vazia
Que se pode ver o ouro no fundo.
O pressentimento da treva iminente
Não assusta, mas consola!
Só quem pode apreciar a alegria de
Contemplar o mundo
É aquele que não deseja mais nada,
Que não pergunta mais onde chegou,
Que não lamenta mais o que perdeu
E para o qual envelhecer nada mais é
Que o prenúncio da partida.

A vista nunca é mais cintilante e livre
Do que à luz do poente.
Nunca se ama à vida mais sinceramente
Do que à sombra da renúncia. (SEKSIK: 2015, p. 83)

Stefan Zweig anunciava, mais uma vez, a inaptidão de conformar-se com a qualidade de exilado. Foi no país tropical que ele redescobriu Montaigne e a possibilidade de consolo para seu espírito. Zweig retomou a atividade literária, trabalhando na biografia do filósofo. Encontrou-se, no final do ano de 1941, no

Rio de Janeiro, com o crítico literário francês e editor dos ensaios de Montaigne, Fortunat Strowski⁴⁴, que estava em visita ao Brasil.

O escritor buscou, nas biografias de personagens franceses, modelos polêmicos que lidam com a questão trágica. A finalidade era de alcançar a compreensão de si próprio, nos momentos difíceis de guerras e incompreensões. Lutou para manter-se fiel aos seus princípios de sobriedade e concórdia. Seria, como nos diz Krausz⁴⁵, uma questão crucial para o autor:

[...] no olhar de Zweig, é como preservar a integridade interior contra os ataques do mundo externo, e como conservar intacta a “cidadela” da qual Goethe fala em suas obras. Montaigne renuncia ao mundo exterior, recolhe-se à sua biblioteca e às suas meditações, busca seu eu interior, e ainda assim acaba desempenhando um papel central na pacificação de uma França dilacerada pelo ódio entre católicos e huguenotes⁴⁶. (ZWEIG: 2015, p.11)

Stefan Zweig assemelhou-se a Montaigne pelo ímpeto da busca contínua, em uma constante renovação, que “representa uma forma superior de viver a vida” (DINES: 2012, p.498). Era a voz que Zweig gostaria de possuir. Ele acreditou que ser sucessivamente o outro seria ser sempre ele mesmo. Assim como Montaigne, Zweig não buscou o Eu, mas o humano: “Não se vê o mundo olhando apenas para o próprio umbigo [...] mas para ver como outros homens fizeram para pôr seu Eu em meio aos outros” (ZWEIG: 2015, p. 66).

Esse ponto de vista acolheu a ideia de autocrítica de Zweig, pois foi a única fórmula que justificou a sua existência, como ele próprio afirmou: “a coisa mais importante do mundo é saber pertencer a si mesmo” (ZWEIG: 2015, p.71). Zweig tornou-se, assim como Montaigne, o homem da torre, aquele que busca o autoconhecimento, um ser livre e que deseja tornar-se cada vez mais livre. O ser acastelado, aquele que esteve disposto a “emprestar-se; jamais,

⁴⁴ Fortunat Strowski nasceu em Carcassonne, em 16/05/1866 e morreu em Cervières, em 11/07/1952. Era de família judia originária da Galícia, província do Império Austro-Húngaro. Em 1906, Strowski editou os “Ensaio de Montaigne” (cópia da 5ª edição, com adições das próprias mãos de Montaigne, preservados na Biblioteca de Bordeaux), além de uma publicação póstuma de 1595 dos ensaios. Em 1930 foi nomeado professor de História Contemporânea Francesa, na Universidade de Sorbonne. Em 1939, ele assumiu uma cátedra na nova Universidade do Brasil.

⁴⁵ Luiz S. Krausz nasceu em São Paulo capital, em 1961. Escritor e tradutor. É professor de literatura hebraica e judaica na Universidade de São Paulo (USP).

⁴⁶ Huguenotes era o nome dado aos protestantes franceses durante as guerras religiosas na França, na segunda metade do século XVI. Cerca de 300.000 deles deixaram a França, após as *dragonnades* que foram as perseguições contra as comunidades protestantes, sob Luís XIV e a revogação do Édito de Nantes, em 18 de outubro de 1685. Eram majoritariamente calvinistas e membros da Igreja Reformada.

porém, a dar-se. Ele sempre resguardou o que havia de melhor em cada um de seus modos de viver, o que havia de genuíno em seu ser.” (ZWEIG: 2015, p.24)

A intenção de Stefan Zweig foi manter-se livre em momentos de cólera e em tempos de loucura das massas; era conservar-se humano nas ocasiões de desumanidades. Essa tomada de posição foi uma maneira de procura genuína do não lugar, que Zweig nunca alcançou.

Dezembro de 1941, sexta-feira, dia 7. Em resposta ao ataque japonês a Pearl Harbor, os Estados Unidos entraram em guerra. O escritor submergiu em pessimismo, porque ele não sabia mais em qual país dos quatro continentes poderia manter-se neutro. As indagações de Montaigne ressoaram em Zweig:

[...] como me manter livre? Como proteger, a despeito de todas as ameaças e de todos os perigos, em meio à fúria das facções, a lucidez incorruptível do espírito? Como manter intacta a humanidade do coração em meio à bestialidade? Como me subtrair às exigências tirânicas que o Estado, ou a igreja, ou a política, querem me impor contra a minha própria vontade? Como me preservar para que eu não vá, com minhas próprias palavras e minhas ações, mais além do que intimamente quer meu eu mais íntimo? Como defender essa parcela única e inigualável do meu eu, o qual reflete o universo a partir de um ângulo único, da aceitação de medidas regulamentadas e decretadas por outrem? Como proteger minha inalienável alma e a matéria da qual ela é feita e que só a mim pertence? (ZWEIG: 2015, p.22)

O que Stefan Zweig e Montaigne desejaram para si foi encontrar o limite. O limite do respeito ao espaço dos outros para que os outros pudessem respeitar o seu próprio espaço. Era preciso “zelar pela liberdade de nossa alma e não a comprometer senão em circunstâncias excepcionais, as quais são poucas se julgamos com sanidade” (ZWEIG: 2015, p.72).

Uma semana após os ataques dos japoneses a Pearl Harbour, Zewig escreveu para Friderike, que estava nos Estados Unidos, informando-lhe de que tudo estava calmo, aqui no Brasil, mas que ele acreditava, cedo ou tarde, o país se engajaria na guerra. Fica claro o seu desencanto pela vida. Zweig mergulhou no desespero e o sentimento de total incompreensão o devastava:

Tenho um contrato até o final do mês de abril, mas infelizmente o tempo está passando com uma rapidez assustadora. A época em que eu tinha uma casa, livros, parece-me muito longínqua, e sei que tudo está perdido para sempre... daqui a dois meses Petrópolis escapará à solidão, a ideia de rever as pessoas me assusta (não gosto de falar,

ninguém compreende nossa situação). É preciso ter passado por isso. (PRATER:1991, p.326)

Em carta datada de 31 de dezembro de 1941, para Hannah e Manfred, Zweig expôs, com maior evidência, o seu ceticismo diante da vida: “não podemos esquecer que vivemos a maior catástrofe da história e que é um milagre que a vida continue em meio a esta provação” (DAVIS & MARSHALL: 2010, p. 226).

O ano de 1942 iniciou de forma sombria. No período de 12 de janeiro a 6 de fevereiro, submarinos alemães afundaram cento e vinte navios aliados nas proximidades de Nova York. Nesse mesmo período, treze navios brasileiros foram atingidos, no Caribe, pela ofensiva alemã. O governo brasileiro de Getúlio Vargas, após a Conferência do Rio de Janeiro, em 28 de janeiro, decidiu romper relações diplomáticas com as potências do Eixo, formadas pela Itália, Alemanha e Japão, alinhando-se aos Estados Unidos. Em seguida, um decreto oficial foi publicado, proibindo que as pessoas falassem o italiano, o alemão e o japonês.

Stefan, Lotte Zweig e o casal Feder foram ao Rio de Janeiro passar o carnaval, na companhia do amigo Cláudio de Souza. Chegaram na segunda-feira, dia 16, mas na terça-feira, 17, Stefan Zweig leu no jornal a notícia de que os ingleses tinham perdido a Batalha de Cingapura. Para Zweig, a contínua expansão de Hitler era cruel:

Não só a guerra se estende inexorável, incendiando, um após outro, todos os países e continentes, mas também a progressão dos nazistas se acelera, forçando aqui um recuo, ali a retirada dos aliados enfraquecidos, que todos os dias cedem um pouco de terreno. (BONA: 1999, p. 356)

Na percepção de Zweig, o carnaval no Rio de Janeiro mostrava-se uma galhofa diante do beligerante e grave momento. Sua atitude foi, imediatamente, retornar a Petrópolis.

Mais uma vez Zweig percebeu a sua sombra diante dele, como descrevera no último parágrafo de “O mundo que eu vi”:

Desde então essa sombra nunca mais me abandonou, tem envolvido todos os meus pensamentos, de dia e de noite; talvez também seus contornos escuros estejam sobre muitas páginas deste livro. Mas

toda sombra é, em última análise, filha da luz. E só quem conheceu a claridade e as trevas, a guerra e a paz, a ascensão e a descida, viveu de fato. (ZWEIG: 1956, p.396)

Oprimido pela dor e melancolia, o escritor sabia que não existia mais lugar para um intelectual, como ele, exercer seu ofício em pleno vigor. Deve-se pensar, em particular, sobre o papel de Stefan Zweig em relação à construção da imagem do intelectual. Há um fio sensível que liga o escritor ao seu papel diante da intelectualidade: a ideologia. A ideologia obrigou-lhe a uma tomada de consciência que lhe garantiu uma transformação, aparentemente natural, mas na verdade esteve repleta de intenções. Como nos disse Nietzsche, “Deus está morto” e para Zweig, Deus havia morrido, há muito tempo. Não existia outra alternativa que não fosse seguir o conselho de Montaigne: “se não se pode suprir os próprios males, deve-se pôr fim a eles”. Contudo, a decisão de Zweig em se “encastelar”, nele despertou um conflito maior, porque para pertencer à comunidade intelectual devia-se participar de redes de interconhecimento e interreconhecimento, porém, isolando-se, ele se encontrou em uma encruzilhada. Como nos disse Leclerc, “o intelectual isolado não existe. Ser um intelectual é pertencer, conscientemente e de alguma maneira, à coletividade dos pares” (p.73). Stefan Zweig optou por abandonar o exercício de participação ativa na rede, o que o colocou, claramente, no não-lugar. Assim declarou, em escusas a Cláudio de Souza, quando convidado a participar da Ceia de Natal dos escritores do PEN Clube de 1941:

Impossível para mim, quando meus camaradas e compatriotas na Europa sofrem tão terrivelmente, assistir a qualquer coisa que ocorra dentro de moldura alegre e luxuosa. É um caso de consciência. Sinto-me feliz por ter o privilégio de viver e trabalhar neste país duplamente abençoado, pela beleza e paz. Mas quero evitar – diante de mim mesmo – tudo o que tenha o caráter de gozo e prazer. Sem ter perdido parente algum, estou de luto. De luto pela Europa, pela humanidade. Perdoe meu afastamento, como a uma pessoa que perdeu o que lhe era mais caro na vida. (DINES: 2012, p.526)

Zweig não deixou transparecer a renúncia de seu interesse pela vida. Ele utilizou seu sofrimento como escudo e em comum com Montaigne, ele sabia que “um espírito sem meta perde a si mesmo” (ZWEIG: 2015, p.60). No dia 18 de fevereiro, escreveu uma carta para Friderike, em que confessou estar muito deprimido e triste:

Cara Friderike,

Não tenho nada mais a lhe escrever além dos meus pensamentos mais afetuosos. Assisti a pouco ao fantástico carnaval do Rio, mas estava muito afastado dessa festividade, estou mais deprimido que nunca. Não nos voltaremos mais às coisas do passado, e o que nos espera agora nunca mais nos devolverá o que aquela época nos ofereceu. Continuo trabalhando, mas com um quarto das minhas forças, mais para prosseguir um velho hábito que para criar o que quer que seja. Precisamos estar convencidos para convencermos, sermos entusiastas para estimularmos os outros, e onde encontrar tudo isso agora? Meus melhores pensamentos são para você, e espero que suas filhas consigam boas situações e possam prosseguir: elas certamente verão um mundo melhor depois deste. Espero que você esteja cheia de entusiasmo e em ótima saúde, e que Nova York e sua diversidade lhe proporcionem um pouco de sua riqueza artística. Aqui, eu tinha apenas a natureza e bons livros, bons velhos livros que leio e releio.

Seu, Stefan. (PRATER: 1991, p.333)

No dia 19, retornou ao Rio de Janeiro para encontrar seu advogado Dr. Samuel Malamud⁴⁷, para quem entregou o seu testamento. Retornando a Petrópolis, no mesmo dia, iniciou a preparação de seu espólio. Ele havia perdido o que era essencial: a paixão, o princípio, segundo Montaigne, que move o ser humano. Stefan Zweig escreveu, em francês, sua última carta para o amigo Romain, falando de quanta falta sentia dos amigos e de suas inquietações: “[...] caminho como se usasse muletas... Invejo sua energia inesgotável; eu balanço a cada golpe de vento, [...] Uma árvore sem raízes é uma coisa bem oscilante, meu amigo...” (PRATER: 1991, p.334).

Os dias que se seguiram foram de discretas despedidas. No dia 21, sábado, Zweig telefonou para o escritor Dominique Braga⁴⁸, para Cláudio de

⁴⁷ Samuel Malamud nasceu na Ucrânia, então parte do Império Russo, em 21/07/1908 e morreu no Rio de Janeiro, 11/03/2000. Chegou ao Brasil, no Rio de Janeiro em 15 de novembro de 1923 - momento que marca a intensificação da imigração de judeus para o país, vindos da Europa Oriental fugidos dos ataques violentos às pessoas, com a destruição simultânea do seu ambiente (progrons). Ingressou na Faculdade de Direito, da atual UFRJ em 1929, concluindo o curso em 1932. Dedicou-se a atuação dentro da comunidade judaica, participando ativamente da direção e fundação de entidades juvenis, culturais, beneficentes e educacionais, além de organizações de representação judaica. Atuou como secretário e vice-presidente do Centro Hebreu-Brasileiro de Socorro aos Israelitas Vítimas da Guerra, criado em 1943. Foi um dos fundadores da Sociedade Israelita Brasileira de Organização, Reconstrução e Trabalho do Rio de Janeiro, cujo executivo presidiu nas primeiras gestões até 1948, quando lhe foi concedido o título de Presidente Honorário, reassumindo a presidência em 1968, cargo no qual permaneceu até seu falecimento. Em julho de 1948 foi nomeado Oficial de Legação e em abril de 1949 tornou-se primeiro Cônsul Honorário do Estado de Israel no Brasil, cargo em que permaneceu até março de 1952. Foi casado com Anita Malamud com quem teve dois filhos e quatro netos.

⁴⁸ Dominique Braga fez sua carreira literária em Paris. Nasceu em 13/05/1892, em Paris, morreu em 15/04/1975, em Sevran (Seine Saint-Denis). Foi importante crítico literário.

Souza e fora à casa de Strowski, que morava em Petrópolis, mas não o encontrou. Escreveu várias cartas de despedida para seus amigos. A carta mais explícita e onde deixava clara a sua intenção foi para seu querido amigo Koogan, onde dizia que havia chegado ao limite de suas forças e se desculpava pela tristeza que causaria ao amigo: “Peço-lhe que meu enterro seja tão modesto e privado quanto possível” (PRATER: 1991, p. 338).

O casal também desejou rever os amigos Ernesto e Erna Feder e os convidou para um encontro, às vinte horas, em sua casa. Ernest Feder (1964) relatou os últimos momentos daquela noite e o sentimento de Zweig sobre o seu exílio. Era o mesmo que sentia o poeta alemão Henrique Heine, de origem judia, mas que se convertera ao cristianismo luterano e fora exilado em Paris, primeiro voluntariamente, depois compulsoriamente, por estar associado ao movimento da Jovem Alemanha de 1835. Heine, considerado subversivo, foi proibido de voltar a viver na Alemanha e permaneceu exilado na França:

Fazeis por ventura, ideia do que seja o exílio material, mas o espiritual só o pode sentir bem o poeta alemão que se veja forçado a falar e escrever francês, à noite, junto ao coração de sua amada. Meus pensamentos são outros tantos exilados, exilados em língua estrangeira. (FEDER, 1964, p.197)

Stefan Zweig queixou-se, sempre, de um cansaço após anos de errância. As suas contradições, os caminhos sinuosos de sua vida e a busca pelo lugar o conduziam a um único lugar, aquele que Montaigne propusera: “Viver é ser escravo, portanto a liberdade de morrer é necessária.”. Zweig, já não compartilhava as palavras de Rilke: “o essencial é sobreviver”. Todas as cartas que escrevera encontravam-se sobre sua escrivaninha. O cachorro Plucky, foi deixado como herança para a proprietária da casa, senhora Banfield. E, em 22 de fevereiro de 1942, escreveu a “Declaração” e seguiu para o seu último ato. Zweig iria ao encontro de um lugar sem endereço.

Antes de deixar a vida, de livre vontade e juízo perfeito, uma última obrigação se me impõe: agradecer do mais íntimo a este maravilhoso país, o Brasil, que propiciou a mim e à minha obra tão boa e hospitaleira guarida. A cada dia fui aprendendo a amar mais e mais este país, e em nenhum outro lugar eu poderia ter reconstruído por completo a minha vida, justo quando o mundo de minha própria língua se acabou para mim e meu lar espiritual, a Europa, se autoaniquila.

Mas depois dos sessenta anos precisa-se de forças descomuns para começar tudo de novo. E as minhas se exauriram nestes longos

anos de errância sem pátria. Assim, achei melhor encerrar, no devido tempo e de cabeça erguida, uma vida que sempre teve no trabalho intelectual a mais pura alegria, e na liberdade pessoal, o bem mais precioso sobre a terra.

Saúdo todos os meus amigos! Que ainda possam ver a aurora após a longa noite! Eu, demasiado impaciente, vou-me embora antes.

Stefan Zweig,

Petrópolis, 22. 2. 1942 (ZWEIG: 2018)

Stefan Zweig proclamou, sempre, que carecia de solidão e a encontrou. O escritor dialogou consigo mesmo e com o mundo, em um discurso cifrado nos exemplos de personagens históricos vencidos. A busca foi o seu alimento. Ele traduziu tudo que indicava fraqueza, transformando em força para suportar a sua errância. Foi com Montaigne que Zweig desenhou a vitalidade da natureza humana e seus caprichos. Tivera espírito superior para afrontar a desesperança do momento que lhe coube viver. O seu silêncio fora um eloquente manifesto do não lugar. Existiu em Stefan Zweig mais sinceridade e verdade, assim como na inscrição “Que sais-je?” gravada na biblioteca de Montaigne. O escritor mostrou que sentimentos morais não há somente nas linhas escritas de um livro, mas e eles existem ainda dentro da alma de muitos indivíduos. Esse sentimento encontra-se entre os homens verdadeiramente livres.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há, entre outros tantos, um nome especial na História da Literatura Mundial. Esse nome é Stefan Zweig. Poeta, dramaturgo, ensaísta, romancista, biógrafo, o mais famoso de todos os escritores emigrados da Europa do início do século XX. Zweig encontrou aqui, no Brasil, um ambiente, distante da política autoritária, dominante na Áustria e Alemanha – o nazismo. Aqui pode viver momentos mais tranquilos, em uma sociedade de aparência cordial e de suposta tolerância racial. Para percepção pública, vale dizer que o Brasil lhe era um espaço de conveniência, no qual se sentia acomodado e até feliz. Essa qualificação, no entanto, reclama definições, pois foi aqui, na pacatez suposta que Zweig, pois termo a sua aventura de desterrado, judeu sem espaço vivencial na conturbação dos meados do século XX.

“Stefan Zweig: chegar sem direção” foi um trabalho que visou a adequação do conceito de não lugar de Marc Augé (2012). Entendendo que “não lugar”, compreende todo e qualquer locus que sirva ambiência provisória, espaço de negociação precária para situações em busca de definições, o Brasil se lhe apresentou como alternativa possível. Neste sentido, a presença de Zweig nos trópicos pode ser vista como interregno entre um passado trágico, uma circunstância de produção de uma obra de busca de autoentendimento e a conclusão da inexistência de um lugar seu – e de sua esposa Lotte – na lógica do mundo moderno.

As trajetórias de suas andanças fizeram de Stefan Zweig um homem atormentado, inquieto, contraditório e insustentável. Não que lhe faltasse argumentos capazes de qualificar como “neutro”, “distante” ou simplesmente “diferente”. O entendimento de suas inesgotáveis buscas o distingue como um “caçador de si”, um incessante buscador de quem, como quer Foucault “cuida de si”. Ele passou sua vida em uma constante procura pela reconciliação política e pacificação do mundo, mas não encontrou. Na mesma senda buscou usar a literatura como chave de mediação entre suas angústias

peçoais e o plantel discursivo do mundo que o cercava. Daí sua quase obsessão pelas biografias.

O fim da era da tranquilidade, expresso em “O mundo de ontem”, proporcionou-lhe experimentar situações diversas como se desejasse fugir de si mesmo. O escritor escolheu as biografias de maneira que refletissem a sua própria opinião, a sua indignação pela suposta falência moral da Europa e o triunfo do fanatismo sobre os valores humanos. Buscou, nas biografias de personagens históricos, recuperar a dignidade e a ética por meio da dor e da desventura. Escreveu sobre a austríaca Maria Antonieta e a escocesa Mary Stuart, rainhas que mantiveram profundas ligações com a França. Também biografou sobre Joseph Fouché, personagem francês, que viveu a Revolução Francesa de 1789 e a era Napoleônica, típico político ambicioso, evidenciado pela falta de caráter, sem padrões éticos que caracterizava a degradação moral e inescrupulosa de homens que ocupavam a liderança de nações. Em conjunto essa sequência representa muito do retrato histórico que pretendia. Tal posicionamento, aliás, permite reafirmar a hipótese de que toda obra de Zweig foi uma luta pelo encontro de seu lugar no mundo.

Stefan Zweig foi capaz, num ambiente de turbulência, de pôr em xeque possibilidades de transformação dos indivíduos, segundo a lógica do tempo. Reinventou a vida de personagens notáveis, que restabeleceram a crença de que o caminho do ser humano está interligado aos fenômenos sociais ou demarcados e restritos às ações humanas. Isso, por óbvio, lhe era mote da própria trajetória. Para tanto, a estratégia subjetiva de sua vida foi permanecer em todas as situações fora do alcance da política partidária, dos esquemas de poder instituídos, percebendo as tensões, exprimindo juízo de valor sobre as épocas e aos povos, às obras e às criações com base em aspectos positivos. Segundo ele próprio, servir humilde aos propósitos humanísticos, no desejo de explicar o ideal incontestável a seu ver – a compreensão mútua entre os homens, entre suas convicções, suas culturas e nações. Com esse olhar, o autor ofereceu a seus biografados a possibilidade de redenção.

No Brasil, já em fase de esgotamento existencial, trabalhou na escritura de um ensaio biográfico a respeito do filósofo francês Michel de Montaigne, em que o espírito de seu biografado o aproximou das questões vividas em

tempos de ódio, destruição e morticínios. Acusado de covarde e omissos por não se manifestar frente a essas atrocidades, encontrou em Montaigne uma maneira de respondê-las. Foi o último livro escrito por ele, em meio a uma era de extremismo e intolerância, uma forma de consolo e de autopreservação. Stefan Zweig e Montaigne eram homens à procura de si mesmos e comprometidos com a busca da sabedoria, o que o acabaria levando a tomar a mesma decisão que o filósofo: o isolamento.

Stefan Zweig acreditava que só aquilo que é positivo é fecundo. Tal suposto, aliás, o alimentava como utopista e como derrotado, pois tendo tentado, jamais chegou a lugar nenhum. Ele lutou para manter-se livre e preservar a lucidez diante dos horrores da história europeia dos anos de 1940. Esperou encontrar no Brasil um lugar espiritual para si mesmo, onde reconstruiria os valores perdidos de sua juventude na velha Áustria como descreveu em “O mundo da segurança”. Deprimido, pessimista em relação ao futuro da Europa, não encontrou mais forças para continuar a caminhada. No dia 23 de fevereiro de 1942, Stefan e Lotte Zweig foram encontrados mortos pelas autoridades policiais, em sua modesta casa, na Rua Gonçalves Dias, número 34, na cidade de Petrópolis. Com coragem, calma e dignidade possível, Stefan Zweig foi em busca de algum lugar.

Referências Bibliográficas

AUGÉ, Marc. **Não lugares** Introdução a uma antropologia da supermodernidade, tradução Maria Lúcia Pereira. 9ª Ed., Campinas, SP. Papyrus, 2012.

BONA, Dominique. **Stefan Zweig** Uma Biografia. Rio de Janeiro: Record, 1999.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero** Feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 11ª Ed. Rio de Janeiro, RJ. Civilização Brasileira, 2016.

CAMÕES, Luís de. **Os lusíadas**. Edição integral, revista por Hernâni Cidade e Serafim Ferreira. Licença editorial para o Círculo do livro por cortesia da editora Arcádia (SARL). São Paulo, SP, p. 61. Esta oitava é a de nº 106 do Canto Primeiro.

DAVIS, DARIÉN J & MARCHAL, Oliver org. **Stefan & Lotte Zweig** Cartas da América Rio, Buenos Aires e Nova York, 1940-42. Tradução de Eduardo Silva E Maria das Graças de S. Salgado. Rio de Janeiro, RJ. Versal Editores, 2012.

DEL PRIORE, Mary. "**Biografia**: quando o indivíduo encontra a história", **Topoi**, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009.

DINES, Alberto. **Morte no paraíso** – A tragédia de Stefan Zweig. 4º Ed., ampl. – Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

_____. A rede de amigos de **Stefan Zweig: sua ultima agenda** (1940 – 1942) / Alberto Dines, Israel Beloch e Kristina Michahelles; organizador: Israel Beloch. 1ª Ed. Rio de Janeiro, RJ: Casa de Stefan Zweig – Memória Brasil, 2014.

_____. **Humanismo Judaico** na literatura na História e na Ciência, 2ª Ed. Realização do Centro de História e Cultura Judaica. Stefan Zweig, palestra realizada em 02 de julho de 2007.

FEDER, Ernest. **Diálogo dos Grandes do Mundo**. Dois Mundos Editora, LDA. Rio de Janeiro, Guanabara, 1964.

LECLERC, Gérard. **Sociologia dos intelectuais**. São Leopoldo, RS. Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2005.

MAGALHÃES, Marionilde Brepohl. **Pangermanismo e Nazismo**, A trajetória alemã rumo ao Brasil. Campinas, SP. Editora da UNICAMP/FAPESP, 1998.

OLIVEIRA & MEIHY, Joaquim Humberto Coelho e José Carlos Sebe Bom. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, Cajazeiras, v.2, n.2, in: “A vida alheia e algumas imagens dos biógrafos”, p. 234.

PRATER, Donald. **Stefan Zweig**, biografia; tradução de Regina Grisse de Agostinho. Rio de Janeiro, RJ. Paz e Terra, 1991.

PROCHNIK, George. **El exilio impossível** Stefan Zweig en El Fin del Mundo. La traducción Ana Herrera Ferrer. Barcelona, Es. Editorial Planeta, S. A., 2014.

SEKSIK, Laurent. **Os últimos dias de Stefan Zweig**. Tradução de Gilson B. Soare. 1ª Ed. Rio de Janeiro, RJ: Gyphus; França: Institut français, 2015.

SONDHAUS, Lawrence. **A Primeira Guerra Mundial**, História Completa. Tradutor Roberto Cataldo. 1ª Ed. 2ª reimpressão. São Paulo, SP. Contexto, 2015.

ZWEIG, Stefan. **O mundo que eu vi**. Tomo XV. Rio de Janeiro, GB. Ed. Delta S.A – copyright by Editora Guanabara Koogan S.A., 1956.

_____. **Autobiografia: o mundo de ontem**, memórias de um europeu. Tradução de Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

_____. **Maria Antonieta Retrato de uma mulher comum**. Tradução de Irene Aron. Rio de Janeiro, RJ. Zahar, 2013.

_____. **Maria Stuart & Jeremias**, Volume III. Rio de Janeiro, GB. Ed. Delta S.A – copyright by Editora Guanabara Koogan S.A., 1960.

_____. **Três Poetas de sua Vida e A Marcha do Tempo**. Tomo VIII Editora Delta S.A. Rio de Janeiro, RJ, 1960.

_____. **Erasmus de Rotterdam**. Porto Alegre, RS. Ed. Oficinas Gráficas da livraria do Globo, 1936.

_____. **Mendel dos livros**. Porto: Porto Editora, Portugal: Assírio & Alvim, 2014.

_____. **Joseph Fouché**: Retrato de um homem político. Tradução de Kristina Michahelles. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ. Zahar, 2015.

_____. org. Heike Muranyi. **Pequena viagem ao Brasil**. Tradução Petê Rissatti – 1 ed. Rio de Janeiro, RJ. Versal Editores, 2016.

_____. Stefan Zweig. **No país do futuro** – A biografia de um livro. Org. e textos de Alberto Dines; versão alemã Dennis Gerstenberger. Rio de Janeiro, RJ. EMC. Petrópolis, RJ: Casa Stefan Zweig: Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

_____. **Brasil um país do futuro**. Porto Alegre, RS. L&PM Editores, 2013.

_____. **Três novelas femininas**: Medo, Carta de uma desconhecida e 24 horas na vida de uma mulher/Stefan Zweig; org. Alberto Dines; tradução Adriana Lisboa, Raquel Abi-Sâmara. 1ª Ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2014.

_____. **Montaigne** por Stefan Zweig. Tradução Giovane Rodrigues. São Paulo, SP. Editora Mundaréu, 2015.

_____. **A unidade espiritual do mundo**: um grito pela paz no Brasil; textos de Alberto Dines, Klemens Renoldnern e Celso Lafer; [tradução de Kristina Michahelles]. Rio de Janeiro, RJ: Casa Stefan Zweig, Petrópolis, 2017.

_____. **Journaux 1912 -1940**. [Édités par Knut Beck et traduits de l'allemand par Jacques Legrand]. Paris, France, Fr. Belfond, 1986.

_____. **Viaje a Rusia**. Textos extraídos de Auf Reisen. Madrid, ES. Ediciones sequitur, 2014.

_____. **Declaração de Stefan Zweig**. Disponível em: <http://www.casastefanzweig.org/sec_texto_view.php?id=16>. Acesso em: 05 mar. 2018